



Universidades Lusíada

Batista, Thierry Pacheco

Novas espacialidades na habitação vernacular : o caso da aldeia do Catarredor

<http://hdl.handle.net/11067/5992>

Metadados

Data de Publicação	2020
Resumo	<p>Nesta dissertação é retratada, a partir de um princípio de análise, os diversos aspetos que fazem a arquitetura vernacular do centro do país, tendo como base projetual o caso da aldeia do Catarredor, situada na serra da lousã. É desta aldeia que parte o estudo da forma de viver o espaço, da forma de habitar e de como perpetuar o espaço arquitetónico vernacular perdido no tempo, num futuro duradouro e que respeite os valores locais e as suas raízes. Por forma a pensar a aldeia e o que seriam est...</p> <p>In this thesis the various aspects that make the vernacular architecture of the center of the country are depicted, based on a principle of analysis, having as a projectual basis the case of the village of Catarredor, located in the Serra da lousã. It is from this village that starts the study of the way of living the space, to inhabit and how to perpetuate the vernacular space lost in time, in a enduring future that is respectful to the local values and its origins. In order to think the village...</p>
Palavras Chave	Arquitetura, Arquitetura vernacular, Habitação
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	no
Coleções	[ULF-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-18T19:39:36Z com informação proveniente do Repositório



Orientador: Professor Doutor Carlos Santos

**NOVAS ESPACIALIDADES NA HABITAÇÃO VERNACULAR:
O Caso da aldeia do Catarredor**

Thierry Pacheco Batista



Dissertação para obtenção do grau de mestre em Arquitectura
pela Universidade Lusitana de Vila Nova de Famalicão

FAA - Faculdade de Arquitectura e Artes

Dezembro de 2020



UNIVERSIDADE LUSÍADA NORTE – CAMPUS DE V. N. DE FAMILICÃO

FAA – FACULDADE DE ARQUITECTURA E ARTES

NOVAS ESPACIALIDADES NA HABITAÇÃO VERNACULAR:

O CASO DA ALDEIA DO CATARREDOR

Thierry Pacheco Batista

Dissertação para a obtenção do grau de mestre em arquitetura

Orientador

Professor Doutor Carlos Manuel Jesus Santos

Vila Nova de Famalicão

Dezembro 2020

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, pelos valores transmitidos e por tudo o que são para mim.

À Maria, minha cara-metade, pela motivação e apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a todos os que ao longo destes anos acadêmicos comigo se cruzaram e contribuíram para o meu crescimento pessoal, culminando neste momento que será o salto para uma nova fase pessoal e início da carreira profissional. Não posso deixar de agradecer em especial aos meus amigos e colegas que me incentivaram nos tempos mais complicados, árduos e que não conseguiria superar sem o apoio que me foi presente. À minha família, em especial aos meus pais, que me permitiram alcançar este objetivo pessoal que, a muito custo, pelo meio do que pareceu em certos momentos difícil de alcançar.

Agradeço á Universidade em especial ao corpo docente que, ao longo dos anos de faculdade, transmitiram o seu precioso conhecimento, sabedoria e que me forneceram as ferramentas necessárias para me desenvolver.

Ao pessoal não docente da mesma, funcionários, administração e á biblioteca, pela disponibilidade e amabilidade que sempre dispuseram quando solicitadas.

De um modo particular, quero agradecer ao professor doutor Henrique Fabião pelo apoio científico e transmissão do seu vasto conhecimento na arquitetura que foram fundamentais para a execução do caso de estudo no âmbito da cadeira de projeto de 5º Ano.

Por último, e mais importante, o meu agradecimento ao professor doutor Carlos Manuel Jesus Santos, pela sua sabedoria no âmbito da arquitetura, por me ter acompanhado na realização do caso de estudo na aldeia do Catarredor e pela sua orientação nesta dissertação de mestrado.

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA.....	II
AGRADECIMENTOS.....	IV
ÍNDICE GERAL.....	V
ÍNDICE DE FIGURAS.....	VIII
ÍNDICE DE TABELAS.....	XVI
RESUMO / PALAVRAS CHAVE.....	XVII
ABSTRACT / KEYWORDS.....	XVIII
ESTRUTURA.....	XIX

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Objetivos.....	1
1.2 Motivação	1
1.3 Problemática	1
1.4 Metodologia de trabalho.....	1

CAPÍTULO 2. HABITAÇÃO NO ESPAÇO VERNÁCULO.....	3
2.1 O estado da arte.....	3
2.2 Genius Loci – O espírito do lugar.....	6
2.2.1 A arquitetura vernacular.....	6
2.2.2 O lugar e a memória.....	8
2.2.3 Conceito de habitar.....	11
2.2.4 A vivência comunitária.....	12
2.2.5 Metamorfose habitacional e as novas espacialidades.....	13

CAPÍTULO 3. ENQUADRAMENTO DA PAISAGEM DO XISTO.....	15
3.1 A paisagem.....	15
3.2 Programa Aldeias do Xisto (PAX).....	17
3.3 As aldeias da serra da Lousã.....	19
3.4 Clima.....	22
3.5 Geomorfologia.....	24
3.6 Fauna e flora.....	25
3.7 O uso do solo.....	28
CAPÍTULO 4. CARACTERIZAÇÃO ARQUITETÓNICA.....	29
4.1 O conjunto arquitetónico.....	29
4.1.1 Infraestruturas e percursos.....	32
4.1.2 A morfologia do conjunto	35
4.1.3 Tipologias habitacionais.....	37
4.1.4 Métodos construtivos	40
4.2 Análise S.W.O.T.....	44
CAPÍTULO 5. PROJETO.....	46
5.1 Proposta do Plano de Pormenor.....	46
5.1.1 Programa conceptual.....	46
5.1.2 Infraestruturas.....	59
5.1.3 Mobiliário urbano.....	60

5.2	Proposta do Projeto de Arquitetura.....	61
5.2.1	Intervenção no edifício de habitação	61
5.2.2	Opções constructivas e materialidades.....	65
	CONCLUSÃO.....	68
	BIBLIOGRAFIA.....	70
	WEBGRAFIA.....	70
	APÊNDICE.....	72

ÍNDICE DE FIGURAS

CAPÍTULO 2

FIGURA 1 – Aldeia do Catarredor, meados do séc. XX (Serra da Lousã)

Fonte: ANTUNES, A. M., GOMES, A. A., MENÉRES, A., FREITAS, A. P., ARAÚJO, A., MARTINS, A. P., ... PIMENTEL, R. (1988). *Arquitectura Popular em Portugal*. Associação dos Arquitectos Portugueses. 3ª Edição. Pág. 7 (Setembro 2020)

FIGURA 2 – Percurso acidentado (Catarredor, Lousã)

Fonte: Cedida por Filipe Martins (Análise em turma do espaço de intervenção, Setembro 2019)

FIGURA 3 – Habitação vernacular (Catarredor, Lousã)

Fonte: Cedida por Cristiana Silva (Análise em turma do espaço de intervenção, Setembro 2019)

FIGURA 4 – Percurso interior da aldeia (Catarredor, Lousã)

Fonte: Produção Própria (Setembro 2020)

FIGURA 5 – Habitação num local acidentado (Catarredor, Lousã)

Fonte: Produção Própria (Setembro 2020)

FIGURA 6 – Representação do interior da habitação serrana

Fonte: OLIVEIRA, E. V., GALHANO, F. (1994). *Arquitectura tradicional portuguesa*. Publicações Dom Quixote. 2ª Edição. Pág. 130 (Setembro 2020)

FIGURA 7 – Aldeia de Cerdeira (Lousã)

Fonte: Imagens Google (Setembro 2020)

Disponível em: <https://aldeiasdoxisto.pt/sites/default/files/covers/31525.jpg>

FIGURA 8 – Eira (Catarredor, Lousã)

Fonte: Produção Própria (Setembro 2020)

FIGURA 9 – Telheiro (Catarredor, Lousã)

Fonte: Produção Própria (Setembro 2020)

FIGURA 10 – Espaço da sala de convívio do edifício de retiro empresarial (Cerdeira, Lousã)

Fonte: Imagens Google (Setembro 2020)

Disponível em: <https://www.cerdeirahomeforcreativity.com/retiros-para-empresas-team-building>

FIGURA 11 – Sala de jantar do edifício de retiro empresarial (Cerdeira, Lousã)

Fonte: Imagens Google (Setembro 2020)

Disponível em: <https://www.cerdeirahomeforcreativity.com/retiros-para-empresas-team-building>

FIGURA 12 – Oficina da residência artística (Cerdeira, Lousã)

Fonte: Imagens Google (Setembro 2020)

Disponível em: <https://www.cerdeirahomeforcreativity.com/residencias-artisticas>

FIGURA 13 – Quarto partilhado da residência artística (Cerdeira, Lousã)

Fonte: Imagens Google (Setembro 2020)

Disponível em: <https://www.cerdeirahomeforcreativity.com/residencias-artisticas>

CAPÍTULO 3

FIGURA 14 – Fotos aéreas de localização de Portugal Continental, do distrito de Coimbra, do município da Lousã e da aldeia do Catarredor

Fonte: Google Earth (Outubro 2020)

Produção: Produção Própria

FIGURA 15 – Vista Sobre a Lousã

Fonte: Produção Própria (Outubro 2020)

FIGURA 16 – Serra da Lousã

Fonte: Cedida por Cristiana Silva (Análise em turma do espaço de intervenção, Outubro 2020)

FIGURA 17 – Mapa das Aldeias do Xisto

Fonte: Trilho dos Abutres (Outubro 2020)

Disponível em: <https://trilhos.abutres.net/info/aldeias-do-xisto/>

FIGURA 18 – Aldeia do Talasnal (Lousã)

Fonte: Imagens Google (Outubro 2020)

Disponível em: <https://mb.web.sapo.io/0d3d47bb9a1d747978c39f3bd32c04a330787d98.jpg>

FIGURA 19 – Aldeia de Candal (Lousã)

Fonte: Imagens Google (Outubro 2020)

Disponível em: https://aldeiasdoxisto.pt/sites/default/files/styles/gallery_large/public/galleries/11576-DSC_5752.jpg?itok=ukTBtOGz

FIGURA 20 – Aldeia de Chiqueiro (Lousã)

Fonte: Imagens Google (Outubro 2020)

Disponível em: <https://i1.wp.com/passaportenobolso.com/wp-content/uploads/2018/05/1525986397ab4accdaec26be25012c79d2b650da63.jpg?resize=800%2C600&ssl=1>

FIGURA 21 – Aldeia de Aigra Velha (Lousã)

Fonte: Imagens Google (Outubro 2020)

Disponível em: https://aldeiasdoxisto.pt/sites/default/files/styles/gallery_large/public/galleries/11011-DSC_3287.jpg?itok=6zIs7yxh

FIGURA 22 – Extrato de carta orográfica da Serra da Lousã

Fonte: www.topographic-map.com/maps/gnn0/Portugal/ (Outubro 2020)

FIGURA 23 – Carvalho Português

Fonte: Imagens Google (Outubro 2020)

Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2f/Quejigo_de_la_Molinera.JPG

FIGURA 24 – Sobreiro

Fonte: Imagens Google (Outubro 2020)

Disponível em: <https://imagens.publico.pt/imagens.aspx/1260057?tp=UH&db=IMAGENS&type=JPG&w=960>

FIGURA 25 – Medronheiro

Fonte: Imagens Google (Outubro 2020)

Disponível em: https://lh3.googleusercontent.com/proxy/dXOvYzHeGy1eh6wEwDbxlhsXUtoR_aHcCBqT5yVvmSA1xkLpZyQxmJTEknacBMTkq0hpq6bxQIRHfmSBpaEKr4lDh7vxD7WT_AI2MJIf0aRCK6UzkrQNcCTA41_IA2rM-6Ma2wmKx8t8GFFG97CDz4

FIGURA 26 – Castanheiro

Fonte: Imagens Google (Outubro 2020)

Disponível em: <https://www.viveirosportugal.pt/assets/img/plantas-certificadas-comercio-viveiros-portugal-castanheiro-chestnut-buy-comprar-tree-arvore-1-porta-enxerto-ca-90.jpg>

FIGURA 27 – Pinheiro Bravo

Fonte: Imagens Google (Outubro 2020)

Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/81/Pinus_sp.001_-_Islas_Cies.JPG

FIGURA 28 – Pinheiro Silvestre

Fonte: Imagens Google (Outubro 2020)

Disponível em: <https://jb.utad.pt/imagen/6493>

FIGURA 29 – Extrato da planta de ordenamento do território, PDM do concelho da Lousã (2017), escala gráfica

Fonte: CM Lousã (Outubro 2020)

Disponível em: <https://cm-lousa.pt/wp-content/uploads/2017/04/PlantaOrdenamentoClassificacaoQualificacaoSolo1Coreccao.pdf>

CAPÍTULO 4

FIGURA 30 – Planta de Apresentação da aldeia do Catarredor, escala gráfica

Fonte: Produção Própria

FIGURA 31 – Maquete da aldeia e envolvente á escala 1:1000, vista de Norte

Fonte: Produção de turma, em ambiente de estudo do espaço de intervenção (Outubro 2019)

FIGURA 32 – Maquete da aldeia e envolvente á escala 1:1000, vista de Oeste

Fonte: Produção de turma, em ambiente de estudo do espaço de intervenção (Outubro 2019)

FIGURA 33 – Maquete da aldeia á escala 1:200

Fonte: Produção de turma, em ambiente de estudo do espaço de intervenção (Outubro 2019)

FIGURA 34 – Maquete da aldeia á escala 1:200, aproximada

Fonte: Produção de turma, em ambiente de estudo do espaço de intervenção (Outubro 2019)

FIGURA 35 – Desenho dos percursos locais

Fonte: Produção Própria (Novembro 2020)

FIGURA 36 – Desenho dos percursos locais e acesso a habitação por via de escadaria

Fonte: Produção Própria (Novembro 2020)

FIGURA 37 – Planta de infraestruturas existentes, escala gráfica

Fonte: Santos Pinheiro – Arquitectos Associados, LDA

FIGURA 38 – Percurso pedonal do eixo principal da aldeia

Fonte: Cedida por Filipe Martins (Análise em turma do espaço de intervenção, Setembro 2019)

FIGURA 39 – Escadaria recorrendo ao uso de lajetas de xisto

Fonte: Cedida por Filipe Martins (Análise em turma do espaço de intervenção, Setembro 2019)

FIGURA 40 – Percurso em lajetas de xisto no interior da aldeia

Fonte: Cedida por Filipe Martins (Análise em turma do espaço de intervenção, Setembro 2019)

FIGURA 41 – Percurso pedonal accidental

Fonte: Cedida por Filipe Martins (Análise em turma do espaço de intervenção, Setembro 2019)

FIGURA 42 – Tanque comunitário

Fonte: Imagens Google (Novembro 2020)

Disponível em: https://live.staticflickr.com/7894/32446302347_790ea69d46_b.jpg

FIGURA 43 – Levada de água

Fonte: Imagens Google (Novembro 2020)

Disponível em: <https://aldeiasdoxisto.pt/percurso/4726>

FIGURA 44 – Habitação e curral no seu piso inferior

Fonte: Cedida por Cristiana Silva (Análise em turma do espaço de intervenção, Setembro 2019)

FIGURA 45 – Telheiro

Fonte: Cedida por Cristina Silva (Análise em turma do espaço de intervenção, Setembro 2019)

FIGURA 46 – Desenho das habitações tradicionais

Fonte: Produção própria (Novembro 2020)

FIGURA 47 – Cozinha, visita a uma das habitações já intervencionadas

Fonte: Cedida por Cristiana Silva (Análise em turma do espaço de intervenção, Setembro 2019)

FIGURA 48 – Entrada da Cozinha

Fonte: Cedida por Filipe Martins (Análise em turma do espaço de intervenção, Setembro 2019)

FIGURA 49 – Sala de Estar / Jantar

Fonte: Cedida por Filipe Martins (Análise em turma do espaço de intervenção, Setembro 2019)

FIGURA 50 – Corredor no piso inferior

Fonte: Cedida por Filipe Martins (Análise em turma do espaço de intervenção, Setembro 2019)

FIGURA 51 – Quarto no piso inferior

Fonte: Cedida por Filipe Martins (Análise em turma do espaço de intervenção, Setembro 2019)

FIGURA 52 – Corte construtivo

Fonte: Produção própria (Novembro 2020)

FIGURA 53 – Fachada tradicional

Fonte: Cedida por Cristiana Silva (Análise em turma do espaço de intervenção, Setembro 2019)

FIGURA 54 – Porta e lintel em madeira

Fonte: Cedida por Cristiana Silva (Análise em turma do espaço de intervenção, Setembro 2019)

FIGURA 55 – Viga cumeeira, varas e forro de madeira

Fonte: Cedida por Filipe Martins (Análise em turma do espaço de intervenção, Setembro 2019)

FIGURA 56 – Cobertura em telha canudo e lajetas de xisto

Fonte: Produção própria (Novembro 2020)

FIGURA 57 – Vão de xisto

Fonte: Produção própria (Novembro 2020)

FIGURA 58 – Lintel e janela em madeira

Fonte: Cedida por Filipe Martins (Análise em turma do espaço de intervenção, Setembro 2019)

FIGURA 59 – Ruína ainda com as vigas de piso, que dividiam a habitação (piso superior) do curral (piso inferior)

Fonte: Cedida por Filipe Martins (Análise em turma do espaço de intervenção, Setembro 2019)

CAPÍTULO 5

FIGURA 60 – Programa conceptual para a aldeia do Catarredor

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 61 – Estudo da proposta de intervenção

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 62 – Estudo da proposta de intervenção

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 63 – Planta de Implantação da zona habitacional

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 64 – Modelo 3D de estudo, vista de cima

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 65 – Modelo 3D de estudo, vista de Sudoeste

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 66 – Modelo 3D de estudo, vista da eira

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 67 – Modelo 3D da proposta, vista de cima

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 68 – Modelo 3D da proposta, vista da eira

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 69 – Modelo 3D da proposta, vista de Sudoeste

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 70 – Estudo do espaço público

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 71 – Estudo do espaço do miradouro

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 72 – Esquema dos espaços verdes

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 73 – Estudo do espaço do adro da igreja

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 74 – Estudo do mercado da aldeia

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 75 – Estudo da eira

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 76 – Estudo do espaço da praça

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 77 – Estudo de preservação do edificado

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 78 – Estudo do telheiro

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 79 – Corte do espaço do telheiro

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 80 – Esquema dos percursos locais

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 81 – Estudo da iluminação

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 82 – Estudo do mobiliário urbano

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 83 – Estudo da habitação (Piso 0)

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 84 – Estudo da habitação (Piso -1)

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 85 – Planta do Piso 0

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 86 – Planta do Piso -1

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 87 – Renderização da Sala de Estar e da divisão do WC

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 88 – Renderização do Corredor e da Sala de Estar

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 89 – Renderização do Quarto

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 90 – Renderização do Quarto, vista do Corredor

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 91 – Renderização do WC

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 92 – Renderização do Escritório

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 93 – Renderização da proposta de intervenção

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 94 – Renderização da fachada

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 95 – Renderização da vista em planta do Piso 0

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

FIGURA 96 – Renderização da vista em planta do Piso -1

Fonte: Produção Própria (Dezembro 2020)

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 – Aldeia do Catarredor (Serra da Lousã) Evolução da população nas aldeias serranas da Lousã (1885-2003)

Fonte: CARVALHO, P. (2003). **População, Território e Desenvolvimento. Análise a partir das Aldeias Serranas da Lousã**. Centro de Estudos Geográficos – Universidade de Coimbra. Pág. 9

TABELA 2 – Dados Climatológicos do concelho da Lousã

Fonte: <https://pt.climate-data.org/europa/portugal/lousa/lousa-6949/>

TABELA 3 – Dados sobre as Temperaturas médias e a Pluviosidade média no concelho da Lousã

Fonte: <https://pt.climate-data.org/europa/portugal/lousa/lousa-6949/>

RESUMO

Nesta dissertação é retratada, a partir de um princípio de análise, os diversos aspetos que fazem a arquitetura vernacular do centro do país, tendo como base projetual o caso da aldeia do Catarredor, situada na serra da lousã. É desta aldeia que parte o estudo da forma de viver o espaço, da forma de habitar e de como perpetuar o espaço arquitetónico vernacular perdido no tempo, num futuro duradouro e que respeite os valores locais e as suas raízes.

Por forma a pensar a aldeia e o que seriam estas espacialidades habitacionais vernaculares, são representados estudos áquilo que são elementos fundamentais a serem considerados: o contexto geográfico, o contexto cultural, demográfico e económico.

A análise científica realizada debruça-se na forma de habitar, quer em comunidade, como na forma de experienciar a casa, adaptando aquilo que, outrora, eram os hábitos da população aos dias de hoje, procurando integrar o homem como um elemento relacionado com a arquitetura em que se encontra inserido. O paradigma existente de abandono é que ditou a realização desta dissertação, que busca a resposta áquilo que são os problemas da habitabilidade dos espaços do interior do país, perdidos no tempo e com uma enorme carência de habitabilidade e preservação das aldeias, preservação das culturas serranas e daquilo que é o legado de múltiplas gerações serranas, presentes nestas aldeias do xisto.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitectura Vernacular; Habitação; Metamorfose Habitacional; Novas Espacialidades.

ABSTRACT

In this thesis the various aspects that make the vernacular architecture of the center of the country are depicted, based on a principle of analysis, having as a projectual basis the case of the village of Catarredor, located in the Serra da lousã. It is from this village that starts the study of the way of living the space, to inhabit and how to perpetuate the vernacular space lost in time, in a enduring future that is respectful to the local values and its origins.

In order to think the village and what these vernacular living spaces would be like, studies are represented of what are fundamental elements to be considered: the geographical context, the cultural, demographic and economic context.

The scientific analysis focuses on the way of living, both as part of a community, as in the way of experiencing the house, adapting what once were the habits of the population to the present day, seeking to integrate the individual as an element related to the architecture in which he is inserted. The current paradigm of neglected spaces is what determined the realization of this dissertation, which aims to answer what the problems of living in the countryside, lost in time and with an immense lack of habitability and preservation of the villages, the preservation of the highland cultures and of what is the legacy of multiple generations, present in these villages of the schist.

KEYWORDS

Vernacular Architecture; Housing; Housing Metamorphosis; New Spaces.

ESTRUTURA

A estruturação desta dissertação sobre a **habitação vernacular** está compreendida em cinco capítulos. Antecedendo-os, encontram-se ainda a dedicatória de cariz pessoal, os agradecimentos de cariz escolar e científico, os índices geral e de figuras, os resumos e palavras-chave tanto em português como inglês, finalizando neste próprio tema da estrutura, onde é descrita a construção da dissertação.

A **Introdução**, o primeiro capítulo, dedica-se á apresentação da temática da habitação no espaço vernacular e das matérias que a compõem, as motivações, os objetivos de estudo, a problemática e a metodologia de trabalho adotada.

O segundo capítulo, associado ao estudo da **habitação no espaço vernáculo**, pretende debruçar-se sobre o estudo da matéria da habitação, do que a compõe e da sua adaptação vernacular aos usos e costumes contemporâneos. O capítulo faz inicialmente, uma análise ao estado da arte, onde analisa casos e matérias de estudo semelhantes realizadas neste campo. De seguida, é analisado o lugar vernáculo e a arquitetura que o caracteriza, através dos fatores do conjunto construído, do território, da memória que prevalece no local, do conceito de habitação com toda a contextualização social e cultural, o espaço público e privado, a vivência que prevalece entre a comunidade e também o estudo das transformações que tem sofrido ao longo dos tempos, com o desenvolvimento do turismo nestas aldeias e da transformação que poderão sofrer.

Partindo de uma visão de análise por forma a diagnosticar e classificar as diversas realidades existentes, é realizado um **enquadramento da paisagem do xisto** no terceiro capítulo. A contextualização geral não só analisa as nuances do ecossistema, a área territorial (a paisagem) e o conjunto de seres vivos que nela habitam (fauna e flora), como o estudo das questões climáticas da região, da sua geomorfologia, do uso do solo e das aldeias da serra da lousã e do programa das Aldeias de Xisto, clarificando aquela que tem sido a posição de salvaguarda do património natural, construído e cultural.

No quarto capítulo, é tratada a **caracterização arquitectónica** do conjunto da aldeia do Catarredor, onde são levantadas e analisadas as tipologias que formalizam a realidade da Arquitectura da terra, com o estudo das infraestruturas existentes na aldeia que fornecem água canalizada/ eletricidade/ rede de saneamento, os percursos de acesso á aldeia e de circulação interna na aldeia, da morfologia que compõe o conjunto arquitectónico, das tipologias habitacionais vernaculares, da materialidade e do método

tectónico que define a vernacularidade do edificado. Ainda no mesmo capítulo é consolidada a ideia de estratégia de intervenção por forma a responder a uma solução viável e respeitadora dos valores existentes, através da construção de uma S.W.O.T.

O quinto capítulo desta dissertação denominado de projeto, formula a proposta realizada para o conjunto urbano, procurando responder em concordância com os capítulos anteriores, áquilo que são as questões fundamentais do trabalho que se pretende de projeto urbanístico e de reabilitação habitacional da cadeira de Projeto III do 5º ano de Arquitectura.

A primeira parte do capítulo retrata o desenvolvimento da proposta de Plano de Pormenor, que contempla toda a aldeia numa visão global de correlação com o que a envolve, consolidada num programa conceptual, nas infraestruturas propostas, nas materialidades, infraestruturas, e no mobiliário urbano.

A segunda parte do capítulo aborda a forma de projetar a habitação vernacular direccionada á contemporaneidade, mantendo o traçado histórico. Os pontos tratados relacionam-se com o programa e desenvolvimento conceptual da casa, (que se encontra diretamente relacionado com o segundo capítulo), o tratamento dos espaços interiores, as materialidades e as soluções constructivas do edifício.

Seguidamente ao quinto capítulo e como término da dissertação segue-se a conclusão e a bibliografia utilizada para a sua realização.

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO

1.1 OBJECTIVOS

Os principais objetivos desta dissertação são relativos á intervenção no mundo serrano através da arquitetura, tratando as questões da memória a preservar, a reabilitação dos espaços construídos ou em ruína, tendo em conta o justo tratamento do que é a arquitetura vernacular e do estudo do habitar numa aldeia serrana, abordando aquelas que são os desafios de adequação do homem ao interior, proporcionando uma valorização do património edificado e da vivência comunitária nestes espaços do interior.

1.2 MOTIVAÇÃO

A base motivacional do desenvolvimento deste tema de dissertação de mestrado está intrinsecamente associada ao tema da Arquitectura vernacular, das suas raízes, da sua reabilitação e também á minha possibilidade de trabalhar o tema em conjugação com a habitação e da experiência humana do espaço de vivência/convivência na cadeira de Projeto III de quinto ano do curso de arquitetura.

A possibilidade de ter tido dois excelentes professores que colocaram á disposição o seu vasto conhecimento na área, também impulsionou anda mais o interesse relativamente ao tema, apoiando com bibliografia, conceitos e referências que contribuíram para o sucesso deste trabalho.

1.3 PROBLEMÁTICA

A abordagem ao tema prende-se intrinsecamente á realidade existente na aldeia do Catarredor. O que se pretende é, fundamentalmente, resolver a questão da habitação no interior serrano com uma visão alargada, intervindo nos aspetos materiais, construtivos, de modo habitacional e da forma como se vive essencialmente a aldeia, desde os seus percursos internos á criação e redesenho de espaços sociais na aldeia. Tendo em conta o carácter vernacular da aldeia, pretende-se reabilitar os espaços perdidos no tempo que outrora foram habitados.

1.4 METODOLOGIA DE TRABALHO

A metodologia adotada para a realização desta dissertação sobre a questão da habitação vernacular no meio serrano foi estabelecida desde logo como base do projeto final de curso, que consiste na execução de uma estratégia de análise geral da zona,

estudando o enquadramento da paisagem do xisto até á análise da arquitetura que a caracteriza através de leituras sobre os temas, dados estatísticos e pela recolha de conceitos gerais e informação sobre a sua história.

Paralelamente a este estudo, foi feita uma visita local, desde da cidade da Lousã, á serra, às aldeias de xisto e em especial, á aldeia do Catarredor. Assim, foi possível compreender o espaço, a vivência, a realidade existente e o seu desenvolvimento no tempo até aos dias de hoje através das conversas que se ia tendo com a população local e antigos residentes da aldeia.

Na aldeia, foi possível realizar levantamentos fotográficos, desenhados e métricos do conjunto habitacional que futuramente serviriam de suporte para o desenvolvimento de uma proposta, tendo em conta os espaços públicos, o edificado, os vãos existentes e as suas materialidades.

No estudo da proposta desenhada, foi tida em importância a história e a herança cultural e arquitetónica destes locais, tomando princípios fundamentais como a memória e a preservação das ruínas existentes. Assim, seguindo o princípio metodológico que me foi passado:

- Criação de uma análise S.W.O.T;
- Criação de conceitos estratégicos de projeto;
- Definição de espaços públicos, privados, ruínas preservadas e de percursos;
- Estudo de um edifício habitacional como base do projeto de arquitetura na proposta.

Da análise e criação de uma estratégia interventiva, passou-se ao desenho de uma proposta que tratava as questões levantadas e da resolução dos problemas que foram levantados, procurando integrar a aldeia no panorama geral das aldeias de xisto.

Em coerência com toda a proposta, foi sendo realizada a pesquisa sobre o tema da habitação e da forma do homem se integrar na realidade vernacular, bem como desenvolvidos todos os restantes pontos que constituem esta dissertação.

CAPÍTULO 2. HABITAÇÃO NO ESPAÇO VERNÁCULO

2.1 O ESTADO DA ARTE

Muitas das aldeias de Xisto que hoje prezamos pela sua riqueza cultural e como espólio expressivo daquilo que são as raízes locais da região são resultado de uma forte tendência de reabilitação e de preservação do património que conta a história de um conjunto de povoados e populações que viviam da serra e para a serra, mas nem sempre foi assim. Em 1985, Paulo Monteiro dizia, “Se hoje algum lugar (tirando o Candal) não está de todo abandonado pelos seus antigos habitantes, é só porque restam vestígios, agora exóticos, do passado” (Terra que já foi terra, p. 243).

A história da relação entre este local da Serra da Lousã e o homem remonta aos primórdios do homem e sempre se fez conjugar pelo que ambos se ofereciam mutuamente.

“Existem vestígios de uma ocupação do território das Aldeias de Xisto desde tempos pré-históricos, seja nas gravuras rupestres encontradas á beira do Zêzere, na Barroca, ou nos vestígios e achados arqueológicos do período neolítico ou bronze I encontrados em Góis, só para dar dois exemplos. Romanos, Bárbaros e Árabes também por aqui deixaram os seus vestígios, em algumas pontes, calçadas e nomes de locais. Mas é na época medieval que se dá o povoamento ou a expansão generalizada das Aldeias de Xisto, algumas por se encontrarem em pontos estratégicos de rotas comerciais;(…) por necessidade de fixação para atividades pastoris e agrícolas; outras por aquartelamentos de ordens religiosas (...); e uma outra por decreto régio (...).”¹

Foi com este crescente demográfico que na Idade Média as populações se fixaram nas encostas das montanhas, pela possibilidade do usufruto do solo para a agricultura, a pastorícia e por encontrarem um espaço de salvaguarda militar no alto das montanhas.

Contudo, em meados do séc. XIX, o facto destas populações serranas viverem essencialmente do sector primário que não era suficientemente remunerado, levou a que procurassem trabalho sazonal pago em outras localidades. Segundo Monteiro, existem três vagas migratórias. Na primeira fase, os homens da terra procuraram trabalho sazonal nos latifúndios do Alentejo e nos campos por altura das ceifas na vizinha Espanha, numa

¹ (Aldeias de Xisto. SET 2020. História, uma história que hoje se veste de futuro. Retirado de <http://aldeiasdexisto.pt/category/história>)

segunda fase viveu-se uma vaga de êxodo rural para Lisboa, e numa terceira fase, “um pouco difícil de delimitar” (p. 83) a população procurou emigrar para o Brasil em busca de enriquecer e poder retornar com a possibilidade de uma melhor qualidade de vida, embora muitos dos mesmos ficaram enraizados no país, por lá ficando. Os que voltaram, encontraram nas suas aldeias de xisto, terra de origem, um panorama de abandono generalizado onde a população tinha, como eles, procurado melhores condições de vida noutra região, ou tinham já falecido. Apenas ficaram os resistentes. Desses resistentes, deles ficam os testemunhos que sustentam e suportam aquilo que, de onde não existem registos, se sabe sobre a vida desta população.

Nos dias que correm e como resultado de uma mudança paradigmática de mentalidade relativamente á conservação e preservação da arquitetura vernacular, observam-se cada vez um maior interesse generalizado na reabilitação destes espaços com fins turísticos quer por particulares, quer por programas financiados pelo estado tal como Portugal2020, Centro2020, PROVERE, a ADXTUR, Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias de Xisto implementado em 2000, como também por parte de fundos europeus para o desenvolvimento regional.

O panorama habitacional destes espaços abandonados tem sido analisado também através de Projetos de Operação de Reabilitação Urbana Simples realizados pela Câmara Municipal da Lousã, procurando viabilizar uma estratégia de reabilitação urbana uniforme para todo o conjunto das aldeias de Xisto.

As aldeias da Cerdeira e do Talajnal são exemplos positivos desta abordagem, onde se delineiam as opções estratégicas e o modelo de gestão e execução. Num modo geral, estes programas apostam em:

- Reforçar as políticas de reabilitação e requalificação das Aldeias de Xisto;
- A promoção da proteção e valorização do património edificado como fator de identidade;
- Promoção do Turismo;
- Potencialização da reabilitação e revitalização do edificado em ruínas;
- Melhoria das qualidades habitacionais nestes espaços, procurando incentivar a reocupação;

-Procurar dinâmicas de investimento com vista á melhoria do estado de conservação do edificado, com a disponibilização de incentivos de natureza fiscal e financeiro.

Os trabalhos científicos realizados com a finalidade de preservar e reabilitar estes meios serranos têm sido fundamentais para a consciencialização da importância do que é não só um testemunho, como a representação de uma identidade local e um ponto marcante na história. Desde a incrível documentação por Ricardo José Duarte Ventura na sua dissertação de mestrado em arquitetura, como Mariana Ribeiro de Almeida, contribuem para um enorme avanço naquilo que é a questão do meio serrano, habitacional e de como o homem pode ocupar estes espaços perdidos.



Fig. 1 Aldeia do Catarredor, meados do séc. XX (Serra da Lousã)

2.2 GENIUS LOCI – O ESPÍRITO DO LUGAR

2.2.1 A ARQUITECTURA VERNACULAR

Por forma a compreender os projetos de reabilitação destas aldeias, é necessário que, antecedendo a sua demonstração, exista uma explicação do conceito de “arquitetura vernacular”.

A arquitetura vernacular, ou popular como é habitualmente designada, desenvolve-se através da ideia de construções primitivas que representam os métodos construtivos da aplicação dos materiais locais existentes, da constante adequação às circunstâncias ambientais e expressam a diversidade cultural dos povos.

“O património construído vernáculo é a expressão fundamental da identidade de uma comunidade, das suas relações com o território e, ao mesmo tempo, a expressão da diversidade cultural do mundo. O património vernáculo é o meio tradicional e natural pelo qual as comunidades criam o seu habitat.” (ICOMOS, 1999, p. 1)

Percebe-se, assim, que é uma arquitetura feita pelos povos, para eles próprios, estando fortemente enraizada não só naquilo que caracteriza a cultura local, mas também o lugar que o envolve. Permite então que se deixe construir através de diversas gerações e a aceitar novos entalhes, elementos arquitetónicos, quer sejam de cariz ornamental, quer funcional. Deixa-se também, por outro lado, desconstruir e permanecer como memória espacial para gerações futuras não só como a representação do que foi, mas como marco cronológico de uma era e de uma cultura.



Fig. 3 Percurso acidentado (Catarredor, Lousã)



Fig. 2 Habitação vernacular (Catarredor, Lousã)

“A sobrevivência desta tradição está ameaçada, em todo o mundo, pela uniformização económica, cultural e arquitectónica. Saber resistir a esta uniformização é fundamental e é uma tarefa que envolve, não só as diferentes comunidades, mas também os governos, os urbanistas, os arquitectos, os conservadores e vários especialistas noutras áreas disciplinares. Devido à uniformização da cultura e aos fenómenos da globalização sócio-económica, as estruturas vernáculas são, em todo mundo, extremamente vulneráveis, porque se confrontam com graves problemas de obsolescência, de equilíbrio interno e de integração.” (ICOMOS, 1999, p. 1)

2.2.2 O LUGAR E A MEMÓRIA

Os ambientes que são criados na arquitetura, quer pela delimitação do espaço, quer por outras ínfimas variantes como o tempo, a luz, a temperatura, o estado de conservação ou a cultura que representa, como referido em cima, suscitam uma leitura interna do objeto por parte do observador que difere relativamente ao ínfimo pormenor variante, remetendo a uma comparativa com a memória de tudo aquilo que é, naquele momento, visualizado.

“Para lidar com a diversidade do manancial de estímulos do ambiente em que vivemos, abstraímos determinadas características, que sintetizamos sob a forma de imagens e conceitos, aptos a serem registados no cérebro. Trata-se de elementos abstratos que re(a)presentam objetos e factos concretos e que, uma vez registados, serão reativados em posteriores experiências, passando a funcionar como intermediários entre nós e o ambiente. Estes processos cognitivos constituem as funções da memória – uma estrutura mental que tem a função de registar e recuperar a informação.” (Muga, 2005, p. 83)

Muga, fala-nos também do “*espaço existencial*”, proposto por Norberg-Schulz, que designa:

“(…) a imagem cognitiva que formamos acerca do ambiente em que vivemos. O esquema do espaço ou espaço existencial é composto por elementos que têm uma certa invariância, tais como as estruturas elementares universais (arquétipos), estruturas sociais e culturalmente condicionadas e algumas idiossincrasias pessoais” (Muga, 2005, p. 86).

Este “espaço existencial” tem assim, como maior função a projeção na arquitetura realizada, de valores sociais e culturais invariáveis.

“Concretizar o espaço existencial do Homem é a grande missão do espaço arquitectónico” (p. 86).



Fig. 4 Percurso interior da aldeia (Catarredor, Lousã)



Fig. 5 Habitação num local acidentado (Catarredor, Lousã)

Ainda em Muga (2005, p. 88), é explicado o sentido de lugar, uma das três prioridades elementares que compõem o espaço existencial. *“Um lugar é caracterizado por um certo tamanho e por limites ou bordas pronunciadas, sendo experienciado como um “dentro”, em contraste com o “fora” envolvente”*. O lugar é assim definido como um espaço seletivo, um espaço delimitado e determinado pela proximidade dos seus elementos definidores que caracterizam o espaço arquitectónico: elementos físicos, trajetos e domínios.

“What, then, do we mean with the word “place”? Obviously we mean something more than abstract location. We mean a totality made up of concrete things having material substance, shape, texture and colour. Together these things determine an “environmental character”, which is the essence of place. In general a place is given as such a character or “atmosphere”. A place is therefore a qualitative, “total” phenomenon, which cannot reduce to any of its properties (...).” (Norberg-Schulz, 1979, pp. 7-8)²

² *O que queremos então dizer com a palavra “lugar”? Obviamente, queremos dizer algo mais do que localização abstrata. Queremos dizer uma totalidade feita de coisas concretas com substância material, forma, textura e cor. Juntas, essas coisas determinam um “carácter ambiental”, que é a essência do lugar. Em geral, um lugar é dado como tal personagem ou “atmosfera”. Um lugar é, portanto, um fenómeno qualitativo, “total”, que não pode ser reduzido a nenhuma das duas propriedades (...). (Tradução livre do autor)*

Assim, o lugar é visto não apenas pelo seu aspeto físico existente, mas um espaço onde ações “tomam lugar”, contendo em si características qualitativas, abstratas e representativas dos valores do Homem em certo “lugar no tempo”.

O lugar e o homem vivem em conjugação, de onde um se serve dos recursos que o outro lhe fornece. No entanto, a experiência do lugar está diretamente relacionada com o que pode oferecer ao homem, e de como o homem aproveita o que lhe é oferecido, podendo ser interpretada de diversas formas, pelas suas diversas propriedades, tal exemplo para esta afirmação apresenta-se na diferença que existe entre um lugar junto ao mar e um outro lugar situado na serra. Ambos os lugares têm características completamente distintas. Esta é a base do espírito do lugar, ou “*genius loci*” (Norberg-Schulz, 1979, p. 18).

“Genius loci is a Roman concept. According to ancient Roman belief every “independent” being has its genius, its guardian spirit. This spirit gives life to people and places, accompanies them from birth to death, and determines their character or essence.” (Norberg-Schulz, 1979, p. 18)³

³ *Genius loci* é um conceito Romano. Segundo esta antiga crença, todo o ser “independente” tem o seu génio, o seu espírito protetor. Esse espírito fornece vida às pessoas e aos lugares, acompanha-os desde o nascimento até á morte, determinando o seu carácter ou essência. (Tradução livre do autor)

2.2.3 CONCEITO DE HABITAR

A aldeia do Catarredor é caracterizada pela sua arquitetura vernacular no ambiente serrano. A tipologia de habitação, serrana, demonstra diretamente a vivência e a experiência de quem dela viveu.

O conceito de habitar desta região está diretamente relacionada com a forma de sustento da população, sendo que outrora estava maioritariamente relacionada com o sector primário, em específico a agricultura e o pasto, nos dias correntes reconhece-se uma predominância turística e de reabilitação destas antigas aldeias de xisto por forma a impulsionar uma cultura de lazer.

Um dos exemplos deste conceito turístico é a aldeia vizinha de Cerdeira. Esta aldeia foi recentemente restaurada por fundos privados por forma a se tornar um ponto turístico relacionado á arte do artesanato e da criação artística, relacionando-se com o meio ambiente que a envolve. É composta por 9 pontos de alojamento local, uma escola de artes e ofícios, e possui uma parceria com a Bikotel, plataforma que permite o usufruto de aluguer de bicicletas para percorrer as áreas envolventes.⁴

Assim, estas aldeias passam a ter fortes condições de restauro e re-habitabilidade com programas como este, relacionando a preservação destes ambientes históricos, a criação de pontos turísticos, o que reformula a forma de sustento económico destas localidades e potencia a sua dinamização cultural.



Fig. 6 Representação do interior da habitação serrana



Fig. 7 Aldeia de Cerdeira (Lousã)

⁴ (Confrontar c/ Aldeias de Xisto. OUT 2020. Cerdeira- Home for Creativity. Informação retirada de www.aldeiasdoxisto.pt/entidade/1511)

2.2.4 A VIVÊNCIA COMUNITÁRIA

Os espaços destas aldeias representam a conexão que existe entre cada pessoa, onde até o visitante e o turista se prende pela necessidade de se associar aos habitantes, procurando se integrar e criar laços. Este sentido de núcleo advém não só das pessoas, mas do desenho das aldeias.

Acima do agregado familiar, que tão bem se exprime nos casais isolados das terras baixas, aqui domina a «aldeia», de que cada família é parte. (Oliveira & Galhano, 1992, p. 131).

Esta relação de interação dos indivíduos que fazem parte daquela comunidade é também representativa do que era a divisão de tarefas ou a execução das mesmas em conjunto como o pastoreio dos animais, a recolha de água para consumo, da lavagem da roupa, da limpeza da floresta e da busca de recursos, como em espaços comunitários como a eira e o tanque comunitário.

A comunidade reunia-se também nos seus lares junto ao espaço da cozinha, embora o espaço fosse difícil de ser distinguido dos restantes, pois as habitações eram maioritariamente de peça única, onde a vivência comunitária e privada era realizada no mesmo espaço, sendo casos raros os que tinham divisórias.



Fig. 8 Eira (Catarredor, Lousã)



Fig. 9 Telheiro (Catarredor, Lousã)

2.2.5 METAMORFOSE HABITACIONAL E AS NOVAS ESPACIALIDADES

O novo paradigma destas aldeias e das reabilitações que têm sido levadas a cabo tencionam trazer uma nova visão para estes espaços. A metamorfose, ou transformação, do interior destes conjuntos tem sido o principal foco por forma a potenciar o que a habitação como “casa” pode oferecer ao nível de funcionalidades e conforto, procurando manter os valores tradicionais, e ao mesmo tempo conjugar com valores de sustentabilidade, que necessariamente advêm de uma otimização energética e do uso de métodos de construção locais.

É a relação destas habitações e das ruínas perdidas no tempo com novas metodologias, conceitos e abordagens de arquitetura que potenciam o efeito destas reabilitações como elementos de reorganização e ligação das aldeias históricas.

Ainda tendo a aldeia de Cerdeira como referência, esta inova nos conceitos de habitação e em especial nos espaços que transforma. A criação de pontos de retiros empresariais, procurando atrair empresas a lá se alojarem temporariamente fornecendo atividades como team building, residências artísticas e Yoga, é um exemplo de conceito estratégico, procurando dando um novo sentido á aldeia através da sua refuncionalidade.



Fig. 10 Espaço da sala de convívio do edifício de retiro empresarial (Cerdeira, Lousã)



Fig. 11 Sala de jantar do edifício de retiro empresarial (Cerdeira, Lousã)

Na aldeia a ser base da intervenção projetual, o Catarredor, existe forte potencial para a aplicação destes conceitos interventivos que formem uma nova forma de realizar e pensar a arquitetura. A concretização de uma reforma para este espaço potenciará a forma de viver não apenas esta aldeia, mas as aldeias que outrora viveram como um “conjunto isolado” nas serras da Lousã, procurando assim revolucionar a forma como se relacionam entre elas.

A conceptualização de uma Aldeia de Xisto passa essencialmente pela unificação da história que a gerou e do futuro que promete aos habitantes e utilizadores, através dos seus espaços transformados que possam representar o passado por forma a visionar uma forma de utilização futura. Referências para estas transformações passam por espaços comunitários, espaços culturais integrados no interior da aldeia, referências recreativas e de lazer que se insiram no ambiente serrano e, na questão habitacional, pela multifuncionalidade destas habitações, promovendo uma adaptação de funções para que estes espaços de pequenas dimensões se possam tornar suficientes para o uso diário, quer de habitação permanente como para usufruto turístico.



Fig. 12 Oficina da residência artística (Cerdeira, Lousã)



Fig. 13 Quarto partilhado da residência artística (Cerdeira, Lousã)

CAPÍTULO 3. ENQUADRAMENTO DA PAISAGEM DO XISTO

3.1 A PAISAGEM

Situada no concelho da Lousã, distrito de Coimbra, a aldeia do Catarredor encontra-se a uma cota de 670m de altura na ^{serra} da Lousã, a 15 km da Lousã e a 22 km de Castanheira de Pêra. O acesso á aldeia do Catarredor está limitado a uma via de comunicação que une todas as aldeias que integram, atualmente o Programa das Aldeias de Xisto, e por um conjunto de trilhos pedonais que atravessam a área montanhosa da serra. Pelo seu afastamento da estrada nacional, tal como dos núcleos populacionais envolventes, estas aldeias apresentam-se coesas e com um forte traço de unidade relativa ao conjunto.

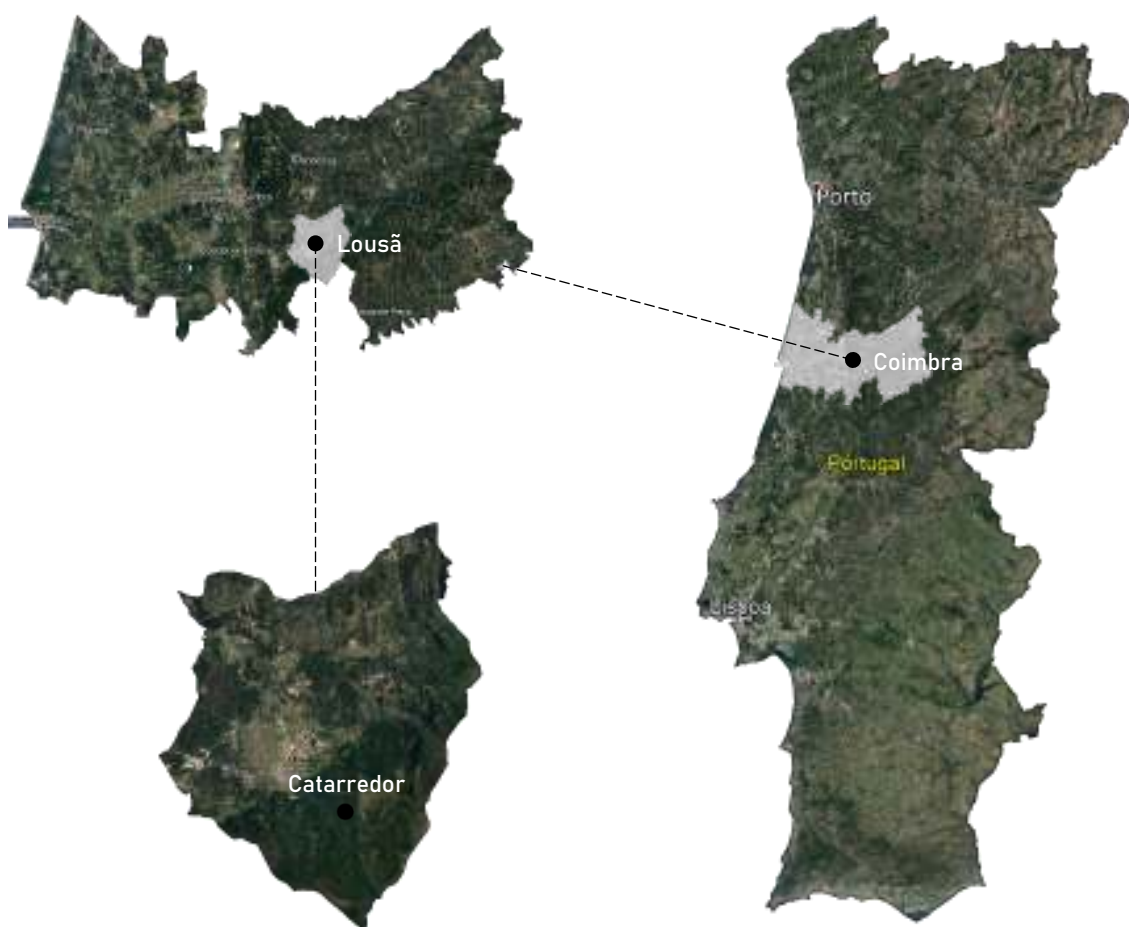


Fig. 14 Fotos aéreas de localização de Portugal Continental, do distrito de Coimbra, do município da Lousã e da aldeia do Catarredor

Da análise histórica sabe-se, hoje, que a ocupação dos territórios serranos se iniciou junto do sopé da montanha envolvendo-se no interior denso da serra. Aspetos relacionados com a pastorícia e o abate de árvores revelam-se hoje como as principais causas da migração e fixação das pessoas, apesar das diversas versões populares cuja fundamentação em narrativas antigas levam para o campo da fantasia e da lenda as origens do seu aparecimento.

Assumindo uma íntima relação com o relevo e topografia, o território a aldeia, enquadrada no cenário paisagístico daquela zona da Serra, apresenta a configuração própria de um desenvolvimento espontâneo e de um conseqüente crescimento orgânico. Tirando partido de uma exposição a Sul, numa das encostas da Serra da Lousã, a caracterização dos seus espaços canais assumiu características especiais, condições de insolação, ocasionando passagens desafogadas e bastantes ensolaradas.



Fig. 15 Vista sobre a Lousã



Fig. 16 Serra da Lousã

3.2 PROGRAMA ALDEIAS DO XISTO (PAX)

O projeto das Aldeias do Xisto, foi pensado para desenvolver economicamente e socialmente estas regiões, combater o êxodo rural e ao mesmo tempo preservar toda uma identidade de um povo. Este projeto abraçou as seguintes 27 aldeias portuguesas da região centro, sendo pertencentes á Serra da Lousã as seguintes:

- Aigra Nova;
- Aigra Velha;
- Candal;
- Casal de São Simão;
- Casal Novo;
- Cerdeira;
- Chiqueiro;
- Comareira;
- Ferraria de São João;
- Gondramaz;
- Pena;
- Talasnal.

Este projeto visou estruturar o território em redes, tirando partido do seu potencial, como aldeias, cursos de água, percursos. Assim surgiram a rede das Aldeias do Xisto, a Rede de Praias Fluviais e a Rede dos Caminhos do Xisto.

O Programa das Aldeias de Xisto, implementado em 2001, surge através de fundos comunitários do Programa Operacional da Região Centro. Este programa é coordenado pela ADXTUR em parceria com 21 municípios da região centro e com cerca de uma centena de operadores privados que atuam no território.

O programa tem como principal finalidade, a promoção turística desta zona, criando riqueza através da oferta de serviços turísticos em conjugação com a preservação da cultura e paisagens, a dinamização das artes e dos ofícios tradicionais, do património e dos produtos locais característicos das aldeias que integram a Rede das Aldeias de Xisto.⁵

⁵ (Confrontar c/ Aldeias do Xisto. OUT 2020. Serra da Lousã. Informação retirada de <https://aldeiasdoxisto.pt/regional-organizacao/serra-da-lous%C3%A3>)



Fig. 17 Mapa das Aldeias Do Xisto

3.3 AS ALDEIAS DA SERRA DA LOUSÃ

“Ainda hoje as aldeias do xisto da Serra da Lousã mantêm a configuração que deviam ter há cem anos. A imagem continua a ser a de uma serra esmagadora, cuja presença marca pesadamente o amontoado das casas, erguidas umas junto às outras sem deixarem entre elas um plano de terra, e tendo à sua volta os tabuleiros de cultivo e o mato.” (Lousã, 2018, p. 12)

A população residente nestas aldeias aumentou significativamente entre os anos 1885 e 1940. Contudo, a partir da década de 60, a população decresce, fato motivado pela procura de melhores condições de vida nas cidades (Coimbra, Lisboa e Porto). Especialmente a partir da década de 80, a população residente resume-se apenas a duas pessoas, embora nunca se tenha verificado a desertificação na totalidade.

A partir dos dados de 1991, estas aldeias foram repovoadas, ainda que de forma pouco clara, por jovens habitantes provenientes das grandes cidades e cansados da vida citadina, em busca de paraísos perdidos ou de uma tranquilidade, sendo assim local de

Aldeias	1885	1911	1940	1960	1970	1981	1991	2001	2003
Candal	112	129	201	100	72	19	22	2	3
Casal Novo	65	58	79	43	32	0	0	0	0
Catarredor	69	109	120	67	23	2	5	15	12
Cerdeira	70	75	79	51	18	0	8	0	5
Chiqueiro	23	11	45	26	12	4	4	3	3
Talasnal	74	129	135	90	59	2	2	2	4
Vaqueirinho	29	43	46	29	20	0	7	3	3
Silveira(s)	105	108	99	41	22	0	0	0	0
Total	547	662	804	447	258	27	48	25	30
Lousã (Concelho)	10868	12358	14367	13900	12161	13020	13447	15753	15753
Aldeias/Lousã (%)	5,03	5,35	5,6	3,22	2,12	0,21	0,36	0,16	0,19

Tabela 1 Evolução da população nas aldeias serranas da Lousã (1885-2003)

abrigo dos novos imigrantes, proveniente de países da Europa Central.

“O povoamento é rigorosamente concentrado. A razão clássica da concentração – o povoamento aglomerado á volta das nascentes de água, aqui escassas, é insuficiente neste caso, e por vezes inadequada, embora, sem dúvida, as povoações se situem sempre em torno da fonte do lugar, muitas vezes de mergulho.” (Oliveira & Galhano, p. 125)

“A aglomeração parece por um lado relacionar-se com a exploração extensiva de cereais em terras secas e em campos abertos e afolhados, e por outro com a pastorícia de gado miúdo em grande escala – duas formas económicas que não se reagem apenas por iniciativa particular e requerem uma ação conjunta”. (Oliveira & Galhano, p. 125)



Fig. 18 Aldeia do Talasnal (Lousã)



Fig. 19 Aldeia de Candal (Lousã)



Fig. 20 Aldeia de Chiqueiro (Lousã)



Fig. 21 Aldeia de Aigra Velha (Lousã)

3.4 CLIMA

O clima é um dos fatores que mais condiciona a vida da fauna e da flora na sua generalidade, diversidade e riqueza. No entanto, não só a floresta depende dela, mas também condiciona o ser humano, ao nível de produtividade agrícola, às possibilidades de enriquecer o turismo como no comportamento geral que se tem na forma de fazer arquitetura num específico local, derivando do seu clima e condições físicas existentes.

Da análise dos gráficos climáticos, verifica-se um período significativamente quente e seco entre os meses de Junho a Setembro, com temperaturas entre os 14°C e os 30°C; um período chuvoso entre Novembro e Fevereiro, com níveis de precipitação entre os 126 mm e os 136 mm; um período frio particularmente entre Dezembro a Fevereiro com temperaturas mínimas nos 6 °C; um período de transição de Primavera entre os meses de Março e Maio com temperaturas médias de 12°C a 17°C; um período de transição de Outono entre os meses de Outubro e Novembro com temperaturas médias , também estas entre os 12°C e os 17°C.

O clima da Lousã apresenta influências mediterrânicas pela sua relação entre a estação mais seca e quente com a estação mais fria e chuvosa. A “cordilheira” da Serra da Lousã, que separa as Beiras, estabelece uma fronteira entre o litoral mais húmido e o interior mais seco, onde as amplitudes térmicas são mais acentuadas.

O relevo que é a Serra da Lousã, influencia de forma notável, as condições do clima junto á mesma. O nevoeiro e o valor de humidade nesta zona do país são bastante frequentes, especialmente nos pontos mais elevados.

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Temperatura média (°C)	9.3	10.4	12.7	14.4	16.6	20.1	22.3	22.7	20.9	17.2	12.7	9.6
Temperatura mínima (°C)	5.4	6.1	8.2	8.4	11.3	14.2	15.7	15.8	14.8	12.2	8.7	6.1
Temperatura máxima (°C)	13.3	14.8	17.2	19.5	21.7	26.1	28.9	29.7	27	22.3	16.7	13.6
Temperatura média (°F)	48.7	50.7	54.9	57.9	61.7	68.2	72.1	72.9	69.6	63.0	54.9	49.5
Temperatura mínima (°F)	41.7	43.0	46.8	48.9	52.3	57.6	60.3	60.4	58.6	54.0	47.7	43.0
Temperatura máxima (°F)	55.9	58.6	63.0	67.1	71.1	79.0	84.0	85.3	80.8	72.1	62.1	56.5
Chuva (mm)	130	131	83	64	71	43	10	11	46	98	126	120

Tabela 2 Dados Climatológicos do concelho da Lousã

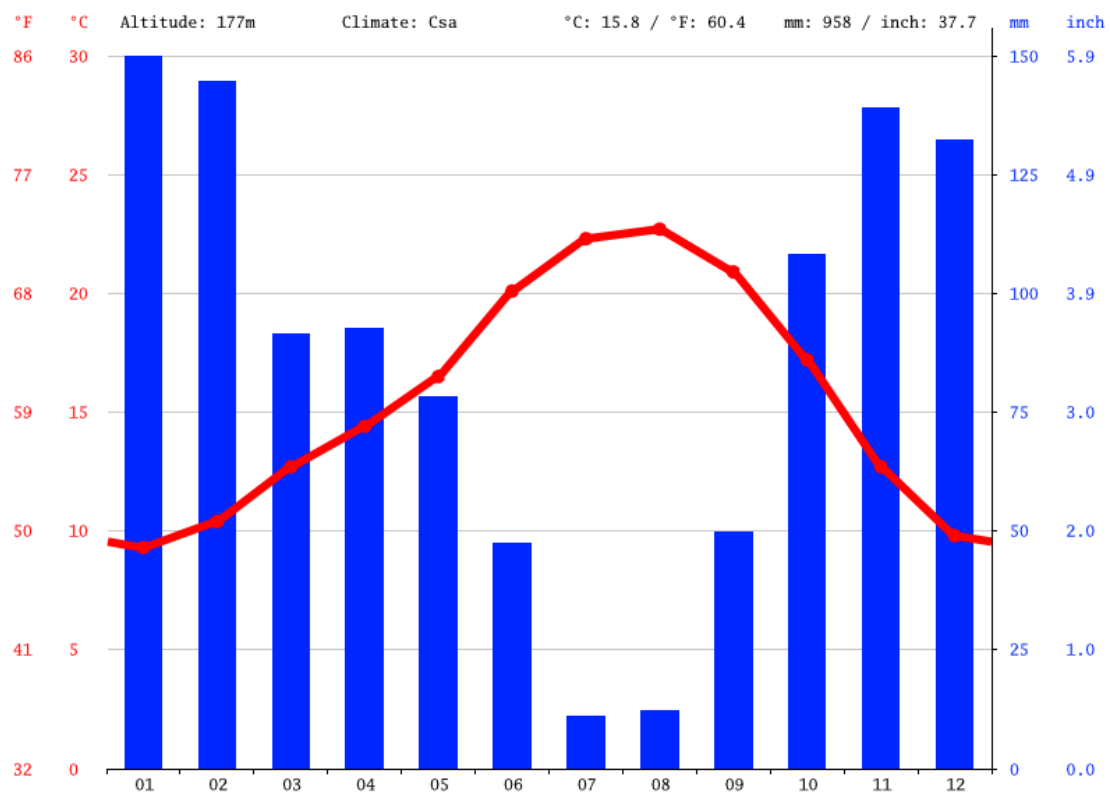


Tabela 3 Dados sobre as Temperaturas médias e a Pluviosidade média no concelho da Lousã

3.5 GEOMORFOLOGIA

A geografia do local é bastante própria. A mais de 600m de altitude, apresenta-se uma paisagem predominantemente de Xisto, caracterizada por colinas arredondadas e um solo de carácter pobre e de baixa produtividade agrícola.

A morfologia do terreno é acidentada e de grandes declives, o que não facilita o acesso às localidades, contribuindo para o isolamento das aldeias. Também dentro do conjunto das aldeias, os percursos internos e construção do edificado é acidentada e procura seguir a morfologia do terreno, estabelecendo-se na maioria dos casos em Linhas de festo, por forma a terem uma maior duração de exposição solar. A aldeia apresenta-se numa encosta Norte da serra da Lousã, tendo uma boa exposição para Nascente/ Poente e com pouca a Sul, o que torna a aldeia um caso peculiar do usufruto do sol e de uma boa salubridade.

“A paisagem de Xisto é esculpida por rochas metamórficas – rochas que surgem, através da transformação de outras rochas sejam elas magmáticas, sedimentares ou mesmo metamórficas. O metamorfismo surge principalmente devido ao calor, pressão e fluidos que ocorrem no interior da crosta terrestre.” (Ventura, 2013)

O Xisto tem a particularidade de ser uma rocha pouco permeável e que ao longo da sua estadia no solo, torna-se compacta e laminada, solidificando e tornando-se em gnaisse, uma rocha mais resistente. O facto de o Xisto não sofrer o processo de arenização, faz com que os solos não sejam tão ricos, tornando-os pouco produtivos para a agricultura.

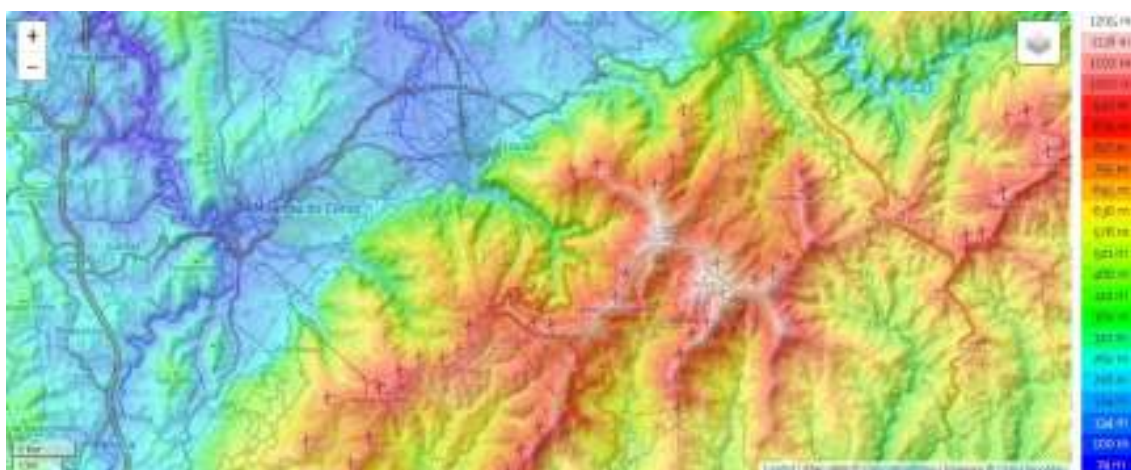


Fig. 22 Extrato de carta orográfica da Serra da Lousã

3.6 FAUNA E FLORA

Na Serra da Lousã, a Fauna local é rica na sua diversidade. É possível serem avistados animais tais como veados e javalis junto das aldeias serranas e zonas elevadas. Na serra, predominam as seguintes espécies⁶:

Aves: Melro-d' água, dom-fafe, petinha dos campos, aves de rapina (açor, gavião, águia-de-asa-redonda), corujas, mochos, peneireiros de dorso malhado.

Mamíferos: *Pequeno porte:* doninha, gineto, raposa, lontra, coelho, lebre.

Grande porte: javali, corso, veado.

Anfíbios: Salamandra lusitânica, rã, rela, trintão.

Répteis: Cobra-bastarda, cágado, lagartixa, sardanisca, osga, víbora-cornuda, lagarto-de-água.

A Serra da Lousã faz também ela parte da Reserva Ecológica Nacional (REN). Em termos de Fauna, é importante distinguir entre espécies autóctones e a vegetação introduzida pelo Homem. Nas espécies autóctones, distinguem-se as seguintes:

Carvalho Português: De porte médio, com média de 20m de altura, é uma árvore de folha caduca com preferência por climas suaves e quentes, com algumas variedades adaptando-se facilmente a climas continentais de grandes amplitudes térmicas e humidade. Dão-se bem em qualquer tipo de solo, e encontram-se até aos 1900m de altitude. A sua madeira é especialmente boa para construção, como por exemplo vigas de suporte.

Sobreiro: Árvore de porte médio com cerca de 15 a 20m de altura. Presentes ao longo de todo o Portugal Continental, surgem geralmente em montados junto a culturas agrícolas ou pastagens. Adapta-se facilmente a todo o tipo de solos (exceto calcários) e prefere climas com amplitudes térmicas suaves. A sua principal utilização é a cortiça, bem como os frutos que servem de alimento para porcos e outros animais, e a folhagem mais baixa que servem de alimentação para o gado em alturas em que a pastagem seja escassa.

Medronheiro: Arbusto de folha persistente que surgem em climas suaves e sem geadas fortes, adaptável a qualquer tipo de solo, e até aos 1200m de altitude.

O homem também teve um papel ativo na florestação da serra da Lousã, e nesse aspeto, estas foram as espécies introduzidas:

Castanheiro: Árvore com cerca de 20 a 30m existente em toda a Europa Sul. Esta

⁶ (Confrontar c/ Município da Lousã. OUT 2020. Lousã ConVida – Serra da Lousã. Informação retirada e tratada de <https://cm-lousa.pt/turismo/lousa-convida/serra-da-lousa/>)

árvore é explorada pela qualidade da madeira e pelos seus frutos. A sua madeira tem inúmeras aplicações em cestaria, mobiliário, bem como na construção de soalhos, portas e revestimentos.

Pinheiro Bravo: árvore de grande porte que pode atingir os 30 a 40m, encontra-se em zonas de relativa alta precipitação anual. As principais utilizações desta árvore são as madeiras para pranchas, aglomerados e outros, bem como a sua produção de resina.

Pinheiro Silvestre: folha persistente e porte grande de até 40m de altura. A sua madeira apresenta grande qualidade e tem usos muito variados, desde o pavimento de camas para gado (com a sua folhagem), bem como o fornecimento de madeira para carpintaria, marcenaria, bem como mastros de barcos.

Acácia: Árvore perene com até 30m de altura. Prefere terrenos de vale e margens de cursos de água, e encontra-se geralmente em florestas montanhosas.

Abeto: folha perene e com até 50m de altura. São árvores de montanha encontradas desde os 300 até aos 1950m de altitude. Com uma madeira ligeiramente mais resinosa e de menor qualidade que o pinheiro, é utilizada geralmente na construção e para confeção de instrumentos musicais.

Eucalipto: árvore de grandes dimensões, atingindo cerca de 70 a 80m de altura. Prefere geralmente regiões de baixa altitude, inferior a 700m de altitude. Utiliza-se maioritariamente na produção de um óleo chamado Cineol.⁷

⁷ (Confrontar c/ Naturlink. OUT 2020. Naturlink – Espécies. Informação retirada e tratada de <https://naturlink.pt/articlelist.aspx?menuid=55>)



Fig. 23 Carvalho Português



Fig. 24 Sobreiro



Fig. 25 Medronheiro



Fig. 26 Castanheiro



Fig. 27 Pinheiro Bravo



Fig. 28 Pinheiro Silvestre

3.7 USO DO SOLO

Segundo o Plano Diretor Municipal (PDM) do município da Lousã, é distribuída a classificação do território entre solo urbano, solo rural e espaços canais. No que toca ao solo urbano, este é constituído por malhas de solo urbanizado por espaços centrais, zonas residenciais, espaços urbanos de baixa densidade, espaços de uso especial, espaços destinados a atividades económicas, espaços verdes de enquadramento e zonas delimitadas como zonas inundáveis. O solo que se destina a futura urbanização, está destinada a espaços centrais, espaços residenciais e espaços de atividades económicas. O solo rural, por sua vez está dividido em quatro categorias. Os espaços agrícolas ou florestais, os espaços afetos à exploração de recursos geológicos, os espaços afetos a atividades industriais e os espaços de equipamentos ou outras estruturas. Nos espaços canais, são identificadas as redes rodoviárias, tanto nacional e regional como a municipal, como também a rede de metro ligeiro e o espaço do aeródromo.

“A exploração é feita em pequenas parcelas de terra dedicadas á policultura, de forma intensiva e com recurso a mão-de-obra “familiar”. A agricultura e a silvicultura, bem como as áreas de proteção da natureza e biodiversidade ocupam uma porção significativa da superfície deste território.” (Ventura, 2013).

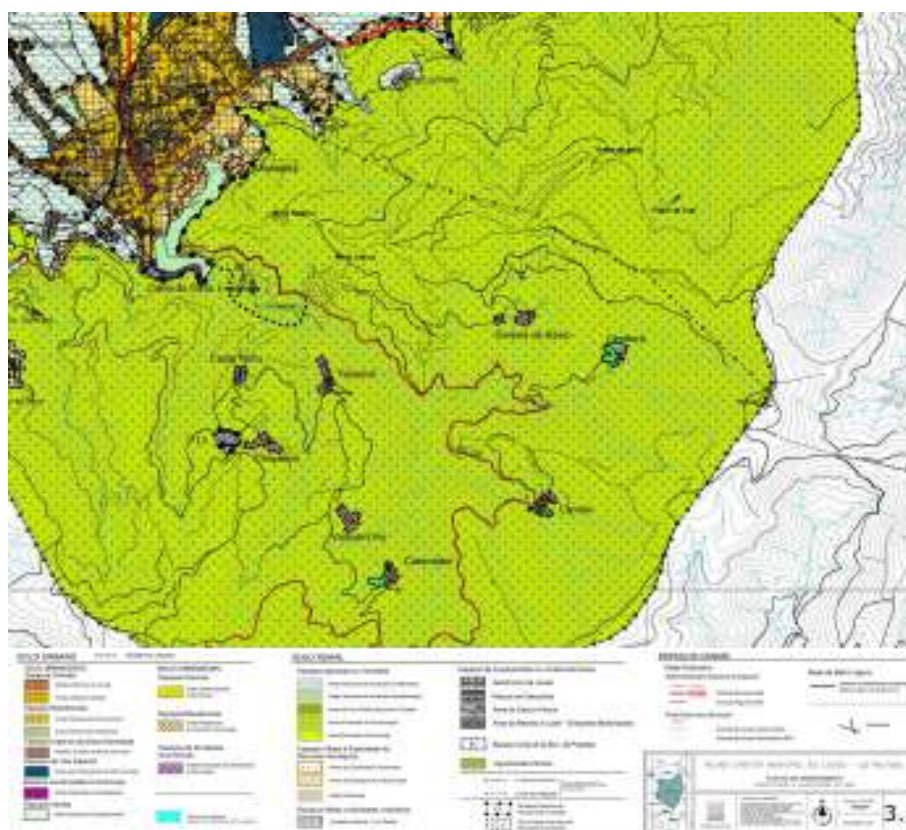


Fig. 29 Extrato da planta de ordenamento do território, PDM do concelho da Lousã (2017), escala gráfica

CAPÍTULO 4. CARACTERIZAÇÃO ARQUITETÓNICA

4.1 O CONJUNTO ARQUITETÓNICO



Fig. 30 Planta de Apresentação da aldeia do Catarredor, escala gráfica

Este conjunto arquitetónico da aldeia do Catarredor, está fortemente inserido no que a rodeia. Não só a topografia é essencial para perceber a sua origem, mas também as suas aberturas á exposição solar demonstram um saber antigo e vernacular na forma de criar não só a casa, mas também a aldeia.

“A análise destas aldeias serranas é fortemente marcada pelo material de que é formada a Serra da Lousã. Terra de xisto, de origem sedimentar pré-câmbrica, metamorfozado na Era Primária, no período ordoviciano, emergiria aquando dos movimentos hercínios. As erosões provocadas durante milhões de anos pelas pequenas ribeiras da Serra, pelas chuvas e pelos ventos, cavaram vales profundos. Esta origem comum da parte Oeste da Serra vai definir os contornos, propondo um relevo arredondado e escaldado, e vai ainda influir no património edificado.” (Lousã, 2018)

Situada no concelho e na serra da Lousã, distrito de Coimbra, a aldeia encontra-se a uma cota superior aos 600m de altura, a 15 km de distância da cidade da Lousã e a 22 km da cidade de Castanheira de Pêra.

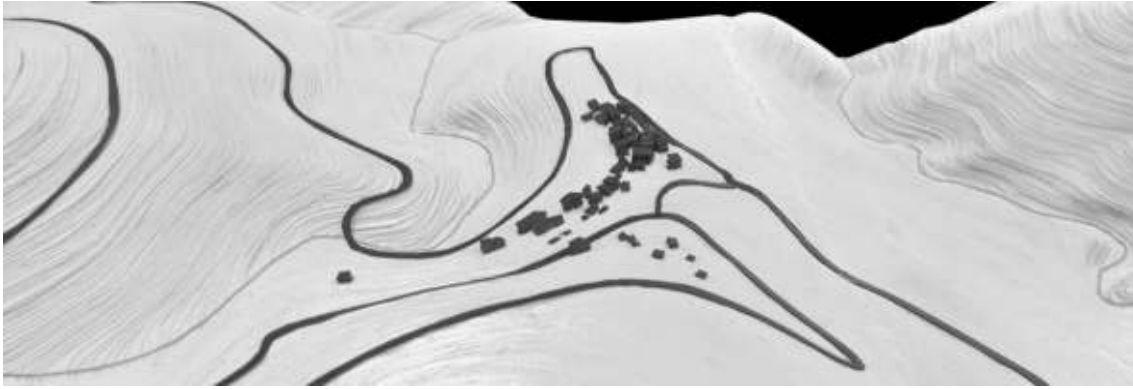


Fig. 31 Maquete da aldeia e envolvente á escala 1:1000, vista de Norte

O acesso existente que dá acesso ao Catarredor está limitado a uma via apenas que une todas as aldeias e por um conjunto de trilhos pedonais que atravessam a área montanhosa da serra, sendo muitas delas os primeiros percursos existentes. As aldeias vizinhas são o Vaqueirinho a 2,4 km e a aldeia do Candal, a 5,4 km. Pelo afastamento da estrada nacional como dos núcleos populacionais envolventes, estas apresentam-se isoladamente coesas e com um forte traço de unidade relativa ao conjunto, retornadas para si mesmas, sendo exemplo da arquitetura de xisto beirão.

“De forma geral, a arquitetura que se observa na região das Beiras, não apresenta uma unidade arquitetónica tão grande como se lhe atribui. Embora as diferenças entre as diferentes áreas que se observam dentro da região das Beiras não sejam tão evidentes como as que destacam esta região das restantes do país, essas mesmas diferenças estão presentes de qualquer forma. Contudo essas diferenças estão bastante mais visíveis na arquitetura que no urbanismo, sendo que a estrutura dos povoados não apresenta diferenças relevantes entre si.” (Arquitectura Popular em Portugal, p. 65)

Assumindo uma íntima relação com o relevo e a topografia, a aldeia, enquadrada no cenário paisagístico daquela zona da Serra, apresenta uma configuração espontânea, de crescimento orgânico e prolongado no tempo, onde cada habitação construída foi



Fig. 32 Maquete da aldeia e envolvente á escala 1:1000, vista de Oeste

pensada na sua individualidade e nos problemas próprios que o terreno lhe apresentara. Tirando partido de uma exposição a Sul, numa das encostas da serra, a caracterização dos seus espaços canais assumiu características especiais, condições de insolação, potenciando a criação de percursos desafogados e ensolarados.

“A organização da aldeia desenvolveu-se sem traçados prévios, erguendo-se habitações onde e como se podia, adaptando-se ao parcelamento das propriedades, às condições orográficas e à qualidade dos terrenos, somente deixando o espaço para os caminhos comuns e quintais.” (Arquitetura Popular em Portugal, 1988, p. 15)

Atualmente, segundo pesquisa de campo, a aldeia é apenas habitada por cerca de uma dúzia de pessoas, cuja permanência na aldeia não é certa.



Fig. 33 Maquete da aldeia á escala 1:200

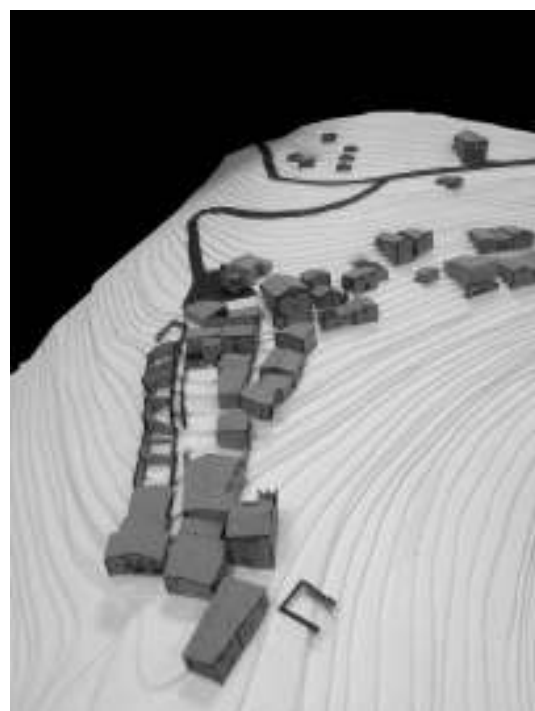


Fig. 34 Maquete da aldeia á escala 1:200, aproximada

4.1.1 INFRAESTRUTURAS E PERCURSOS

A aldeia do Catarredor surge com um déficit significativo relativamente a infraestruturas que a servem. Os acessos viários têm vindo a ser resolvidos ao longo dos tempos, sendo o fator que constitui maior preocupação é o do percurso interno na aldeia, por apresentar grandes declives e a falta de possibilidade de criar rampeamentos entre os espaços mais elevados e os de menor elevação.

O abastecimento de água é maioritariamente inexistente na aldeia, contemplando apenas um ínfimo número de habitações privilegiadas. Ele é através de levadas de água sem qualquer manutenção, onde a população residente tem que se deslocar até ao ribeiro mais próximo para se abastecer de água para as funções que envolvam a higiene, a alimentação e a irrigação. Em termos de abastecimento energético, as habitações já predispõem de melhores condições, embora que sem organização. A iluminação pública não existe, sendo apenas reduzidas a meros pontos de iluminação dispersos e dispostos por aleatoriamente. A serviço de comunicação apenas está disponível para algumas habitações, as quais foram recuperadas. O saneamento local é inexistente em toda a aldeia e nenhuma infraestrutura se faz conhecer.

Sabendo que a tipologia de percursos está diretamente relacionada com a tipologia do edificado e da malha de inserção do mesmo, é essencial perceber que, de forma geral, se observa uma configuração bastante mais compacta a Norte da aldeia, enquanto que na zona Sul esta é bastante mais dispersa.



Fig. 35 Desenho dos percursos locais



Fig. 36 Desenho dos percursos locais e acesso a habitação por via de escadaria

Este tipo de distribuição evidencia um dos percursos mais importantes da aldeia - aquele que conduz à eira - visto que as construções se distribuem e implantam de forma a acompanhar o mesmo. Devido a esta circunstancia, é mais comum encontrar-se percursos estreitos, sinuosos, em declive acentuado e de forma geral escuros, enquanto que na zona Sul, devido à construção mais dispersa e à exposição solar da aldeia, encontramos percursos mais abertos, largos, arejados e iluminados, que acompanham as curvas de nível do terreno onde se inserem. Esta diferenciação é essencial para entender o tipo de usabilidade a dar aos espaços, permitindo efetuar decisões de forma a manter o carácter desejado para a aldeia, estabelecendo novos percursos de acordo com ideias futuras, e reabilitando outros.



Fig. 37 Planta de infraestruturas existentes, escala gráfica



Fig. 38 Percurso pedonal do eixo principal da aldeia



Fig. 39 Escadaria recorrendo ao uso de lajetas de xisto



Fig. 40 Percurso em lajetas de xisto no interior da aldeia



Fig. 41 Percurso pedonal acidentado

4.1.2 A MORFOLOGIA DO CONJUNTO

Caracteristicamente uma aldeia baseada no uso de construção tradicional e vernacular, num local remoto, observa-se uma clara predominância da existência de edificado destinado a habitação própria dos pastores, habitantes da serra, e edificações para guarda dos animais (os currais).

Ainda que de forma geral, na atualidade, a grande maioria deste edificado esteja ao abandonado ou em ruínas, conhecendo os hábitos de vivência destas populações, é possível concluir que a grande maioria deste edificado que restou do tempo era de uso habitacional e da recolha dos animais. Contudo, existem ainda algumas estruturas que eram destinadas ao armazenamento de excedentes agrícolas, sendo elas próximas aos dos currais.

A par das habitações, possui uma igreja na zona mais a Norte da aldeia que é expressivamente contrastante com o restante conjunto, com um carácter mais recente e de materialidades dispares, marcando a chegada e relacionando-se a sul com as habitações e os percursos, onde cria um momento de pausa, abrindo espaço para uma pequena praça.

O espaço de maior carácter existente é a eira. Situada na extremidade Sul da aldeia, como momento final do eixo principal da aldeia, este espaço é palco de festejos de Verão, com espetáculos de música e dança e onde os habitantes praticam as suas atividades sociais. Devido à sua posição, é privilegiada na exposição solar e no seu debruçar sobre a Serra da Lousã, de onde se vislumbra uma grande parte da mesma, bem como as aldeias mais próximas, funcionando como um miradouro natural. Os outros espaços públicos existentes são o tanque comunitário, situado junto à capela, e também o Telheiro, onde os habitantes podem fazer almoços e jantares, reunindo-se todos em volte de uma mesa em madeira de carvalho que lá existe.



Fig. 42 Tanque comunitário



Fig. 43 Levada de água

Aliado a todos estes espaços característicos, surge o espaço comercial, denominado de Bar Fantasia. Este é um bar que vê algum movimento na estação de Verão. Observam-se ainda determinados espaços de pausa na relação entre vias e habitações, bastante característicos e que jogam com as cotas e as aberturas sobre a serra.



Fig. 44 Habitação e curral no seu piso inferior



Fig. 45 Telheiro

4.1.3 TIPOLOGIAS HABITACIONAIS

A Casa Serrana, como Mário Moutinho a apelida, é a habitação que predomina nesta região. De arquitetura simples, intrinsecamente ligada á raiz local e aos seus materiais locais, claramente tradicionalista e vernacular. Ele aborda a sua temática e descreve-a na perfeição, sendo que não só a ‘casa’ mas também a forma de habitar:

“O tipo dominante de habitação corresponde a casas de dois pisos, de xisto, com acesso ao exterior no primeiro piso, escadas exteriores de pedra travadas por cunhais de granito e varandas alpendradas, havendo uma repartição equilibrada de espaço entre Homens e animais, ambos em semelhantes níveis de desconforto. Com algumas exceções, os interiores são geralmente escuros, com mobiliários escassos e entradas de luz bastante diminutas. Chaminés não são comuns, o que leva ao enegrecimento do interior até que o fumo se disperse através das fendas das telhas, das portas e das pedras. Os edifícios apresentam ainda um aspeto sóbrio, rude, sem subtilezas nem muita imaginação. As habitações apresentam maioritariamente uma disposição retangular da planta, embora não apresentem grande regularidade. (...)

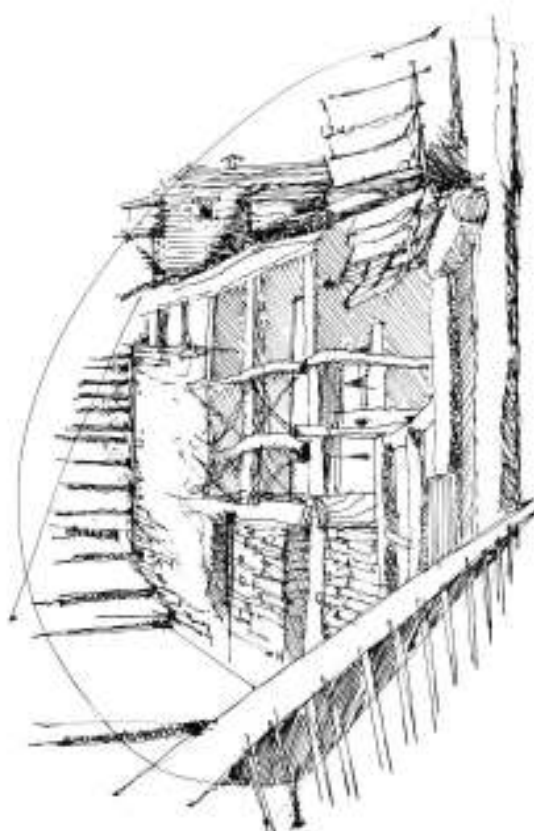


Fig. 46 Desenho das habitações tradicionais

As famílias habitam geralmente uma sala comum (com uma lareira no canto onde se cozinha) e nas alcovas, geralmente de dimensões bastante reduzidas. As varandas alpendradas, elemento de destaque da Arquitetura Beirã é onde se passam geralmente os dias frios, mas soalheiros. As dimensões destas varandas estão, geralmente, diretamente relacionadas com a capacidade financeira da família. No rés-do-chão observam-se ainda os pequenos pátios (“eidos”) que prolongam o espaço para as estrumeiras, a criação de gado, forno, palheiro, bem como outros elementos utilizados para a subsistência das famílias.” (Arquitectura Popular em Portugal, p. 16)

Em suma, a habitação serrana é o testemunho que nos fica marcado no tempo da relação entre as vivência da serra como espaço de socialização entre os membros da comunidade, da sua utilização como ponto de subsistência, de onde retiram o necessário para a construção das suas casas e de como as pessoas vivenciam o habitar: Um espaço de aconchego familiar, restrito, á semelhança da caverna, servindo de abrigo.



Fig. 47 Cozinha, visita a uma das habitações já intervencionadas



Fig. 48 Entrada na Cozinha



Fig. 49 Sala de Estar / Jantar



Fig. 50 Corredor no piso inferior



Fig. 51 Quarto no piso inferior

4.1.4 MÉTODOS CONSTRUTIVOS

Na observação realizada no local, a metodologia construtiva no edificado existente é simples e de aplicação maioritariamente seca. A utilização da pedra lascada de xisto na construção da habitação apenas recorre á força gravítica como suporte das mesmas, sendo raros os casos onde é utilizada uma mistura ligante argilosa.

“As paredes de fachada observadas são praticamente as únicas paredes estruturais das construções. Devido à antiga dificuldade de acesso a outros materiais e o seu transporte, a utilização do xisto, sendo um material extraído no próprio local, torna-se recorrente, levando-o a ser a base estrutural das construções.” (Carvalho, 2017, p. 76)

“Na alvenaria, os blocos de xisto são assentes uns sobre os outros com as suas lâminas dispostas na horizontal oferecendo, deste modo, maior resistência. Não utilizam qualquer argamassa nas juntas, antes pequenas pedras que ajudam a assentar as irregularidades entre as pedras maiores. Na ausência de uma rocha que funcionasse melhor á flexão, compressão e ás alterações climatéricas, substitui-se por blocos de xisto maiores ou vigas de madeira, no caso dos lintéis dos vãos, que aguentem o peso da alvenaria.” (Carvalho, p. 77)

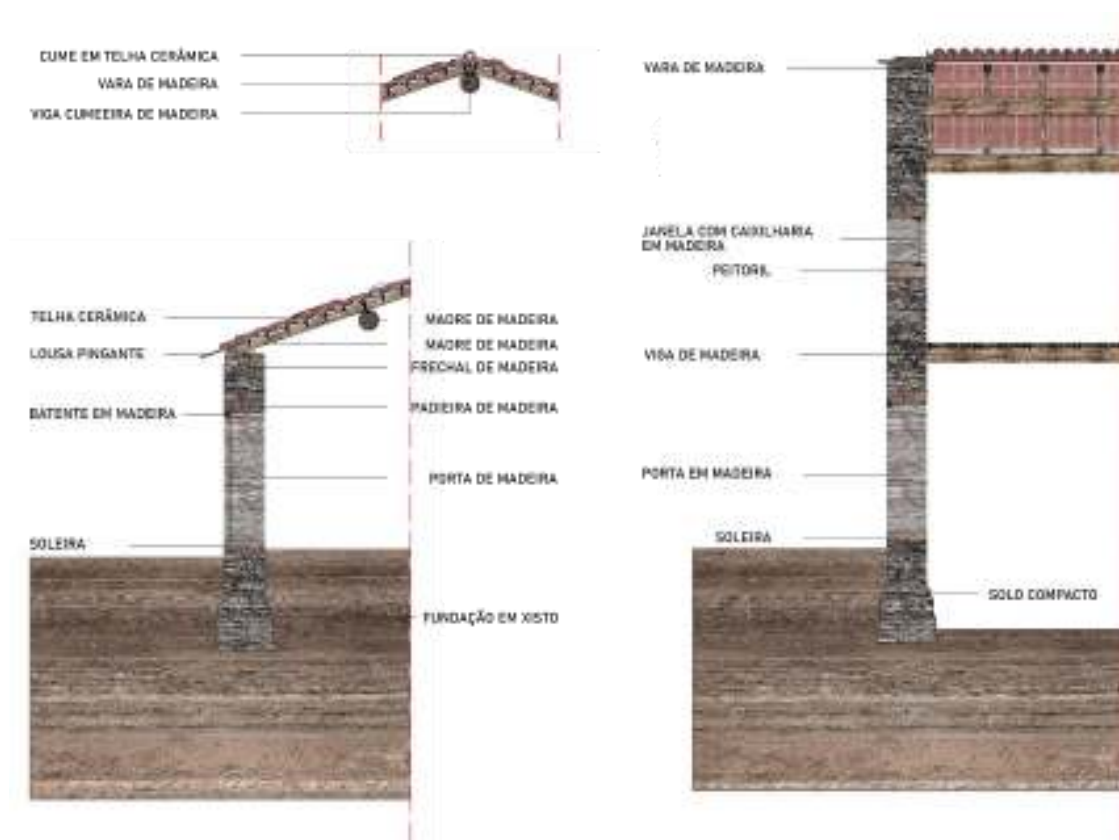


Fig. 52 Corte construtivo

Este tipo de alvenaria leva com que as paredes se tornem, por necessidade de suporte dos pisos, mais espessas, sendo que não se traduz num ganho térmico interno por ser ausente de algum elemento que sirva como barreira térmica e pelos inúmeros pontos de dissipação do calor que possa ser criado no interior destas habitações, quer nas paredes, quer pela cobertura.

“No encontro com a cobertura, as paredes exteriores não apresentam qualquer remate terminando apenas no confronto da alvenaria com o beiral em ardósia.” (Carvalho, p. 79)

As fachadas são estéreis, apenas expressando a dureza da materialidade do Xisto e das padieiras em madeira que suportam as aberturas dos vãos de pequena dimensão, por forma a reduzir a área de dissipação do calor, e por ser difícil grandes vãos com este material sem terem elementos que os suportem.

“Pelo exterior são poucas as construções que se revestem totalmente de reboco, normalmente existem mais casos onde foi usada pontualmente uma argamassa. Aqui, a argamassa de cimento e pintura monopolizam atualmente, talvez, para que estas construções possam se assemelhar às novas casas tijolo, betão e reboco de cimento.” (Carvalho, p. 77)

As coberturas destes edificadros, embora hoje em dia se apresentem em ardósia e telha canudo, sabemos que outrora eram revestidas em colmo e de tempos a tempos, eram



Fig. 53 Fachada tradicional



Fig. 54 Porta e lintel em madeira

feitas as suas manutenções, mudança da camada de colmo. Ainda em trabalho de campo, tive a oportunidade de dialogar com um habitante que dissera conhecer antigos habitantes que realizaram as suas próprias telhas canudo, às quais existiam duas telhas para a realização do telhado: a “Canela” e a “Coxa”. Em demonstração, explicou que a primeira teria a função de escorrer a água para as laterais da linha da telha, e a segunda, virada ao invés, a função de fazer “correr” pelo telhado.

“Nestas coberturas não é tradicional a existência de chaminés ou águas furtadas. Nas cozinhas antigas fazia-se a fogueira no chão de lousa onde se cozinhava com potes de ferro, o fumo dessa fogueira dispersava pelo alto pé-direito e pelas juntas das ardósias. O fato de não haver chaminés resultou em cozinhas muito escurecidas pela fuligem.” (Carvalho, p. 87)

Na estrutura dos pisos interiores recorria-se geralmente à madeira de castanho ou de pinho para colocação de vigas entre pisos, também estas facilmente encontradas no ambiente natural envolvente à aldeia. Esta madeira, além de utilizada para a colocação do nível de pavimento, era também utilizada na estrutura da cobertura, de forma tradicional.



Fig. 55 Viga cumeeira, varas e forro de madeira



Fig. 56 Cobertura em telha canudo e lajetas de xisto

Podia se encontrar estas madeiras também nos vãos de porta e de janelas. Devido à natureza do principal material, o xisto, que se apresenta em lajetas, observa-se a utilização da madeira nas ombreiras.



Fig. 57 Vão em xisto



Fig. 58 Lintel e janela em madeira



Fig. 59 Ruína ainda com as vigas de piso, que dividiam a habitação (piso superior) do curral (piso inferior)

4.2 ANÁLISE S.W.O.T

FORÇAS

- Proximidade da aldeia a dois cursos de água (um a nascente, outro a poente);
- Localização da aldeia no cimo da encosta da serra, com uma vista sobre a região a partir dos espaços virados a Norte;
- Conjunto construtivo de enorme riqueza quanto ao seu valor arquitectónico, representativo do *modus operandi* da construção típica da região;
- Edificado com volumetrias e tipologias diversas de habitação, currais e logradouro;
- Existência de percursos automóveis e pedestres de acesso á aldeia;
- Espaços verdes bem preservados;
- Materialidades próprias (Madeira de Carvalho/ Pedra de Xisto);

FRAQUEZAS

- Edificado em ruína, com poucas/nenhumas possibilidades de recuperação fiel ao seu estado inicial;
- Edificado com nenhum método de impermeabilização e isolamento térmico;
- A acidentalidade do terreno tem como grande dificuldade a criação de percursos acessíveis por todos;
- Má acessibilidade a certos pontos da aldeia, como a zona Oeste da mesma;
- Mau estado de conservação dos pavimentos existentes na aldeia;
- Inexistência de zona de estacionamento de viaturas;
- Inexistência de infraestruturas de água potável, eletricidade, escoamento de águas residuais/pluviais e tratamento das mesmas;
- Pouca definição dos espaços de logradouro;
- Falta de um ponto comercial na aldeia, que forneça bens essenciais á sobrevivência e permanência na aldeia (alimentos, medicamentos, bens de uso diário);
- A inexistência de um espaço dedicado á partilha cultural e de usufruto artístico (oficina para artesãos);

OPORTUNIDADES

- Terreno em declive que possibilita a construção em socacos;
- Recuperação do edificado existente como base projectual para uma revitalização do conjunto arquitectónico;
- Utilização dos currais para novas espacialidades habitacionais;
- Utilização de espaços ao longo dos percursos como “momentos” de pausa, usando escadas como bancos (mobiliário urbano) e a criação de largos como espaço indicativo da entrada na habitação e de usufruto comunitário;
- Criação de um espaço cultural, por forma a revitalizar economicamente a aldeia;
- Desenvolvimento de uma proposta interventiva que englobe a riqueza tradicional e promova o desenvolvimento arquitectónico dos tempos correntes no local;

AMEAÇAS

- Edificado em risco de queda devido ao estado de conservação em que se encontram;
- A descaracterização do edificado por parte de métodos construtivos adulterados do tradicional na região;
- O abandono da agricultura e da criação de gado por parte do abandono do cultivo e da cultura de pasto;
- O aparente abandono geral da aldeia, uma vez que a maior parte dos proprietários das habitações da aldeia não residem permanentemente, não as utilizam para retornos económicos turísticos nem como habitações de férias;

CAPÍTULO 5. PROJETO

5.1 PROPOSTA DO PLANO DE PORMENOR

5.1.1 PROGRAMA CONCEPTUAL

A proposta apresentada de Plano de Pormenor (PP) vem corresponder com todo o desenvolvimento teórico fundamentados nos capítulos anteriores desta dissertação, bem como áquilo que são os fatores críticos do estado existente não só do estado da arquitetura, bem como o que são todos os fatores que a envolvem e suportam, as pessoas e a sua experiência vivencial, económica e cultural na zona.

Em análise aos padrões do que têm sido as intervenções realizadas nas Aldeias de Xisto e transportando essa ideologia de rejuvenescimento do património degradado/perdido, esta proposta assenta na recuperação do edificado como potencial de habitação não só turística, com um conjunto de habitações destinadas a alojamento local, como de habitação permanente.

Os acessos á aldeia são fundamentais para unificar a malha de aldeias de Xisto (Vaqueirinho – Catarredor – Candal), criando um circuito unificado que culmina em dois pontos-chave no centro do Catarredor, funcionando como espaços rotulares (o adro da

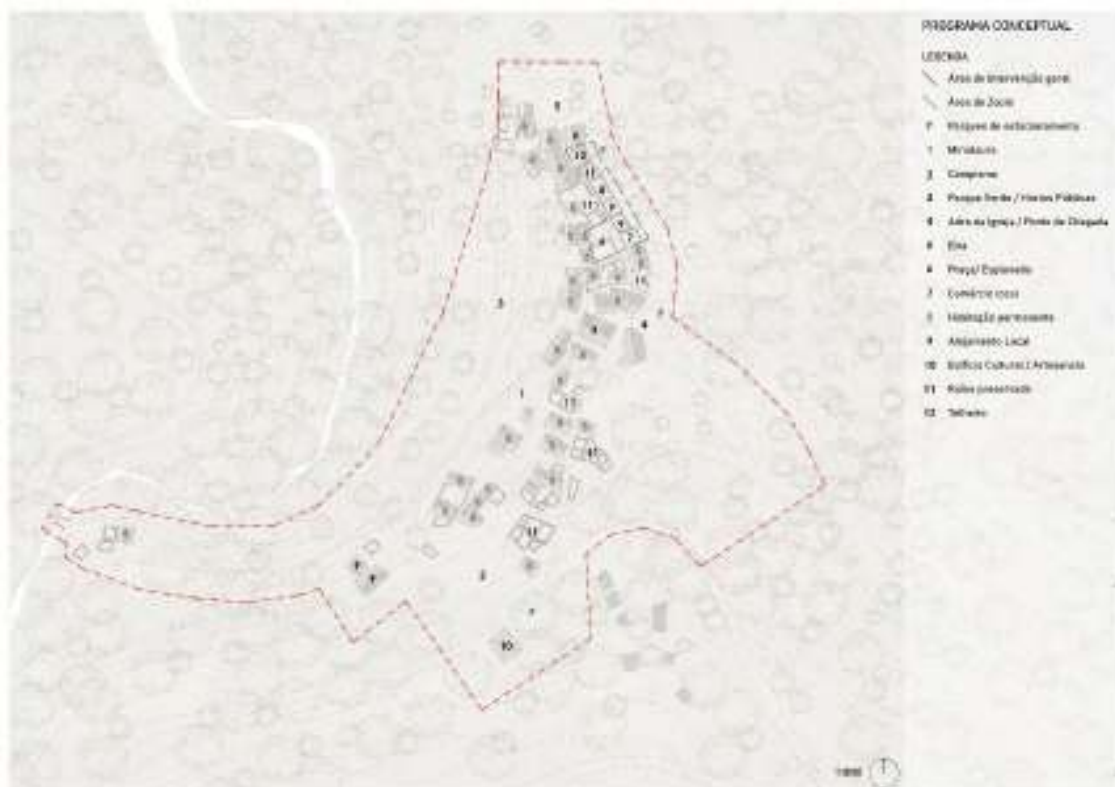


Fig. 60 Programa conceptual para a aldeia do Catarredor

igreja como ponto de chegada e a eira como espaço social e de passagem entre o Vaqueirinho e o Candal).

Coloca-se forte intenção da preservação do valor arquitetónico existente na aldeia, da sua memória, intervindo com o propósito de renovação e de uma intervenção moderna que potencie o desenvolvimento local, seguindo as linhas existentes. A Proposta foca-se também no tratamento do tema da habitação serrana, através da sua confrontação comunitária não só no seu interior, mas com a das aldeias envolventes, como método de estudo do habitar atual e das necessidades do homem, tendo em consideração as materialidades, as preservações da herança arquitetónica e do ideal de projetar uma resposta evolutiva, compreendendo o passado.



Fig. 61 Estudo da proposta de intervenção

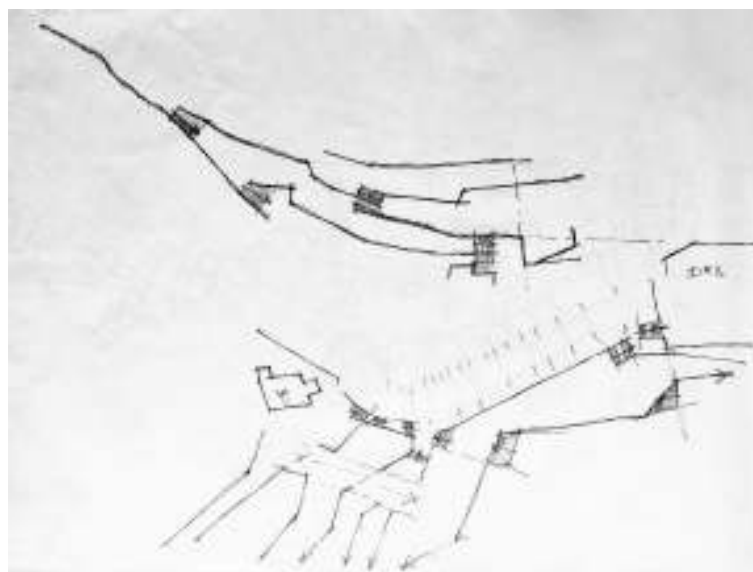


Fig. 62 Estudo da proposta de intervenção



Fig. 63 Planta da Implantação da zona habitacional

Na proposta, proponho a criação de habitações para residentes e espaços de alojamento local para rejuvenescer a dinâmica da aldeia com o turismo, espaços estes que se traduzem como disse Fernando Távora em “espaços de vida” (Da Organização do Espaço, p. 56), edifícios culturais por forma a potenciar a cultura artesã da aldeia, com um espaço de ofício, para venda e para a prática de artesanato pela parte dos turistas.

O espaço de comércio da aldeia é pensado para ser um Bar/ Mercado que potencie a aldeia e que apoie os residentes. As ruínas são vistas como preservação da memória do passado, sendo umas conservadas e destinadas a pátios exteriores, e outras como fundações para edificado proposto. Assim, a resposta prende-se em:

- Criação de acessos (Automóvel, Pedonal);
- Criação de locais de estacionamento (Automóvel, Motociclos e Bicycletas);

- Implementação de equipamento urbano (bancos, caixotes do lixo, pontos informativos, iluminação pública)
- Implementação de espaços verdes e massa arbórea controlada;
- Requalificação dos percursos internos da aldeia;
- Requalificação das ruínas, das levadas, dos socalcos e das hortas;
- Reabilitação da habitação, por forma a responder às necessidades atuais, mantendo os valores arquitetónicos herdados, criando habitabilidade temporária e permanente;
- Reabilitação e transformação dos Currais em elementos estruturantes da habitação e do espaço público;
- Criação de um ponto Comercial no centro da aldeia;
- Criação de uma zona destinada a campismo;
- Criação de um espaço comunitário direcionado á cultura artesã, de sustentabilidade económica;
- Incentivação á realização de eventos culturais, com espaços públicos dedicados aos mesmos;



Fig. 64 Modelo 3D de estudo, vista de cima

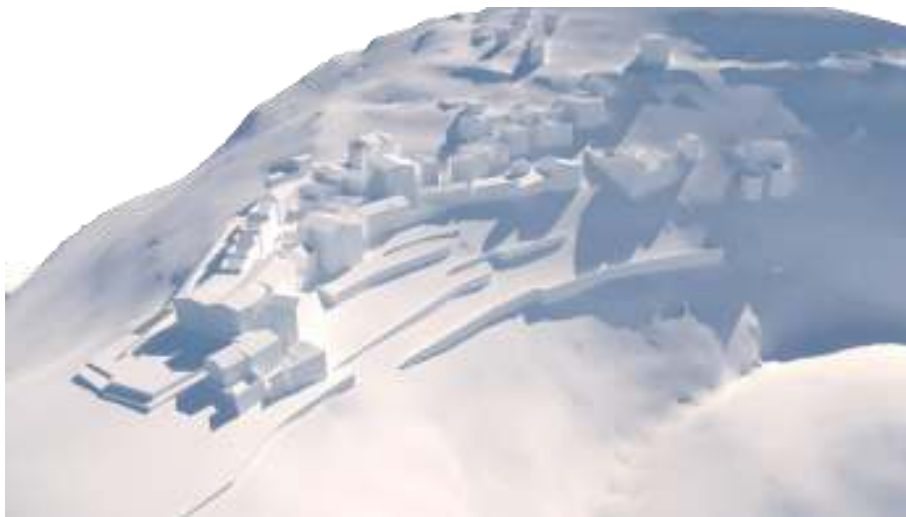


Fig. 65 Modelo 3D de estudo, vista de Sudoeste



Fig. 66 Modelo 3D de estudo, vista da eira



Fig. 67 Modelo 3D da proposta, vista de cima

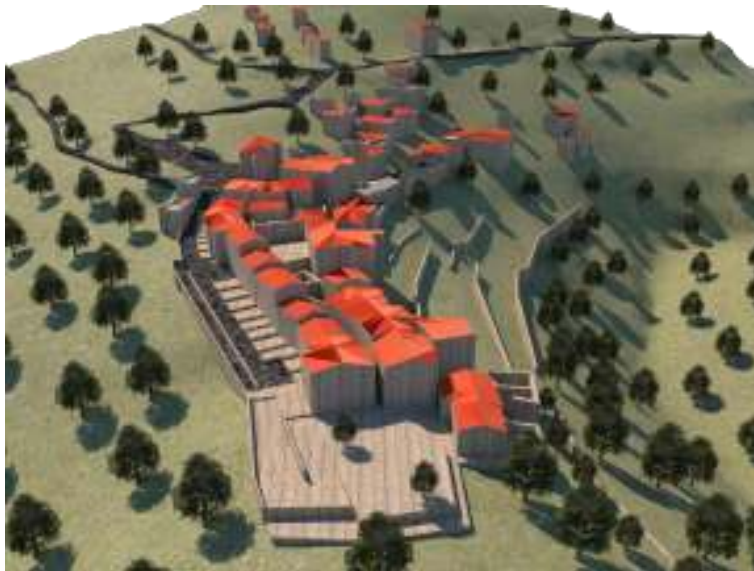


Fig. 68 Modelo 3D da proposta, vista da Eira



Fig. 69 Modelo 3D da proposta, vista de Sudoeste

ESPAÇOS PÚBLICOS

Estes espaços são os que promovem o diálogo entre o desenho urbano e a arquitetura edificada através do desenho de arranjos exteriores, novos pontos programáticos que dinamizam uma maior interação das pessoas, o redesenho dos acessos por forma a tornarem-se inclusivos a agentes com mobilidade reduzida. Assim, relaciona-se a forma e a função á cultura e á vida quotidiana.



Fig. 70 Estudo do espaço público

MIRADOURO

O miradouro apresenta-se na parte Oeste da aldeia, de onde se pode observar toda a serra da Lousã, promovendo o encontro do Homem com a Natureza através dos sentidos. Ele mistura-se com o percurso e as habitações, sobressaindo uma laje do solo que se assemelha a uma escarpa, apontando para o horizonte.

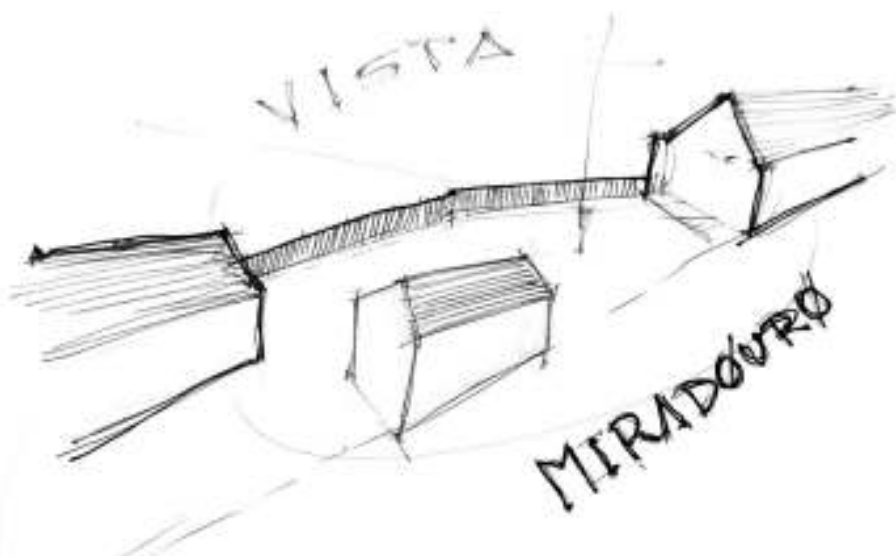


Fig. 71 Estudo do espaço do miradouro

PARQUE DE CAMPISMO

O parque de campismo é composto pelo tratamento das ruínas a preservar e do trabalho do terreno em socalcos, potenciando o campismo em diversos níveis do espaço. Diversos equipamentos a alugar como tendas ou outros equipamentos utilizáveis podem ser alugados no edifício a sul da proposta que recebe os turistas, o edifício cultural, ou no mercado da aldeia.

PARQUE VERDE/ HORTAS PÚBLICAS

Estas hortas, tal como o parque de campismo, são trabalhadas nos socalcos do terreno e no reaproveitamento daquilo que são os muros de suporte em xisto pré-existente no local. O seu desenho apresenta o convite á criação comunitária de vegetais, plantas e frutas que possam servir quem habite na aldeia, bem como venda ecológica no espaço de comércio da aldeia.



Fig. 72 Esquema dos espaços verdes

ADRO DA IGREJA

Este elemento é fundamentalmente o ponto central e de chegada á aldeia. Aqui funciona a rótula entre o que é o dinamismo pretendido entre a aldeia do Candal, o Vaqueirinho e os elementos que constituem o aglomerado físico do Catarredor e os seus pontos programáticos propostos. Como espaço de reunião, foi-lhe concedido um maior desenho urbano com lugares de estacionamento e um redesenho dos elementos do tanque.

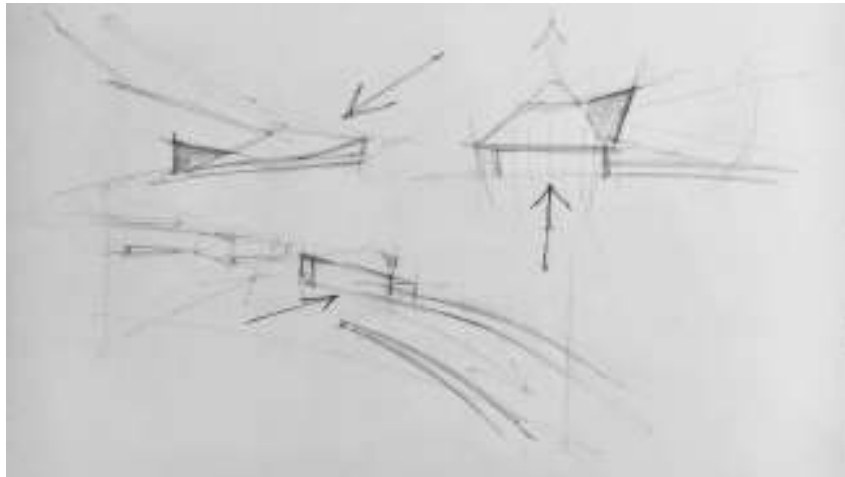


Fig. 73 Estudo do espaço do adro da igreja

COMÉRCIO LOCAL

O espaço de comércio local tem o intuito de ser dinamizador do local, tal como na aldeia vizinha do Talasnal. Este ponto é pensado em servir como Bar e Merceria, acoplando em si funções administrativas de serviço á população, como posto de informação, dando á população um maior controlo sobre as suas próprias raízes e tradições.

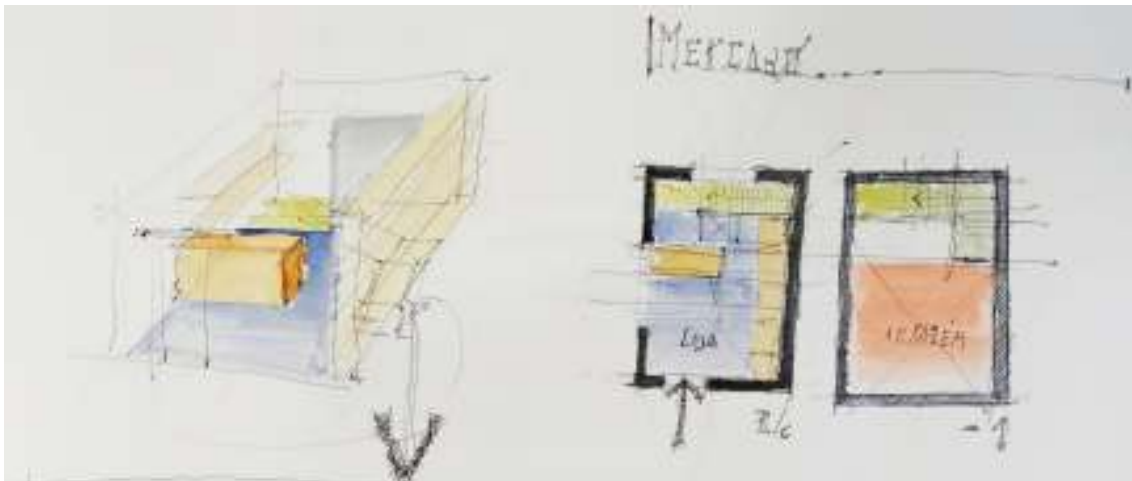


Fig. 74 Estudo do mercado da aldeia

EIRA

As eiras, na maioria dos casos de aldeias de Portugal, apresentam tal como o Catarredor características de centralidade funcional, tornando-se por instinto independentes do conjunto edificado. No entanto, na aldeia do Catarredor, esta realidade perde-se ao estar localizada no extremo Norte da massa edificada, tornando-a suscetível de diversos contextos e finalidades, o que ditou que se tornasse mais numa praça, do que propriamente num espaço funcional. Com isto, pretende-se que os edifícios completem o espaço da eira, tornando-a num elemento central da aldeia, retomando o valor e a dimensão que merece, associando a aldeia com a envolvente.

A proposta vem redesenhar o espaço torna-a como um elemento central no desenvolvimento da aldeia, tornando-a um veículo entre o conjunto da aldeia e o que é, no sítio, um segundo miradouro sobre a serra.

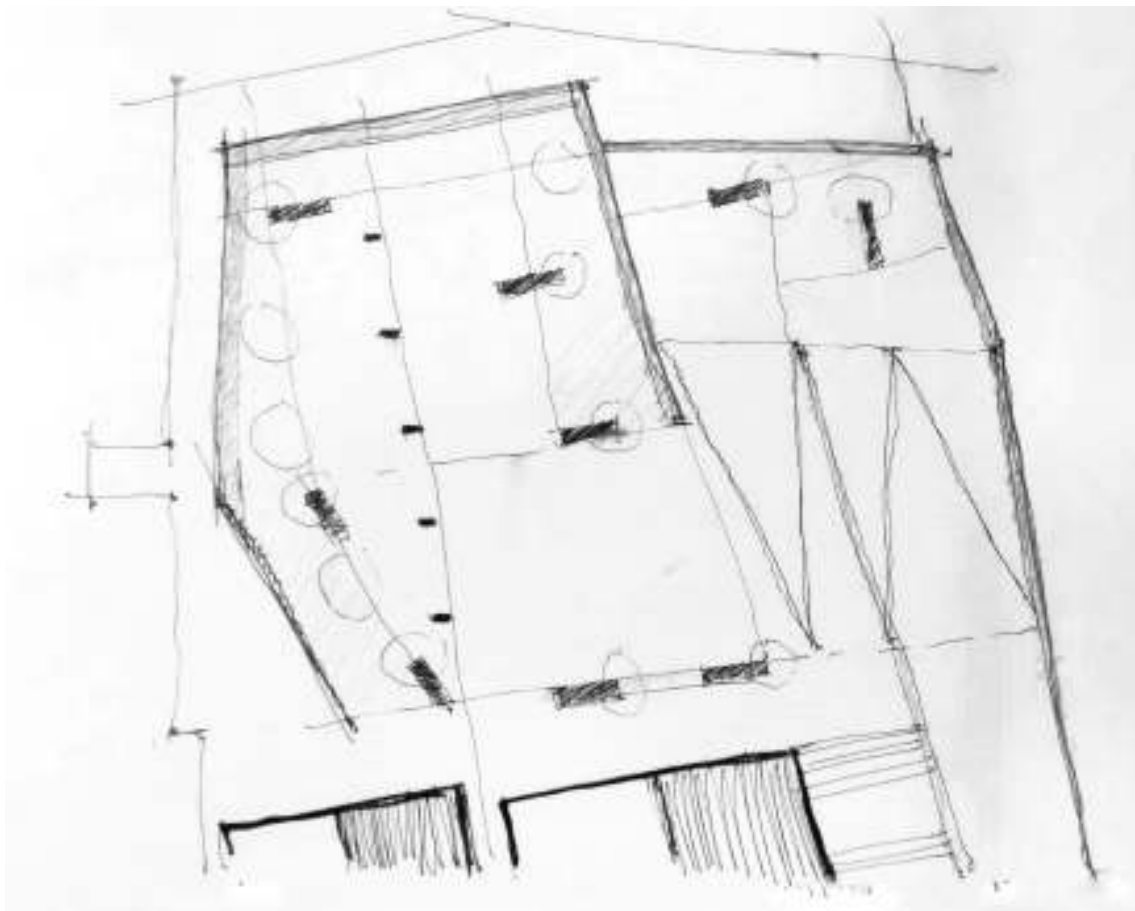


Fig. 75 Estudo da eira

PRAÇA

Este espaço foi criado de raiz, por forma a tornar a via central da aldeia não apenas num elemento de percurso, mas sim num elemento intermédio de pausa que sirva não só os edifícios que a contornam (Habitações, Mercado), mas também toda a aldeia e visitantes, á luz do que acontece noutras aldeias vizinhas, como é exemplo o caso da aldeia do Talasnal. Serve também como elemento unificador dos percursos existentes a diferentes cotas, o que por si só lhe dá uma força física exponencialmente maior. A relação que é criada em malha entre os diversos percursos procura tornar a proposta mais unificada e pretende facilitar o acesso entre os diversos pontos da aldeia, sem que se tenha de percorrer uma longa distância entre elas. Assim, funciona como rótula entre os espaços.

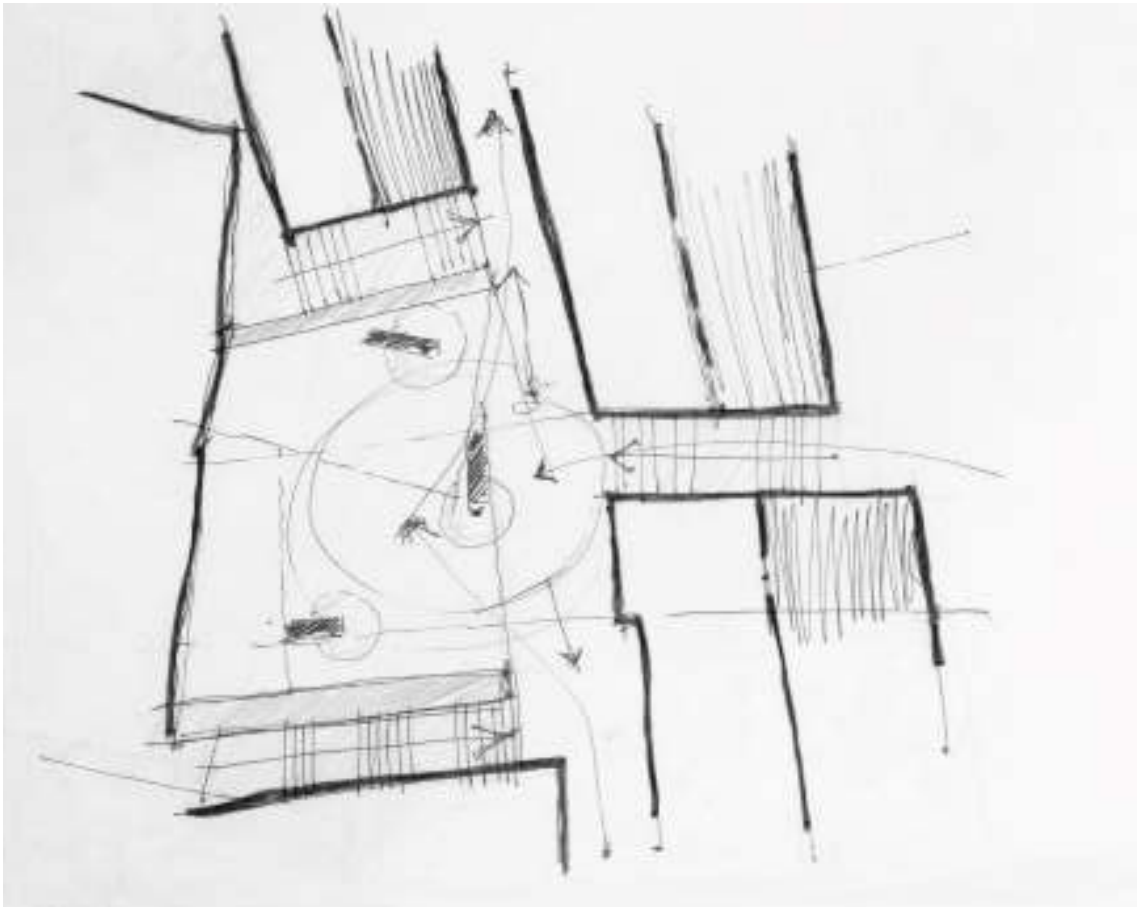


Fig. 76 Estudo do espaço da praça

EDIFÍCIO CULTURAL / ARTESANATO

Este edifício, o mais a Sul da aldeia, apresenta-se com 3 pisos e é considerado o edifício de chegada á aldeia. Ele é berço de um espaço destinado ao artesanato local (prática de carpintaria), da sua mostra cultural e de um ponto de venda. Aqui, associado a programas culturais, pode ser um elemento difusivo das práticas serranas do entalhe de madeira.

RUÍNAS PRESERVADAS

As ruínas são vistas como preservação da memória do passado, sendo umas conservadas e destinadas a pátios exteriores com pavimentos em gravilha e outras como fundações para edificado proposto, tal como se sucede no caso das habitações do Plano de Pormenor, onde a requalificação das ruínas é executada por forma a suceder a um conjunto organizado de habitações que lá pré-existiam. Na zona sul, no entanto, muitas mantiveram-se como ruínas preservadas por forma a manter o carisma da aldeia.

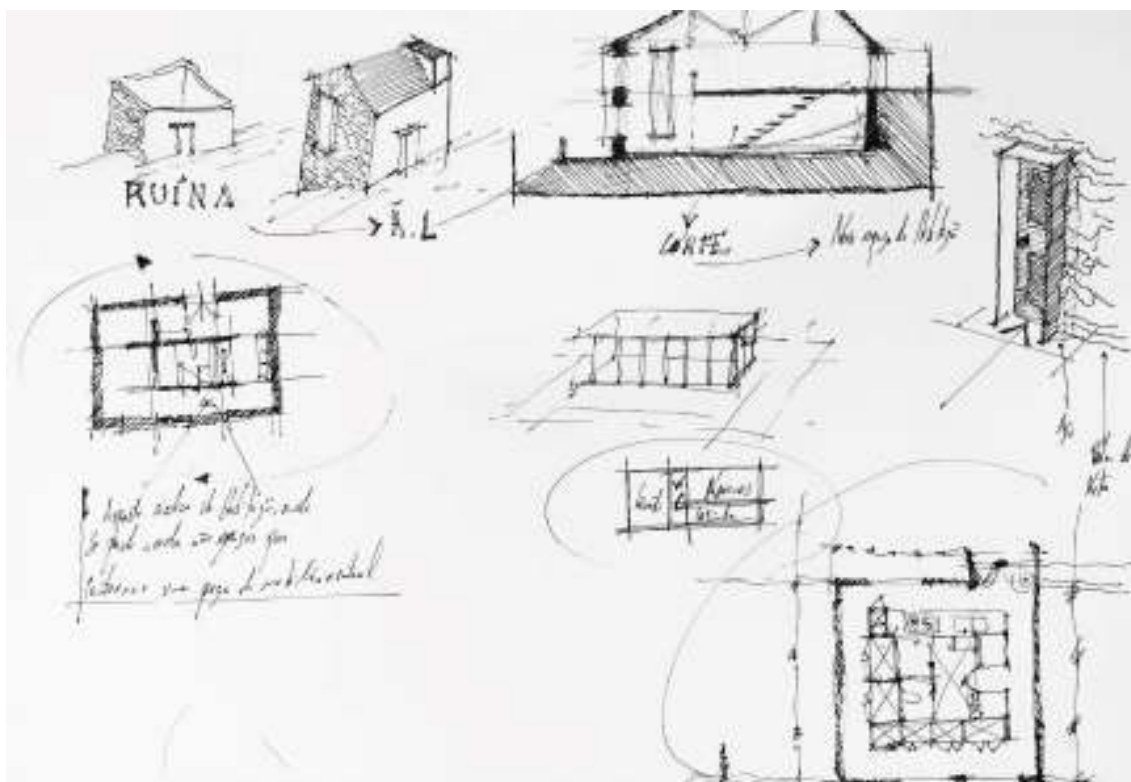


Fig. 77 Estudo de preservação do edificado

TELHEIRO

Este espaço é o único, na aldeia, que reunia um sentido comunitário logo desde o primeiro momento de visita. Contabilizando duas mesas de madeira de carvalho, foi desde logo considerado um ponto a manter e a preservar, sendo que detinha um carácter local forte e elementos construtivos interessantes. No seu piso de rés-de-chão, mantem a mesma configuração existente, sendo que no piso inferior a opção projetual é de que sirva de quartos para as duas habitações que rodeiam este edifício. Isto permite o usufruto do que anteriormente era um curral, agora como um espaço de residência. A proposta desenhada vem manter este espaço com uma estrutura de madeira e telha vã que mantém o mesmo carisma e propriedades do local.



Fig. 78 Estudo do telheiro



Fig. 79 Corte do espaço do telheiro

5.1.2 INFRAESTRUTURAS

Os edifícios, em contrário ao pré-existente, são abastecidos individualmente por eletricidade e internet, água canalizada e rede de saneamento, seguindo o projeto a desenvolver de cada especialidade responsável.

Os percursos pedonais dividem-se essencialmente em duas categorias, as que relacionam a dinâmica interna do conjunto, ligando os diversos pontos internos da aldeia por percursos característicos, vernaculares e estreitos, e por um segundo tipo de estrutura viária que relaciona a aldeia com as aldeias vizinhas, funcionando como pontos de acesso exteriores e como unificadores das aldeias vizinhas. Os percursos e rampas são realizados com uma pendente de 6% por forma a resolver as questões das acessibilidades.

As vias automóveis dão acesso á aldeia pela zona Sul até junto ao Adro da Igreja e junto á eira por uma nova via proposta que serve maioritariamente o propósito de cargas/descargas de veículos comerciais e de uso em caso de emergência por ambulâncias e bombeiros.

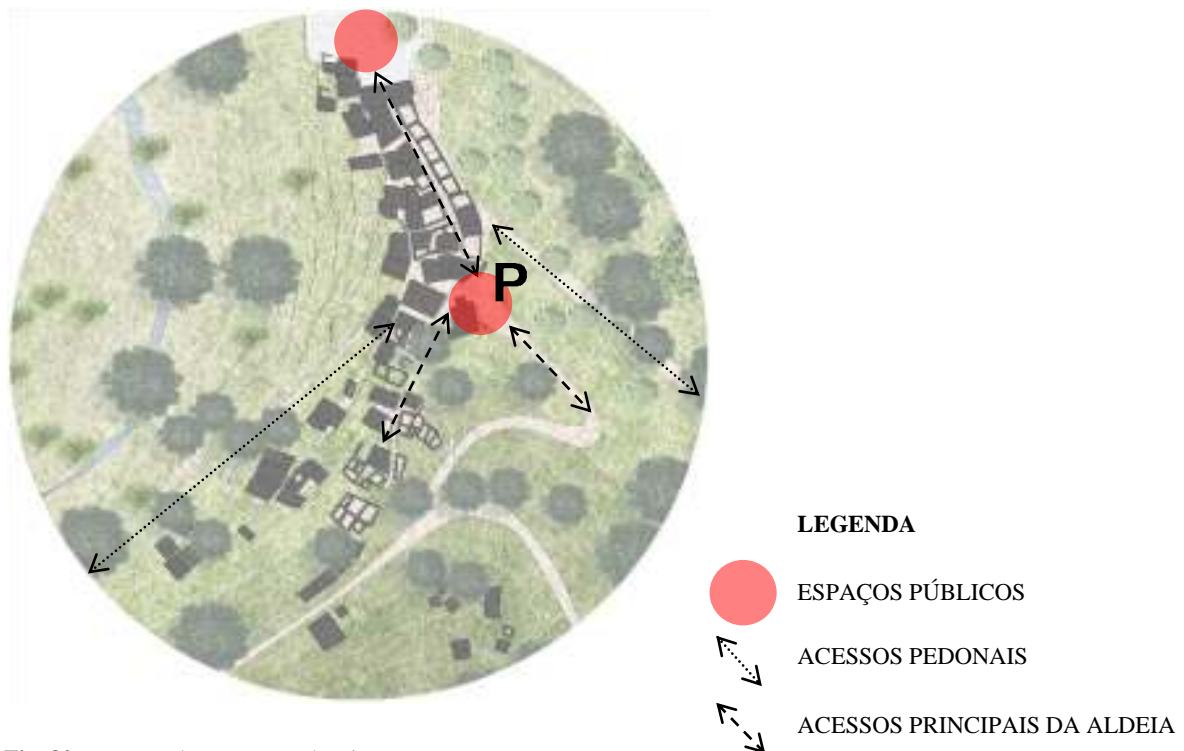


Fig. 80 Esquema dos percursos locais

5.1.3 MOBILIÁRIO URBANO

O mobiliário urbano para a aldeia do Catarredor foi pensado para se enquadrar e fazer parte daquilo que são os espaços da aldeia. Numa materialidade de madeira de carvalho e aço corten, procuram se enquadrar naquilo que é o carácter local, reforçando o traço rude e simples.

Os candeeiros são localizados nos espaços públicos da eira, da praça e nos pontos de chegada á aldeia. A iluminação não se pretende muito elevada, procurando manter o nível recatado e de aconchego da aldeia.

Os bancos são de aço corten, sendo que o acento é em ripado de madeira de carvalho, procurando oferecer algum conforto a quem o utiliza, tendo a sua inspiração nos bancos de madeira do telheiro. Estes elementos de mobiliário também oferecem espaços adaptados para a recolha de resíduos e locais para plantar vegetação de médio porte, procurando inserir vegetação no interior da aldeia, mais concretamente nos locais de usufruto social.

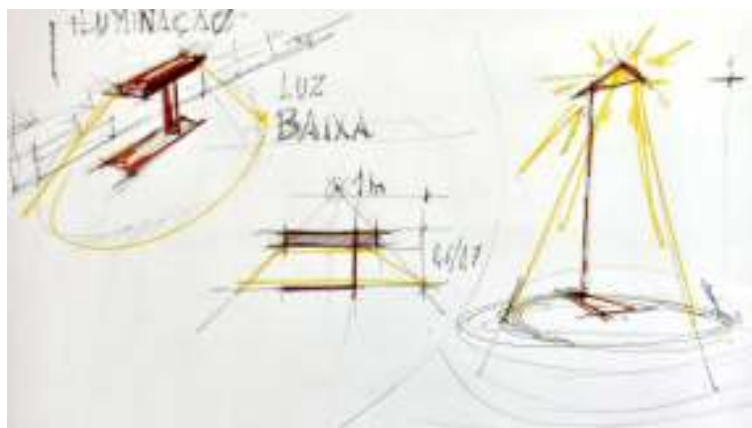


Fig. 81 Estudo da iluminação



Fig. 82 Estudo do mobiliário urbano

5.2 PROPOSTA DO PROJETO DE ARQUITETURA

5.2.1 INTERVENÇÃO NO EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO

O trabalho da habitação permanente proposto expressa-se como resposta áquilo que são as intenções projetais de revitalização e de preservação dos valores materiais e imateriais do local. É fruto da reflexão sobre o que são os comportamentos e necessidades do Homem nos dias correntes, integrado no meio serrano.

A sua relação entre vida social, vida privada, espaço laboral e de estar estão tidos em conta no projeto, por forma a responder a uma necessidade de fatores múltiplos que resultaram no desaparecimento do mesmo às suas raízes, o que potenciou a desertificação do interior e das terras mais altas. A casa passa a tornar-se exemplo do que é a arquitetura vernacular, associada á nova tectónica que responde aos défices de qualidade de vida pré-existent: Comportamentos térmicos, de impermeabilização e de co-habitabilidade.

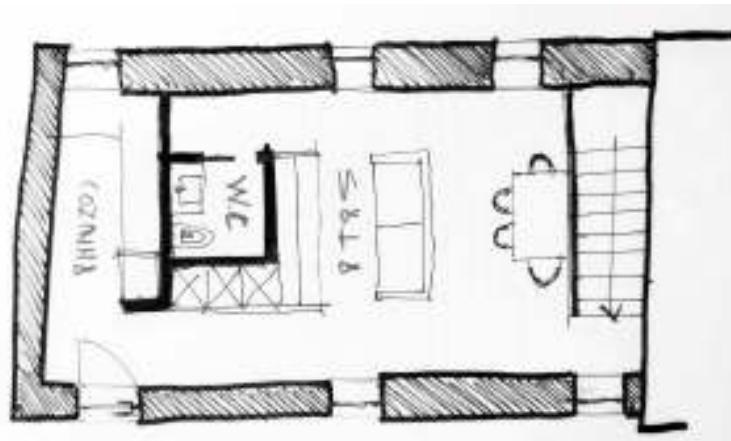


Fig. 83 Estudo da habitação (Piso 0)

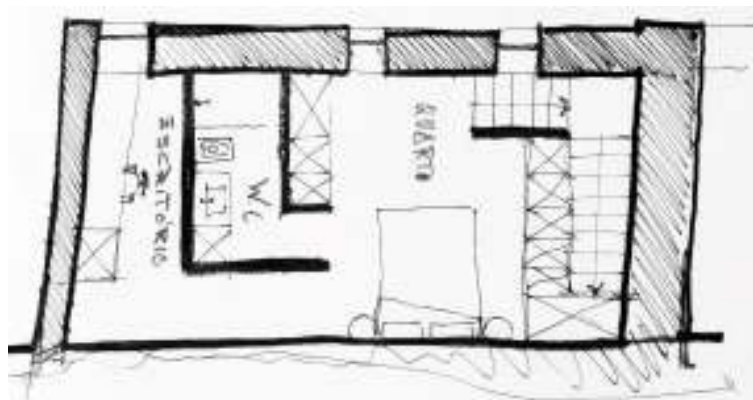


Fig. 84 Estudo da habitação (Piso -1)



Fig. 85 Planta de Piso 0



Fig. 86 Planta de Piso -1

A habitação é constituída por dois pisos, o superior associado às áreas sociais da casa como a sala de estar/jantar e cozinha e o piso inferior às áreas privadas, como o quarto e o escritório. Originalmente, a habitação era constituída por apenas duas peças no piso superior: Cozinha (que funcionava como espaço social) e dois quartos, sendo que o piso inferior era destinado á Loja e a um curral.

O espaço interior da habitação pretende reunir o que são as funções principais de uma casa, onde se tentou potenciar uma experiência de partilha de espaço conforme as divisões. No ponto de chegada, a primeira interação que se tem é com um corredor que nos confronta de frente com um apanelado de armários embutidos em madeira que nos convida a entrar para a sala de estar/jantar e viver a habitação, resguardando a cozinha e o WC de serviço do piso.



Fig. 87 Renderização da Sala de Estar e da divisão do WC



Fig. 88 Renderização do Corredor e Sala de Estar

No piso inferior, funciona o que são as áreas privadas da habitação, com uma escadaria que nos conduz para o quarto, com um WC completo e um escritório do lado oposto do piso.

Este piso integra-se com o que era o ambiente de curral original, com as vigas da Lage superior expostas e um ambiente mais fechado para si mesmo, com apenas umas breves aberturas nos vãos.



Fig. 89 Renderização do Quarto



Fig. 90 Renderização do Quarto, vista do Corredor



Fig. 91 Renderização do WC



Fig. 92 Renderização do Escritório

5.2.2 OPÇÕES CONSTRUCTIVAS E MATERIALIDADES

Os tetos e o mobiliário desenhado são compostos por apainelados de madeira, que transmitem um maior conforto e uma certa temperatura á habitação, tendo também um papel interventivo nesse especto a iluminação de baixo cariz, que contrastam com a rugosidade e frieza do Xisto nas paredes mestras. O pavimento da Cozinha e do WC são em cerâmica, por questões de higiene e de limpeza, sendo que o resto do piso superior é composto por um soalho de madeira maciço, tal como na origem da habitação.

No acesso ao piso inferior, as escadarias são compostas em Mortex de cor antracite, um betão polido que se associa com a cor dos pavimentos utilizados nos espaços da cozinha e WC, e que serve como transição do soalho de madeira do piso superior para o pavimento em lajetas de xisto que compõe o piso inferior.

As caixilharias dos vãos são em alumínio anodizado de cor preta, mantendo na constituição da janela a padieira de madeira.

O telhado é composto pela telha característica (mourisca), apoiando sobre uma subtelha, isolamento térmico e um forro de madeira. Sob isso, estão as vigas de madeira que se suportam nas paredes mestras em xisto, acabando por fim com um acabamento interior em painéis laminados de madeira.



Fig. 93 Renderização da proposta de intervenção



Fig. 94 Renderização da fachada



Fig. 95 Renderização da vista em planta do Piso 0



Fig. 96 Renderização da vista em planta do Piso -1

CONCLUSÃO

Todo o desenvolvimento deste trabalho está fortemente relacionado por um conjunto de trabalhos científicos que ao longo deste percurso tive a oportunidade de ler e avaliar, muitos dos quais de um enorme valor e que permitiriam prolongar o debate na matéria e que aqui não foram mencionados.

Um dos quais, que não torna a leitura fatigante e revela o verdadeiro sentido crítico da autora na sua dissertação – Entre o indivíduo socializado e o espaço popular, de Mariana Ribeiro de Almeida –, pode-se ler: “A casa, (...) é um lugar de transformação, o que entra é recebido e o que sai é produzido. Já o doméstico constrói-se nessa plataforma geradora que é a casa, através de fragmentos que criam uma ordem, produzindo assim um lugar próprio. Assim, compreende-se uma prática itinerante na transformação da casa em espaços domésticos.” (pág.18)

É esta relação entre o lugar, o espaço e a casa como meio de habitar e ser visto como elemento “doméstico”, identificando a arquitetura existente e confrontando-a com as suas raízes culturais tão próprias e distintas, como vernacularidades construídas da serra da lousã, que traduz o trabalho realizado nesta dissertação num testemunho da necessidade de preservação destes elementos e da sua reabilitação por forma a responder áquilo que são as necessidades do homem atual em viver estes espaços que se têm tornado desocupados ao longo dos anos.

A habitação vernacular na serra da lousã tem-se, no entanto, adaptado á realidade dos tempos e tem sido direcionada para uma via turística que permite o retiro da população dos meios citadinos para zonas serranas e a captação de população, embora que apenas em períodos sazonais. Isto, no entanto, leva ao abandono permanente de quem habita estas aldeias de forma permanente pela falta de vivência social e em comunidade.

Assim, o que se escreveu do ponto 2 até ao ponto 4 desta dissertação servem como fundamento da proposta pensada a servir de elemento de análise e debate na forma como se reabilitam os espaços do interior no sentido da “*Big Picture*”, procurando adaptar as ruínas e as casas abandonadas em espaços habitacionais que fomentem a vivência comunitária e o usufruto da magnificência da serra, como espaço de habitar e desenvolvimento do homem como ser.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, A. M. (1988). **Arquitectura Popular em Portugal** (3ª edição ed.). Associação dos Arquitectos Portugueses.

CARVALHO, C. B. (2017). **Arquitecturas Em Xisto Transmontanas**. Dissertação de Mestrado em Arquitectura da Universidade do Porto. Porto.

ICOMOS. (17-23 de Outubro de 1999). **Carta sobre o património contruído vernáculo**. Cidade do México.

LOUSÃ, C. M. (2018). **Estratégia de Reabilitação Urbana**. Projecto de Reabilitação Urbana Simples - Aldeia do Talasnal, 12.

MONTEIRO, P. (1985). **Terra que já foi terra**. Lisboa: Edições Salamandra, Lda.

MOUTINHO, M. (1979). **A Arquitectura Popular Portuguesa**. Lisboa: Editorial Estampa.

MUGA, H. (2005). **Psicologia da arquitectura**. Vila Nova de Gaia: Edições Gailivro.

NORBERG-SCHULZ, C. (1979). **Genius loci: towards a phenomenology of architecture**. New York: Rizzoli.

OLIVEIRA, E. V., & Galhano, F. (1992). **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

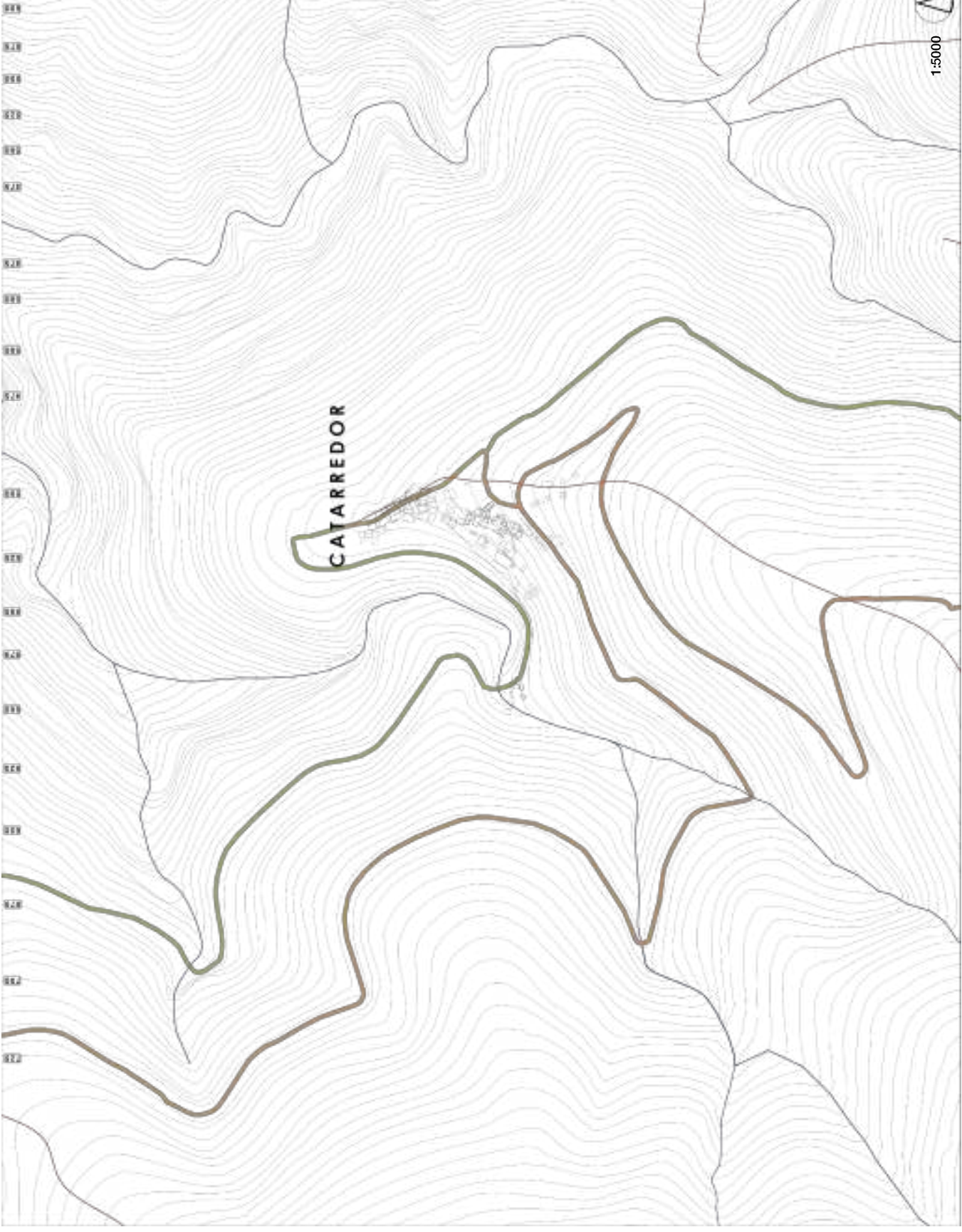
TÁVORA, F. (2006). **Da Organização do Espaço** (8ª Edição ed.). Porto: FAUP Publicações.

VENTURA, R. J. (2013). **[RE]qualificação da Paisagem do Xisto - Caso de Estudo: Aldeia do Lortal**. Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagista da Universidade do Porto. Porto.

WEBGRAFIA







XISTO, A. d. (Agosto de 2020). **História, Uma história que hoje se veste de futuro**. Obtido de Portal das Aldeias do Xisto: <https://aldeiasdoxisto.pt/category/história>

APÊNDICE



PLANTA DE LOCALIZAÇÃO

LEGENDA

-  Linha de Cota Mestra
-  Linha de Cota
-  Vía Automóvel
-  Vía Pedonal
-  Talvegue
-  Fesfo

PLANTA DE APRESENTAÇÃO

LEGENDA



Pinheiro



Oliveira



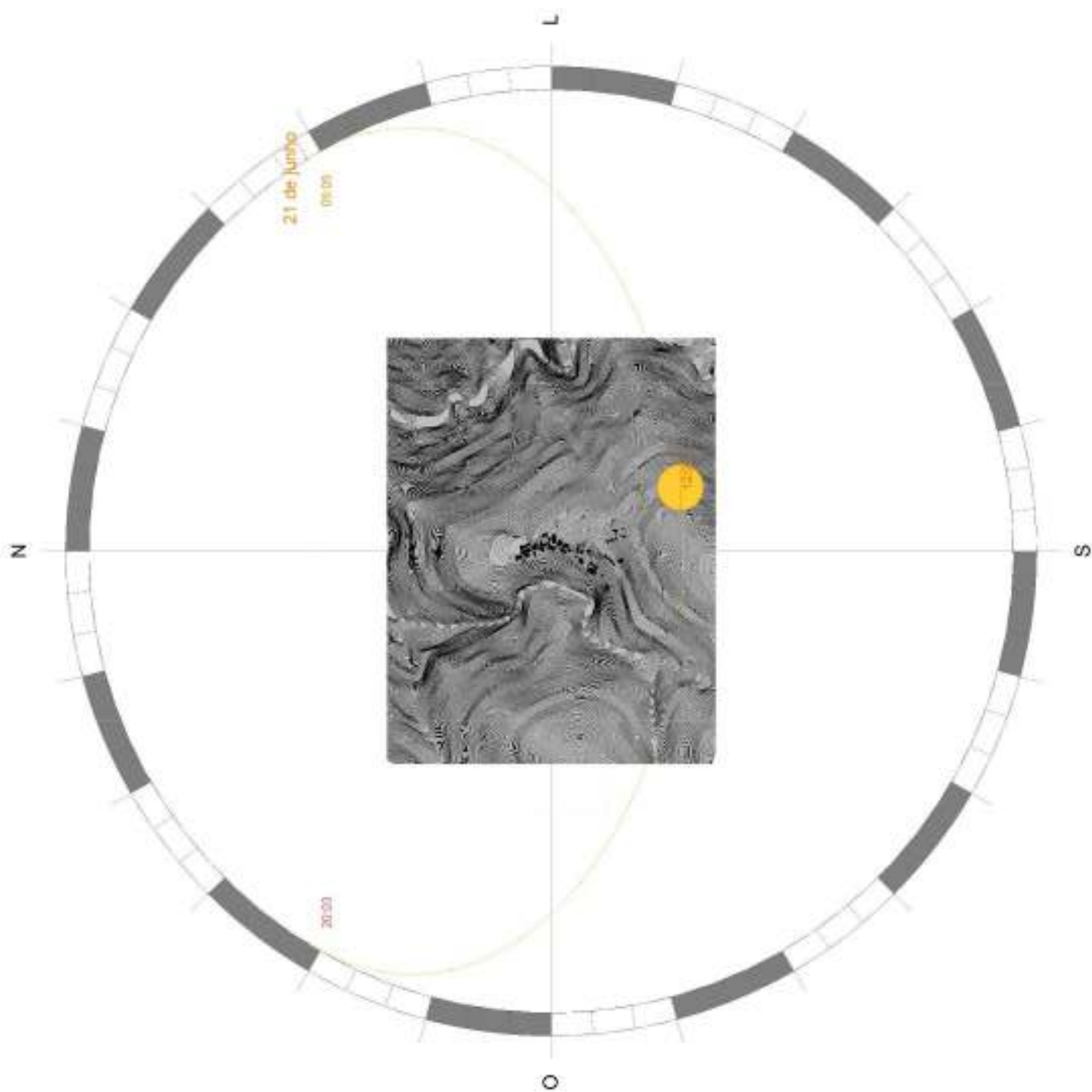
Castanheiro

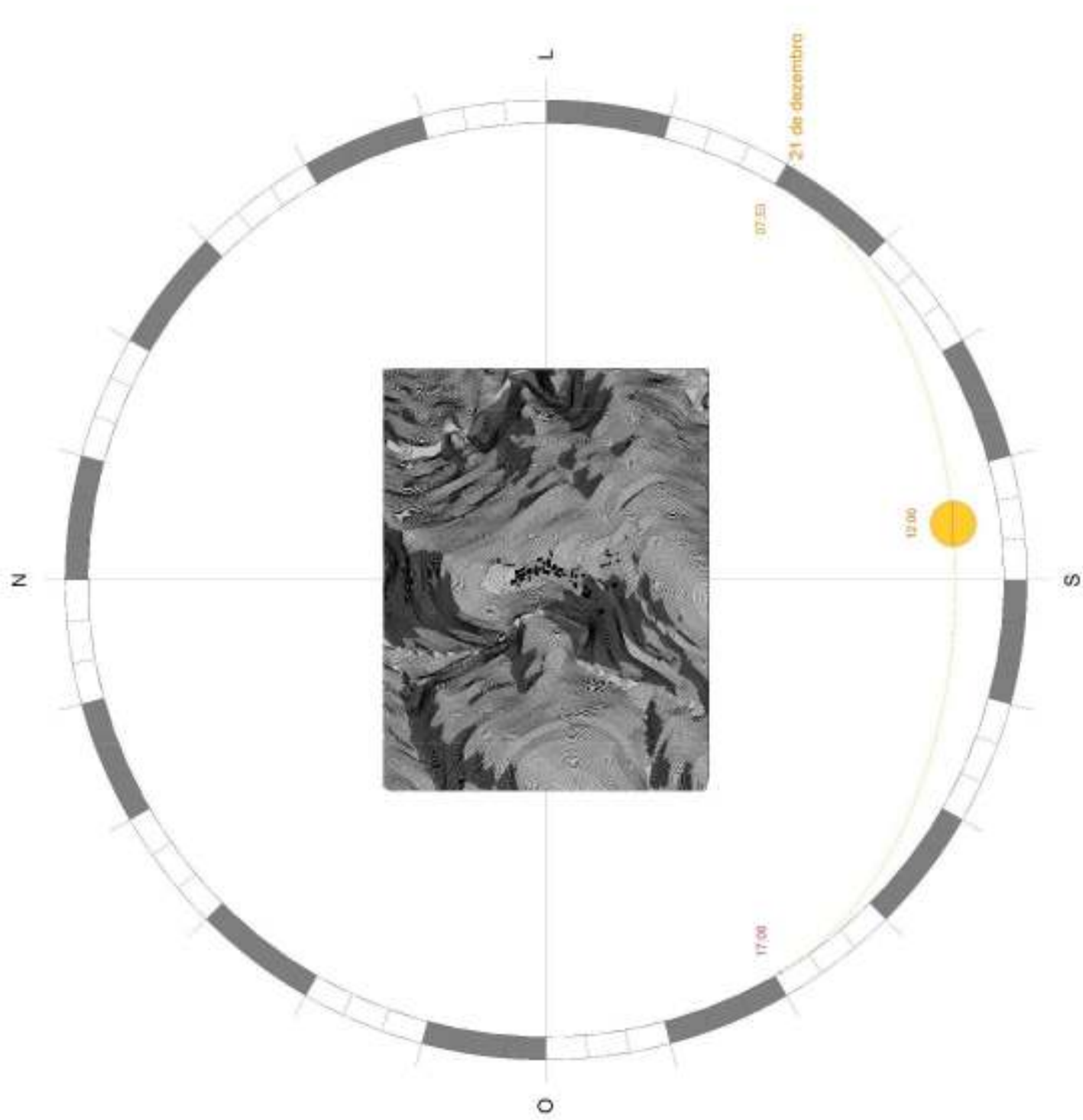


Carvalho



1:1000









PLANTA DE INFRAESTRUTURAS

LEGENDA

PAVIMENTOS

- Solo Degradável
- Lageado em Xisto
- Degraus em Xisto
- Rocha á vista

REDE DE ILUMINAÇÃO

- Linha de iluminação
- Poste
- Baixada

REDE TELEFÓNICA

- Linha Telefónica
- Poste
- Baixada

ABASTECIMENTO

- Água e Electricidade
- Água Potável
- Electricidade
- Curso de água
- Linha de Cota



1:1000

PLANTA DE USOS

LEGENDA

ÁREAS EDIFICADAS

- > 35 m²
- 35 / 70 m²
- 70 / 100 m²
- 100 / 170 m²
- < 170 m²

USOS

- Comércio
- Equipamentos
- Artesanato

ÁREAS LIVRES

- Zona de cultivo
- Zona não cultivada
- Zonas de Logradouro
- Circulação Interna

ESPAÇOS LÚDICOS

- Zona de Miradouro
- Zona de Lazer
- Zona de Campismo
- Curso de água
- Linha de Cota



1:1000



PLANTA DE PISOS

LEGENDA

- 1 Piso
- 2 Pisos
- 3 Pisos
- Indeterminado
- Curso de água
- Linha de Cota



PLANTA DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO DO EDIFICADO

LEGENDA

ADULTERAÇÕES DO MÉTODO CONSTRUCTIVO

- Método Não tradicional
- Fachada
- Cobertura
- Vãos

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

- 80% - 100%
- 60% - 80%
- 40% - 60%
- 20% - 40%
- 0% - 20%
- Curso de água
- Linha de Cota



1:1000

**PLANTA DE CLASSIFICAÇÃO
DAS RUINAS**

LEGENDA

TIPO DE RUINAS

-  Maderamentos Abatidos
-  Empenas
-  Ruína Absoluta
-  Vestígios de edificado
-  Curso de água
-  Linha de Cota



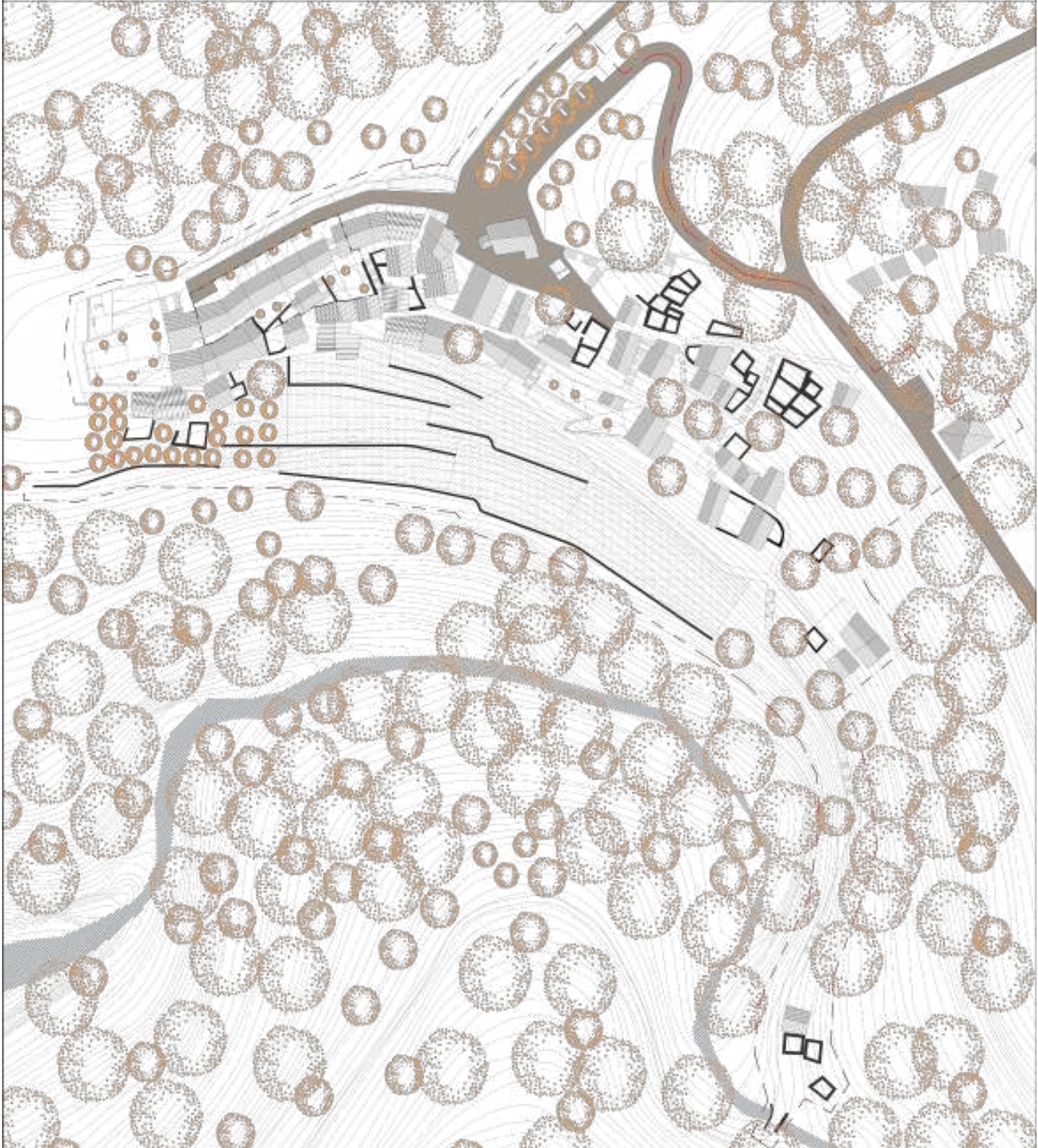
1:1000

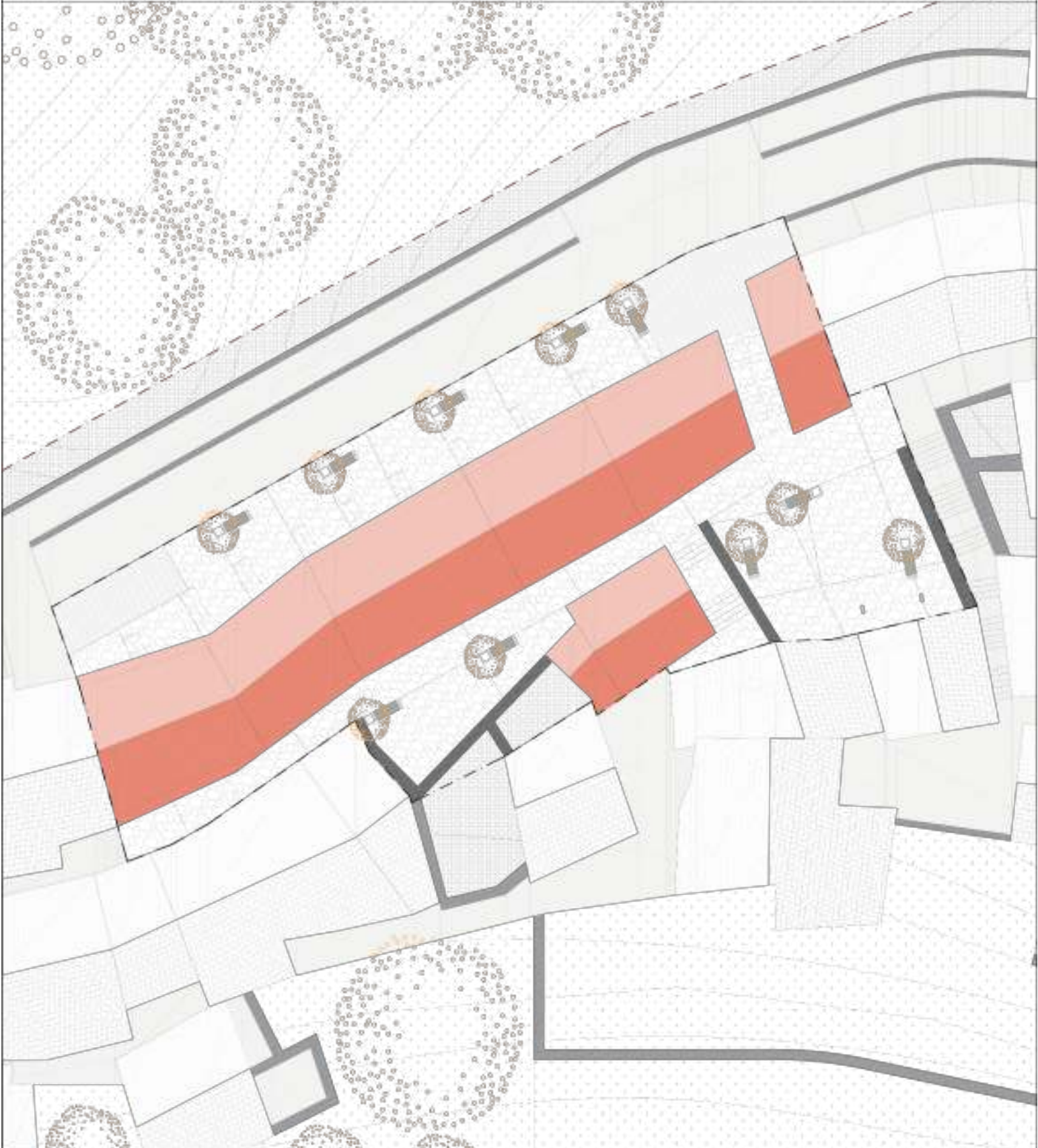
PLANTA DE APRESENTAÇÃO E DE INFRAESTRUTURAS

Universidade Lusóvia VNF Formilido
Faculdade de Arquitetura e Artes
Projeto B 2019/2020
31.06.013 - Theresia Sobral

LEGENDA

- LIMITE DA INTERVENÇÃO ORBAL
- - - LIMITE DO PLANO DE FORMAR/FORMA
- ▤ PAVIMENTAÇÃO PÚBLICA
- ▥ COBERTURA
- VIAS DE ACESSO AUTOMÓVEL
- ▨ CURSO DE ÁGUA
- MASSA ARBÓREA





LEGENDA

- ÁREAS DE DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA
- ÁREAS DE PLANTIO DE VEGETAÇÃO
- ÁREAS VERDES
- CONSTRUÇÃO DE PLANO DE PAVIMENTAÇÃO
- CONCRETO
- PAVIMENTOS EM CIMENTO
- REDE DE ÁGUA

PLANTA DE COBERTURA

Esc. 1/2000
 Universidade Lusóvia VNF-Fonseca
 Faculdade de Arquitectura e Artes
 Projecto 8 2015/2026
 31.109013 - Theresia Kubista



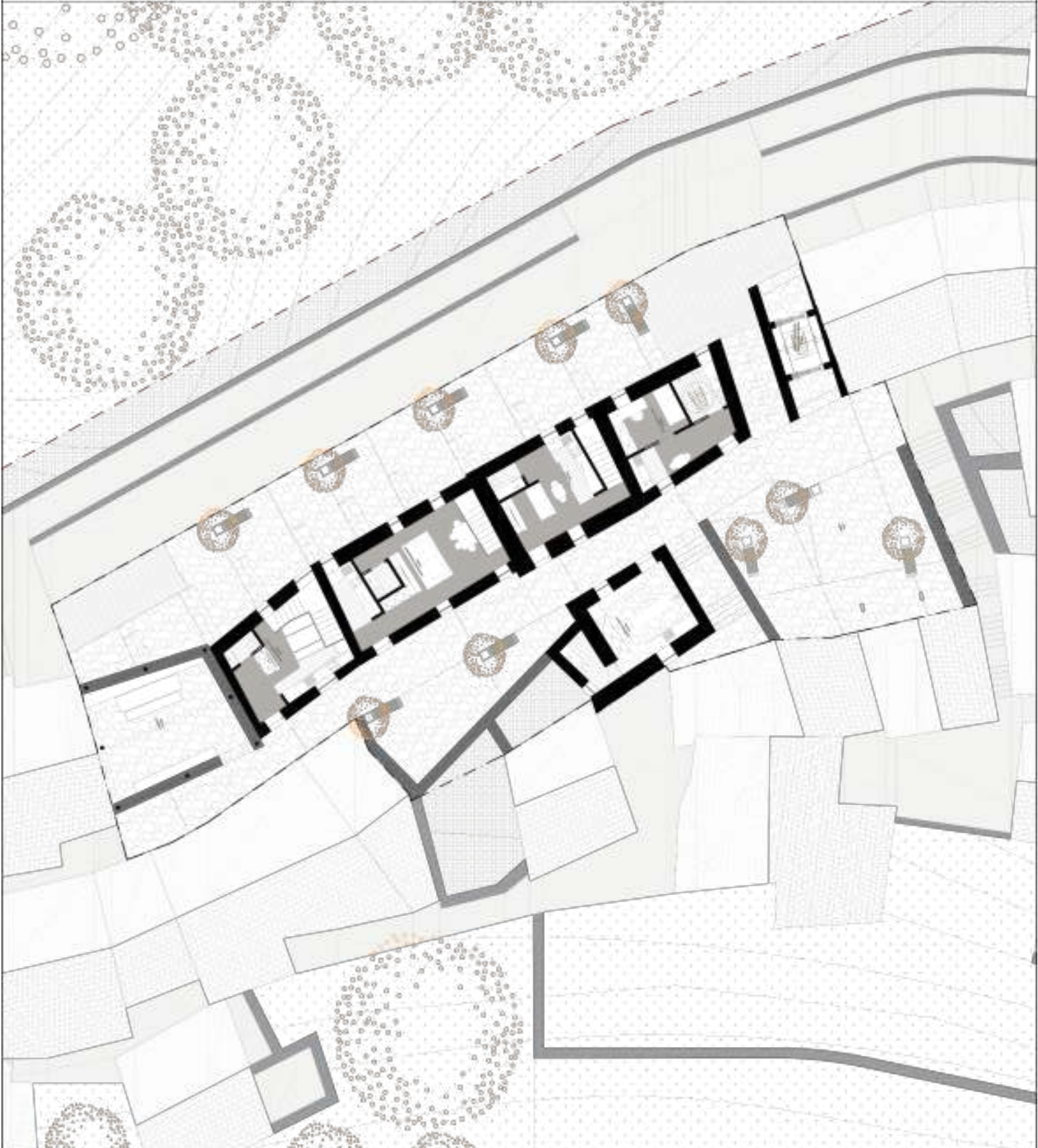
LEGENDA

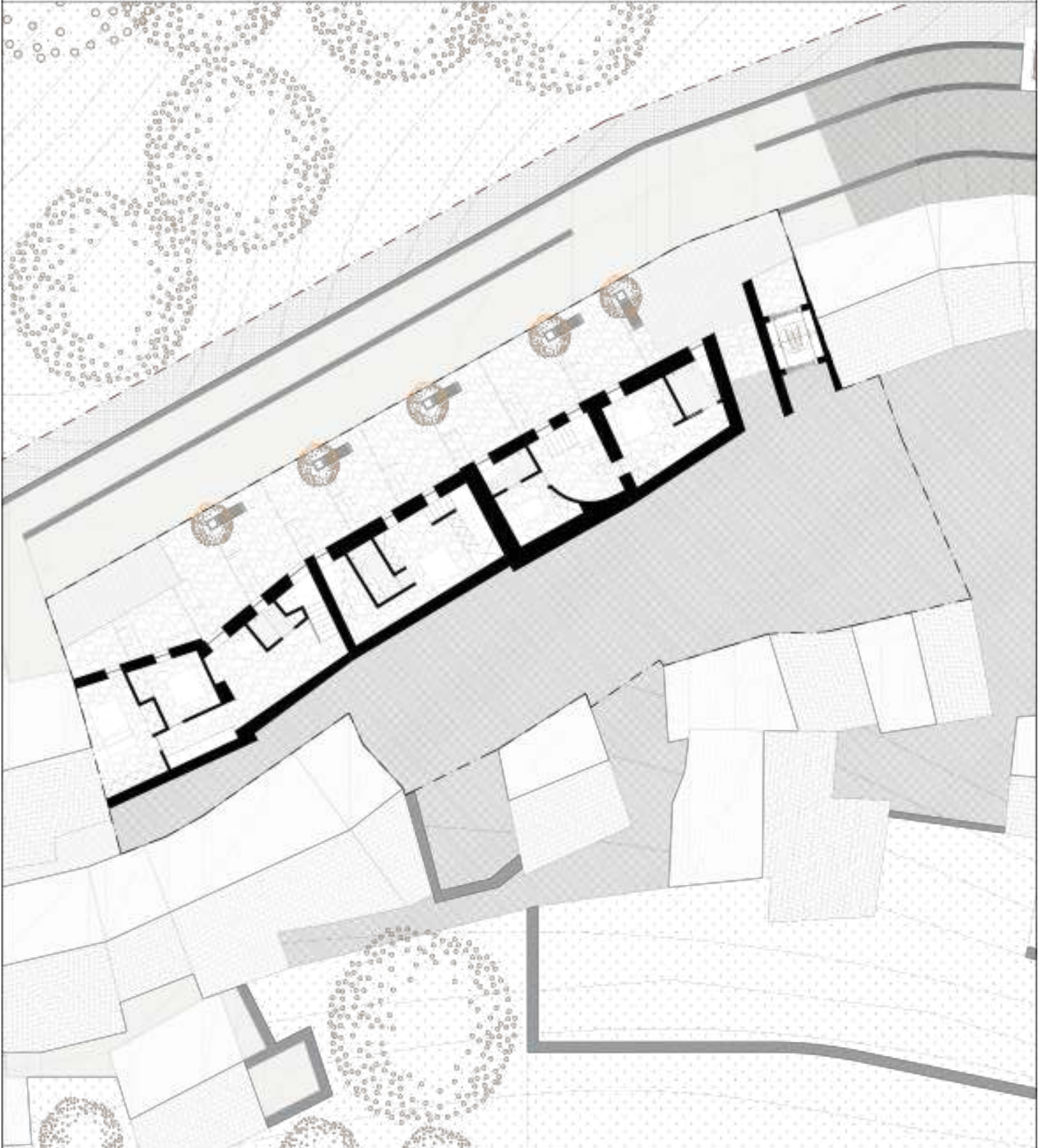
- LIMITE DA APROPRIAÇÃO ORÇÁ
- LIMITE DO PLANO DE PORMENOR
- ESPAÇOS VERDES
- COBERTURAS
- FUNDAÇÕES NA BORDA
- MASSA ABSORVA

PLANTA DE PISO 0

Esc. 1/200

Universidade Lusófona VNF Foz de Calvo
Faculdade de Arquitetura e Artes
Projecto de 2019/2020
31/10/2013 - Thales Ruffalo



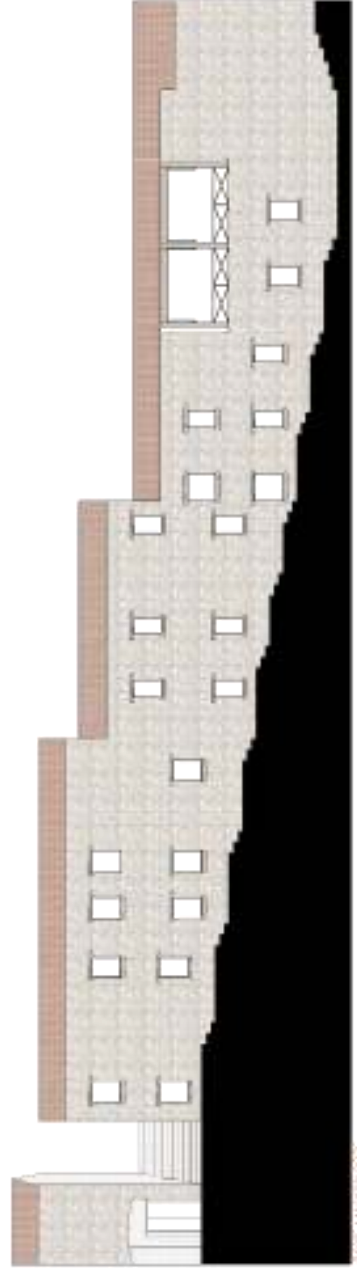
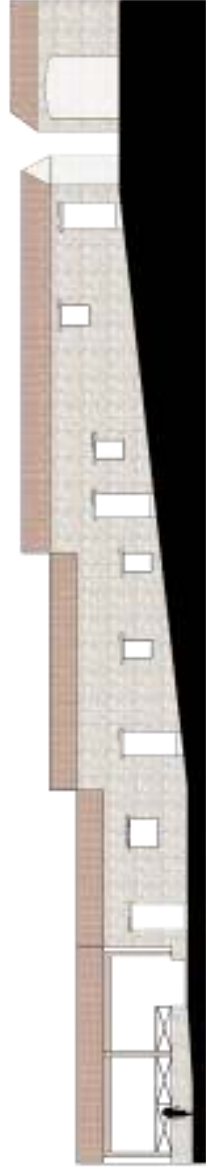


LEGENDA

- AMPE DA INTERVENÇÃO GERAL
- AMPE DO PLANO DE MOBILIDADE
- OPERAÇÕES VERTICAIS
- CORREDOIROS
- COBERTURAS
- Mobiliário fixo
- Árvore arbórea

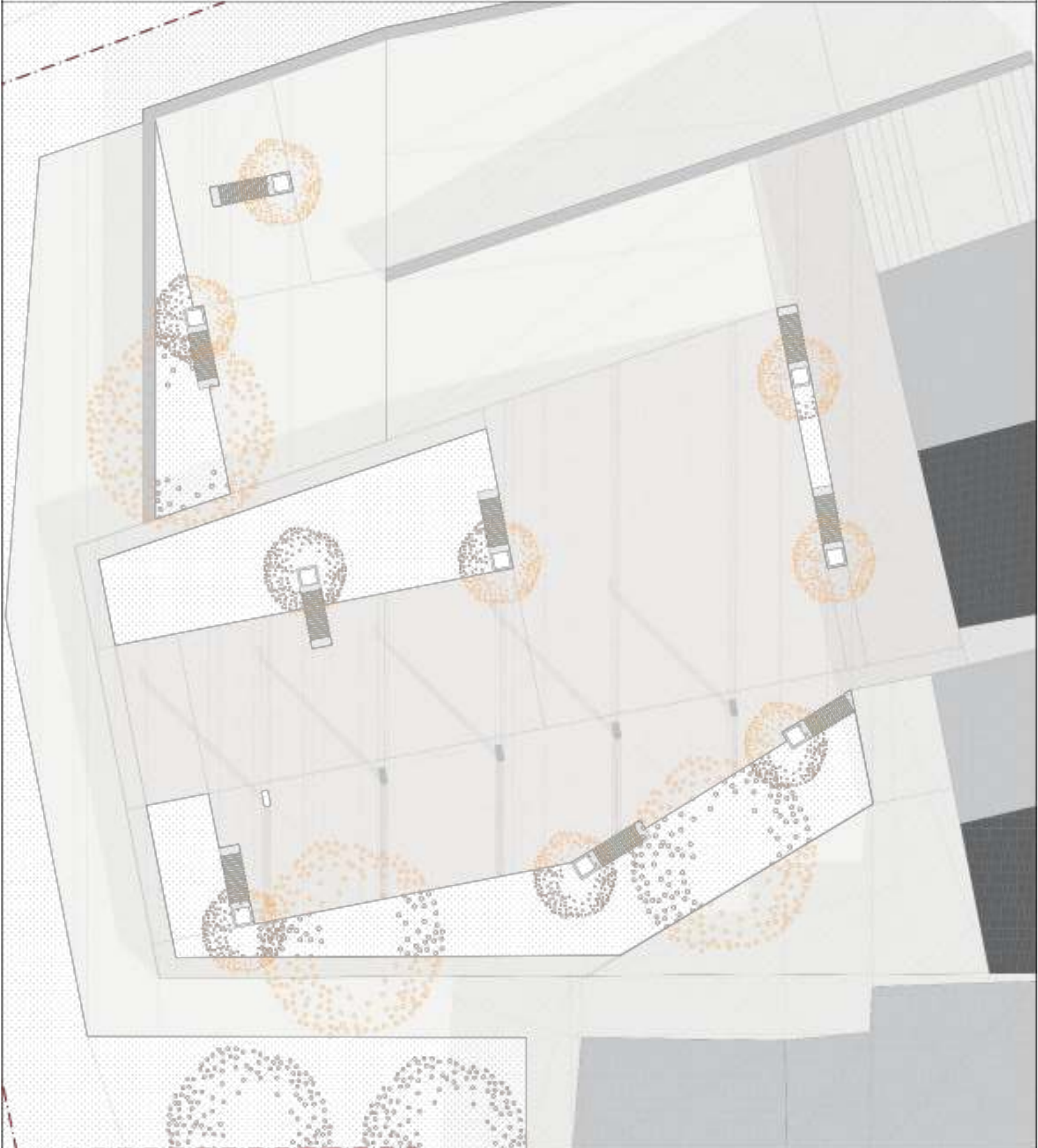
PLANTA DE PISO - I
Esc. 1/200

Universidade Lusóbia VNF, Faculdade de Arquitectura e Artes
Projecto a 2019/2020
31/04/2013 - Tereza Rufina



CORTES/ALÇADOS
2021

Universidade Lusitana VNI Famalicão
Faculdade de Arquitectura e Artes
Projeto 8 2019/2020
30.700013_Thamy Sáfrika



LEGENDA

- LIMITE DA RESTAURAÇÃO DEBVA
- LIMITE DO PLANO DE FUNDIÇÃO
- ESPAÇOS VERDES
- CIRCUNFERÊNCIAS
- PAVIMENTOS EM XADREZ
- ÁREAS ARBÓREAS

PLANTA DE ESPAÇO EXTERIOR_EIRA

Esc. 1/100
Universidade Lusitana VNF Formosa
Faculdade de Arquitectura e Artes
Projecto 8 2018/2020
31/04/23 - Thais Kabata





LEGENDA

- ÁREA DA INTERVENÇÃO URBANA
- ÁREA DO PAVIMENTO DE PAVIMENTAÇÃO
- ESPAÇOS VERDES
- COBERTURAS DO PAVÃO DE PAVIMENTAÇÃO
- COBERTURAS
- PAVIMENTOS EM BRILHO
- MASSA URBANA

PLANTA DE ESPAÇO EXTERIOR_PRAÇA

Esc. 1/100
Universidade Lusóbia VNI Formosa
Faculdade de Arquitectura e Artes
Projecto 8 2019/2020
31/10/2019 - Theresy Ruffalo





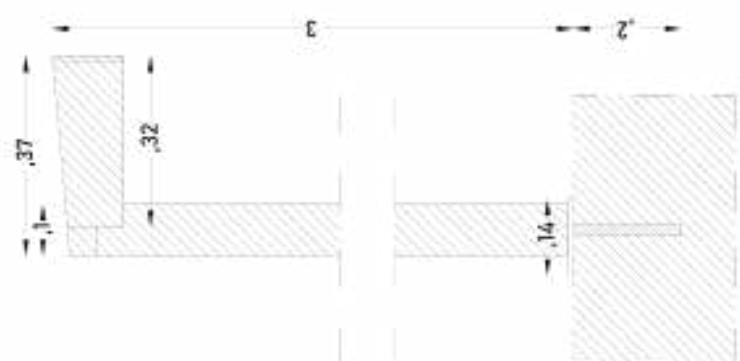
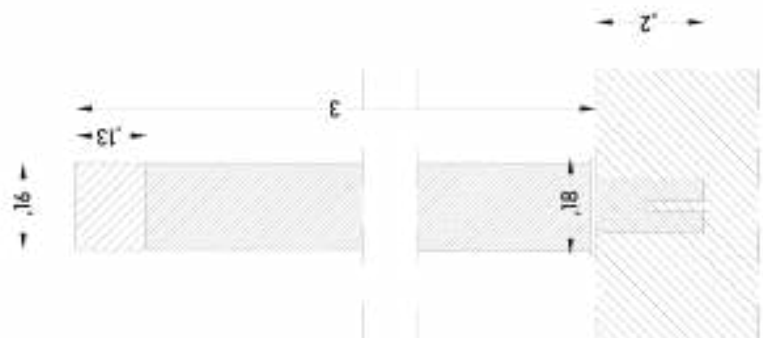
LEGENDA

- LIMITE DA INTERFERÊNCIA LOCAL
- LIMITE DO PLANO DE PORMENOR
- A. PRESERVAÇÃO
- A. DEMOLIR
- A. CONSERVAR
- CORTE DO TERRENO
- CONCRETO
- PAVIMENTOS EM XISTO
- MASSA ARMADA

PLANTA DE VERMELHOS E AMARELOS
ESC. 1/200

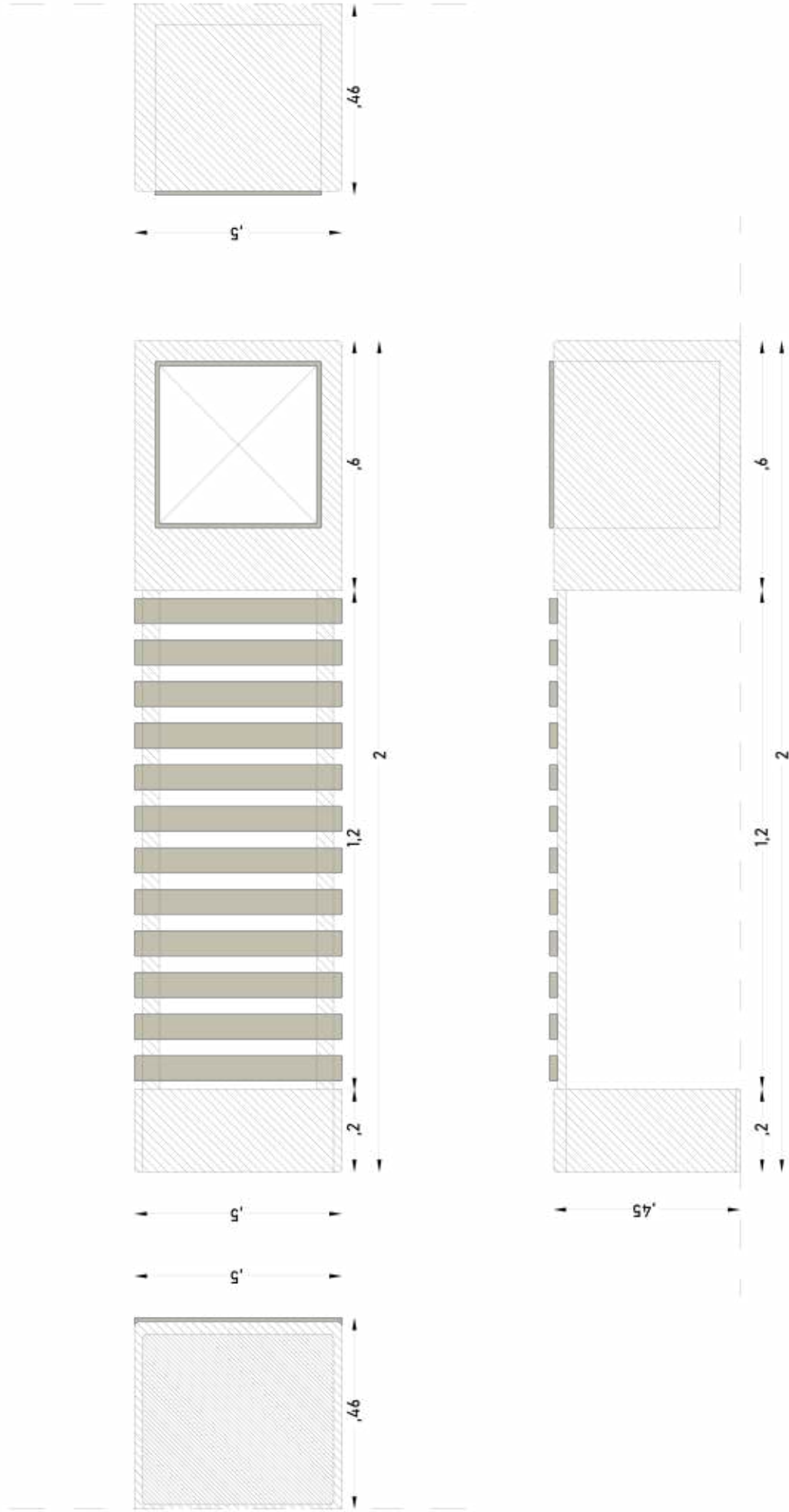
Universidade Lusóvia VNIH Formosa
Faculdade de Arquitectura e Artes
Projecto a 2019/2020
31/794013 - Tereza Rufina





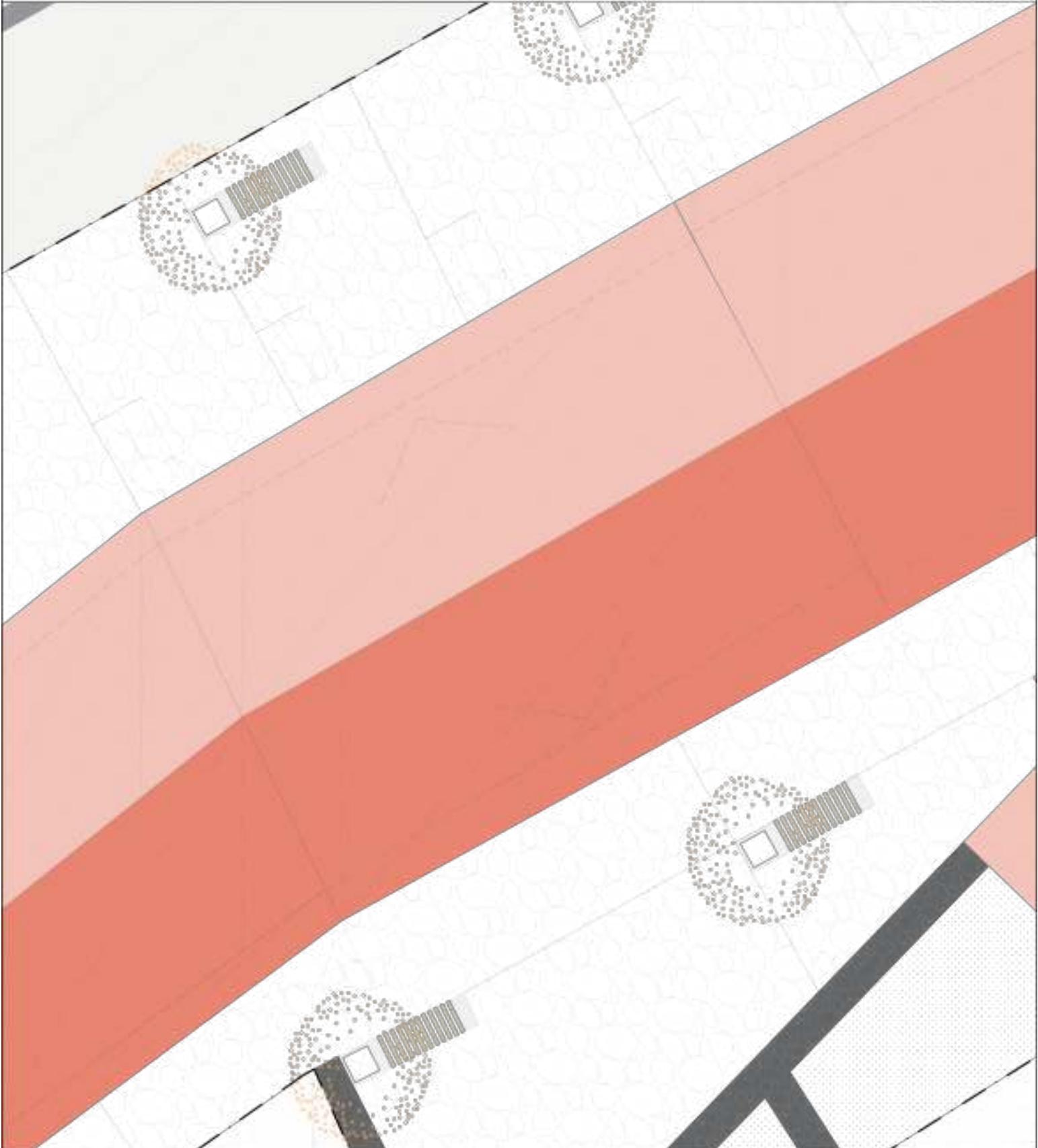
MOBILIÁRIO URBANO_ILUMINAÇÃO

Esq. 1116
 Universidade Lusida VNF Funchal
 Faculdade de Arquitectura e Artes
 Próprio 81 2811/2020
 31705613_Thamy Santos



MOBILIÁRIO URBANO_BANCOS

Edif. 1110
 Universidade Lusíada VNF Famalicão
 Faculdade de Arquitectura e Artes
 Projecto II 2019/2020
 31706013_Thierry Batista



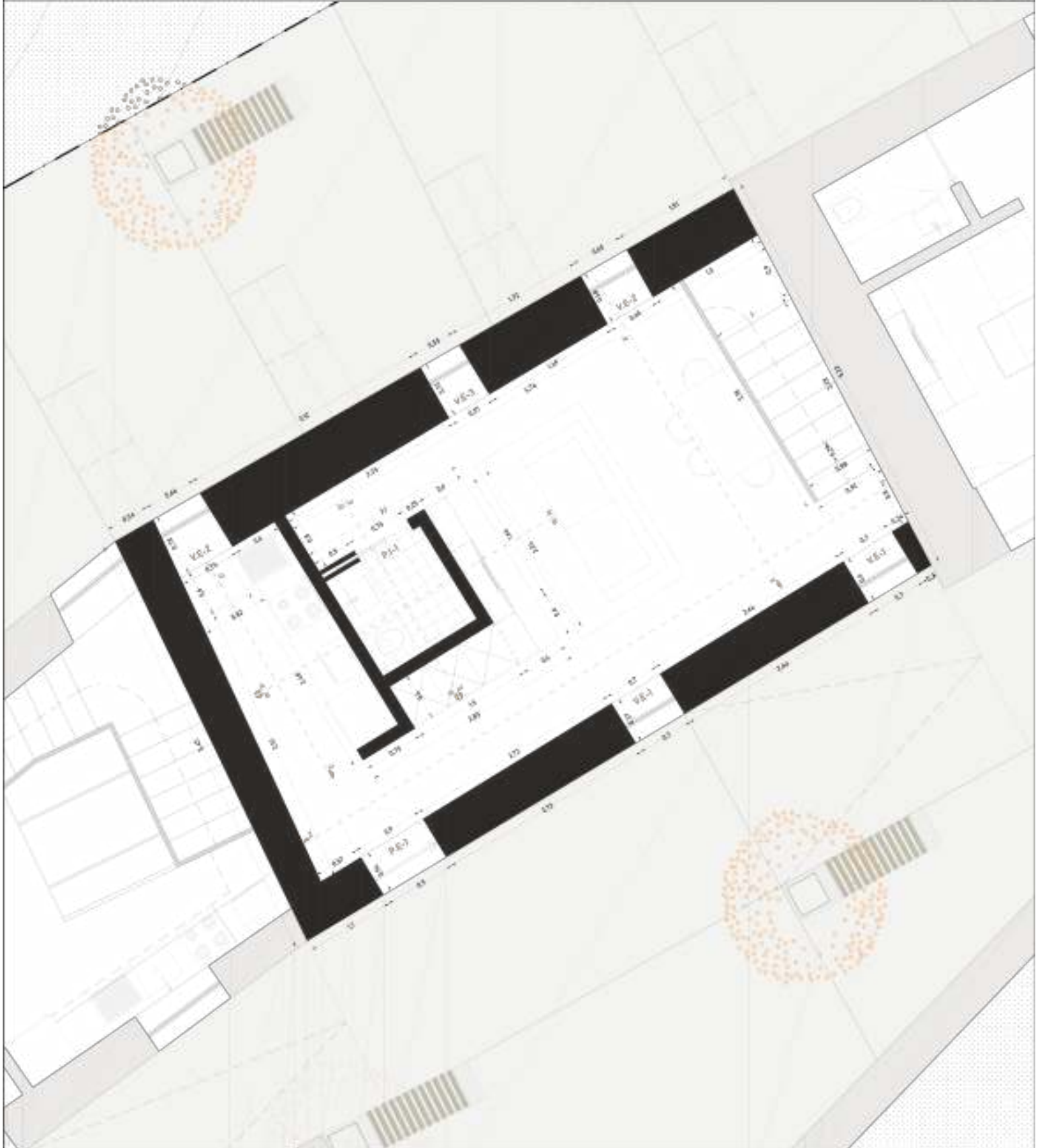
LEGENDA

- ÁREA DE MANEJO DE AGUA
- ÁREA DE TRÁFICO DE MAQUINARIA
- ESPACIO VERDE
- CONTENEDOR DE RESERVA DE TIERRA
- COBERTURA
- REPARACIÓN DE MAQUINARIA
- ÁREA DE ALBERGUE

PLANTA DE COBERTURA
EBC - 1/300

Universidad Luján de Cuyo
Facultad de Arquitectura y Artes
Proyecto a 2019/2020
31/04/2013 - Tereza Kubisa





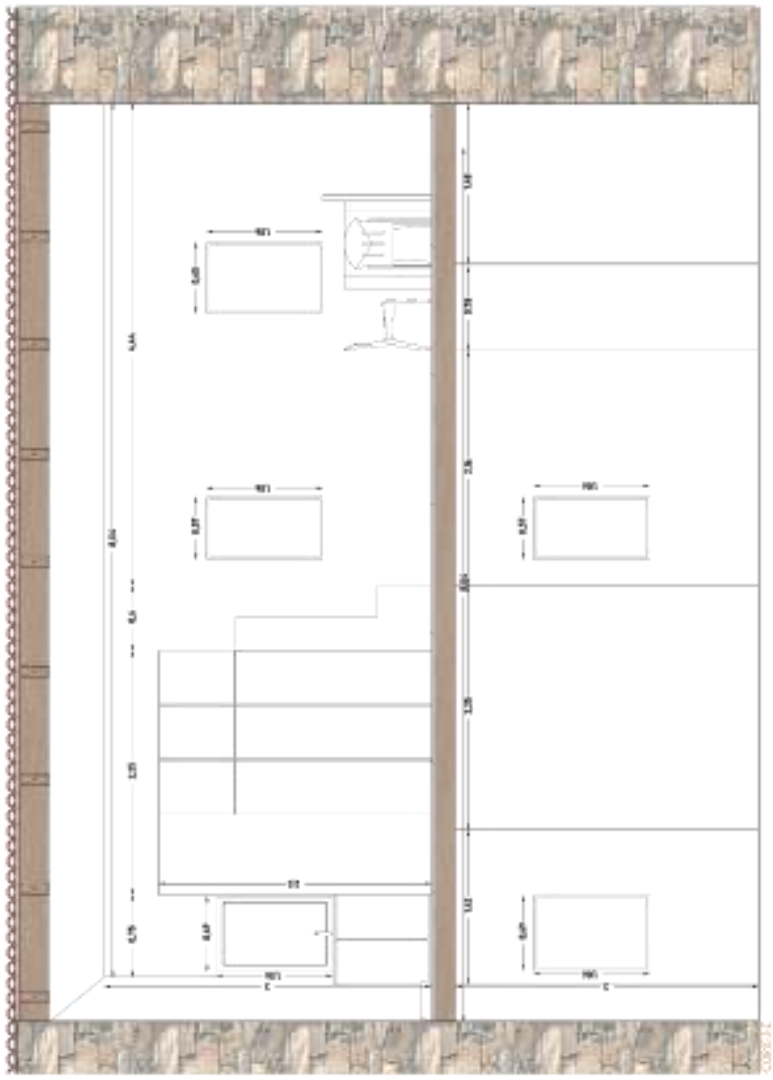
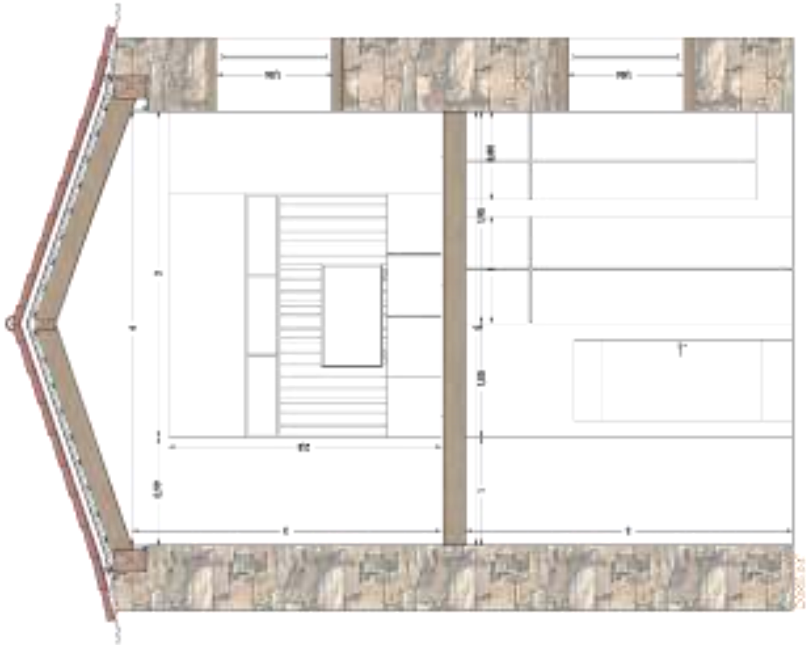
LEGENDA

- LINHA DE IMPLANTAÇÃO
- LINHA DE IMPLANTAÇÃO DE FUNDAMENTO
- COLOUNA
- LINHA DE PORTA DO DESEMPENHO
- REFINADO INTERIO
- CORTIÇA
- COBERTURA
- FUNDAMENTO DE FUNDAMENTO
- FUNDAMENTO DE FUNDAMENTO
- FUNDAMENTO DE FUNDAMENTO
- ANEXO

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO_PISO 0
E.C. 1/50

Universidade Lusitana Viseu Faculdade de
 Engenharia de Arquitectura e Artes
 Projecto 8 2019/2020
 31795013 - Theresia Sobrinho





CORTE DO EDIFICADO




Esc. 1/50



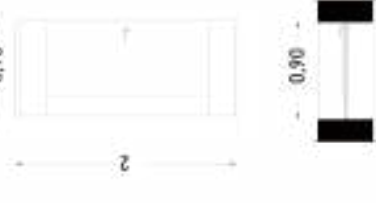
Universidade Lusitana VNI5 Funchal

Faculdade de Arquitectura e Artes

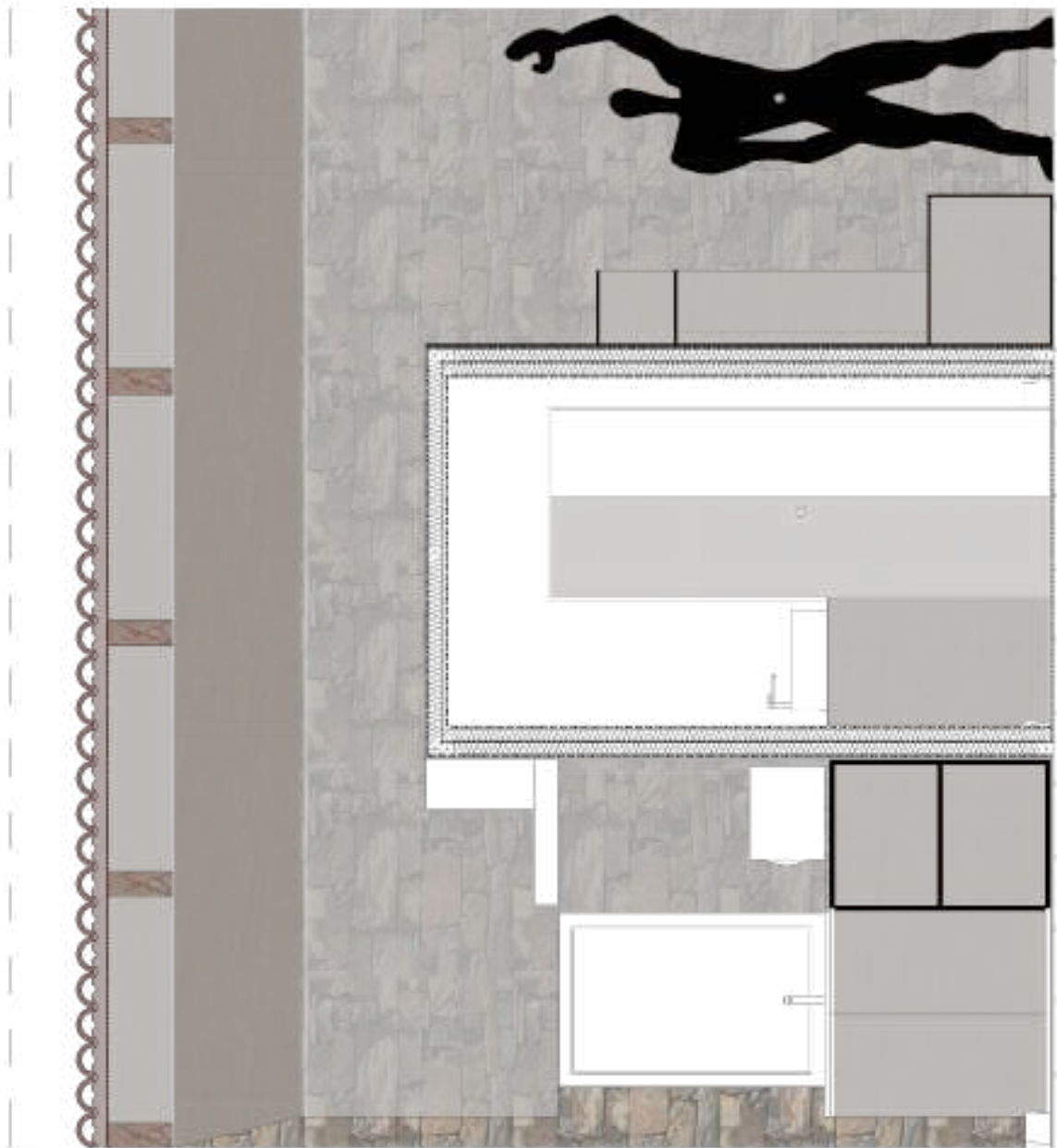
Projecto 8 2019/2020

30/06/23 - Theory Buffets

DESIGNAÇÃO	V.E-1	V.E-2	V.E-3
			
UNIDADES	2	4	2
DIMENSÕES	0,7 x 1,06 m	0,65 x 1,06 m	0,55 x 1,06 m
PUXADOR	-	-	-
FERRAGENS	Aço Inox	Aço Inox	Aço Inox
FECHADURA	-	-	-
VIDRO	Vidro duplo à cor natural	Vidro duplo à cor natural	Vidro duplo à cor natural
DESCRIÇÃO	Janela de balente em alumínio anodizado de cor preta	Janela de balente em alumínio anodizado de cor preta	Janela de balente em alumínio anodizado de cor preta

DESIGNAÇÃO	P.E-1	P.I-1	P.I-2
			
UNIDADES	1	1	1
DIMENSÕES	0,90 x 2 m	0,90 x 2 m	0,90 x 2 m
PUXADOR	Alumínio anodizado de cor preta	Alumínio anodizado de cor preta	Alumínio anodizado de cor preta
FERRAGENS	Aço Inox	Aço Inox	Aço Inox
FECHADURA	alumínio anodizado de cor preta	-	alumínio anodizado de cor preta
VIDRO	-	-	-
DESCRIÇÃO	Perfil balente em madeira de castanho com acabamentos em alumínio anodizado de cor preta	Perfil de coroa em madeira de castanho com acabamentos em alumínio anodizado de cor preta	Perfil balente em madeira de castanho com acabamentos em alumínio anodizado de cor preta

MAPA DE VÃOS

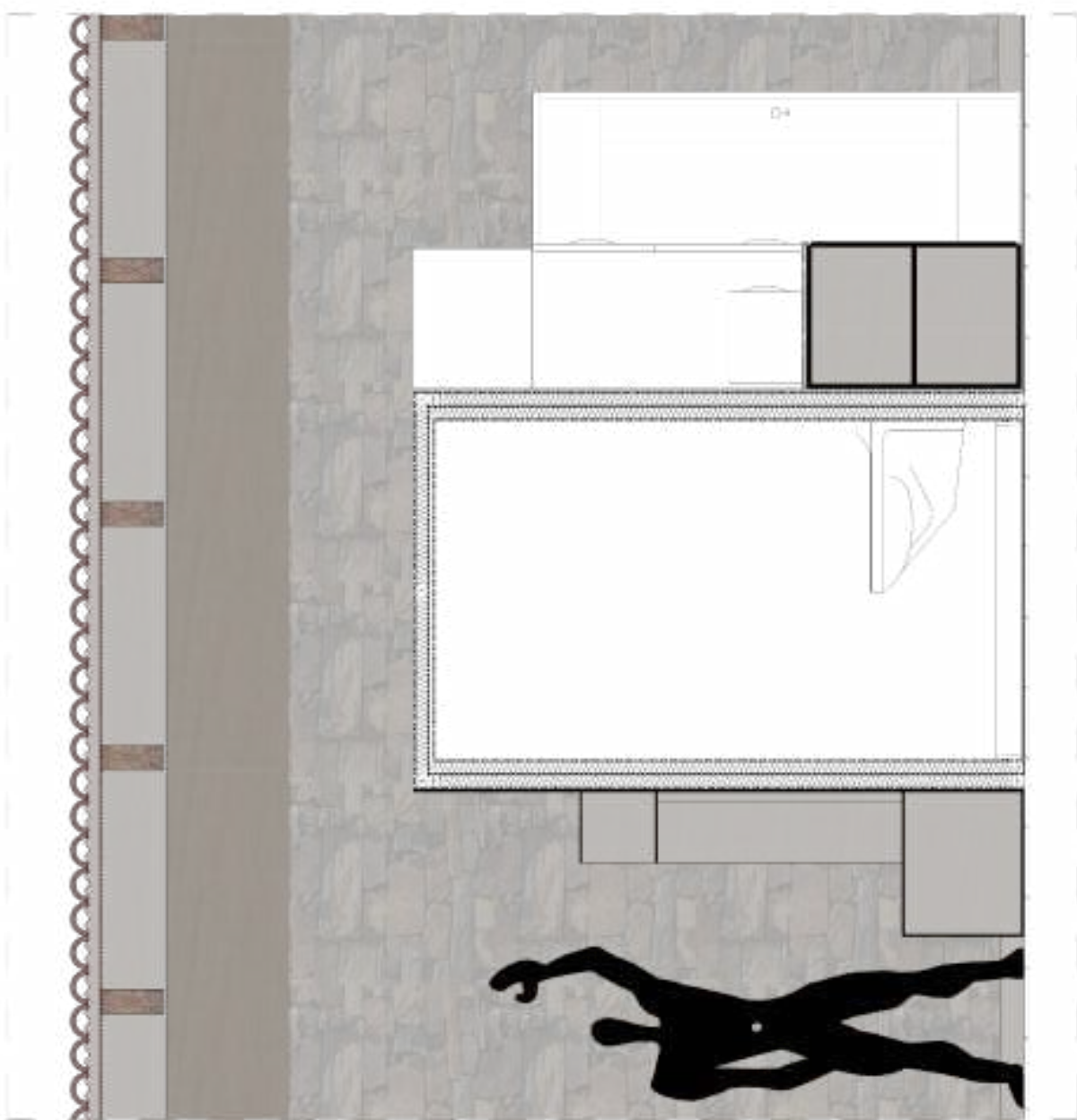


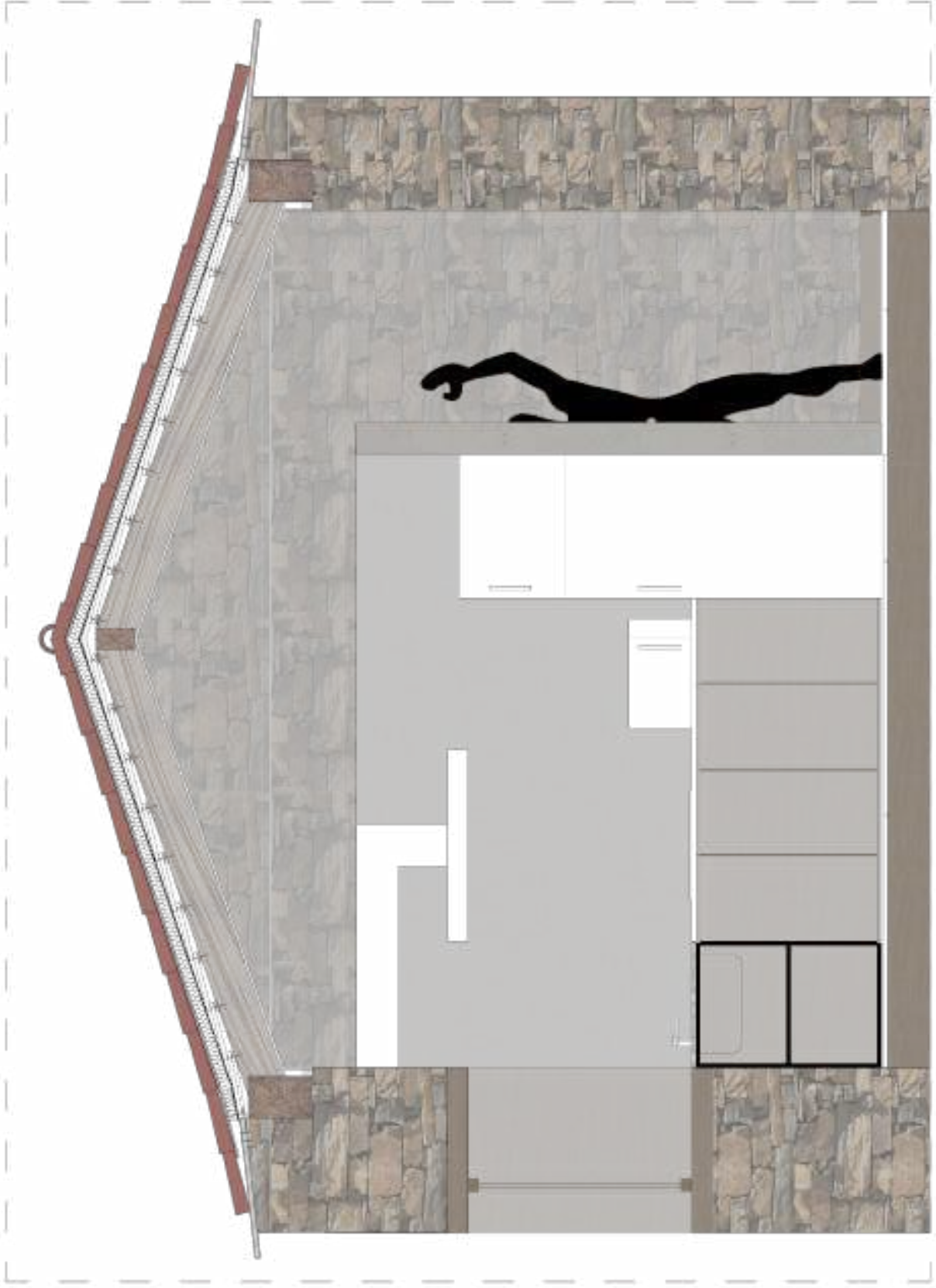
**PORMENOR CONSTRUCTIVO
CORTE COZINHA E WC_ A-A'**
DEL 1/20

Universidade Lusitana VNF Famalicão
Faculdade de Arquitectura e Artes
Projecto 8 2019/2020
31/05/2013 - Tema Sobota

**PORMENOR CONSTRUCTIVO
CORTE COZINHA E WC_ B-B**
Esc. 1/20

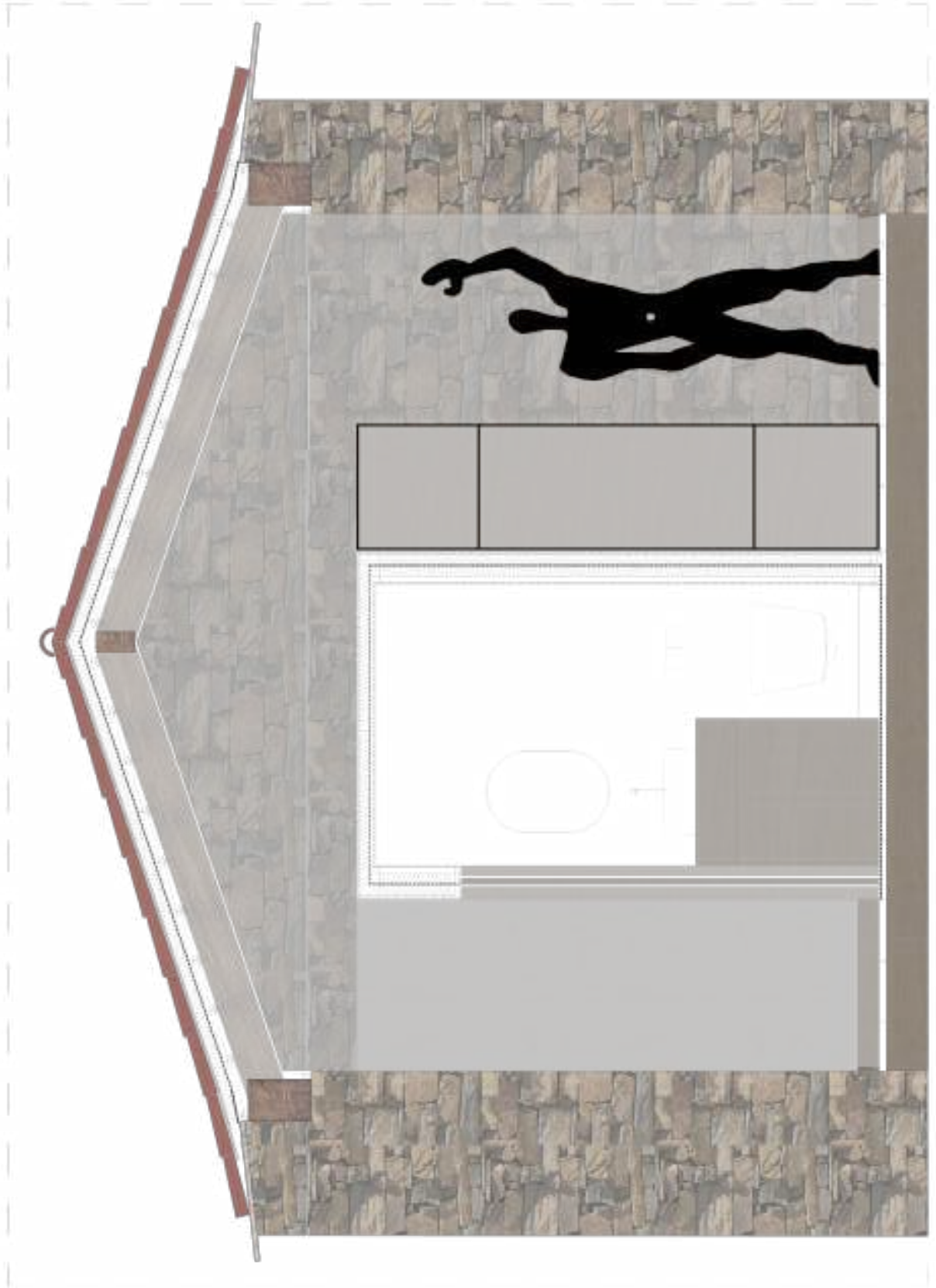
Universidade Lusitana VNI Funchal
Faculdade de Arquitectura e Artes
Projecto 8 2015/2020
20/06/15 - Thamy Rufalo





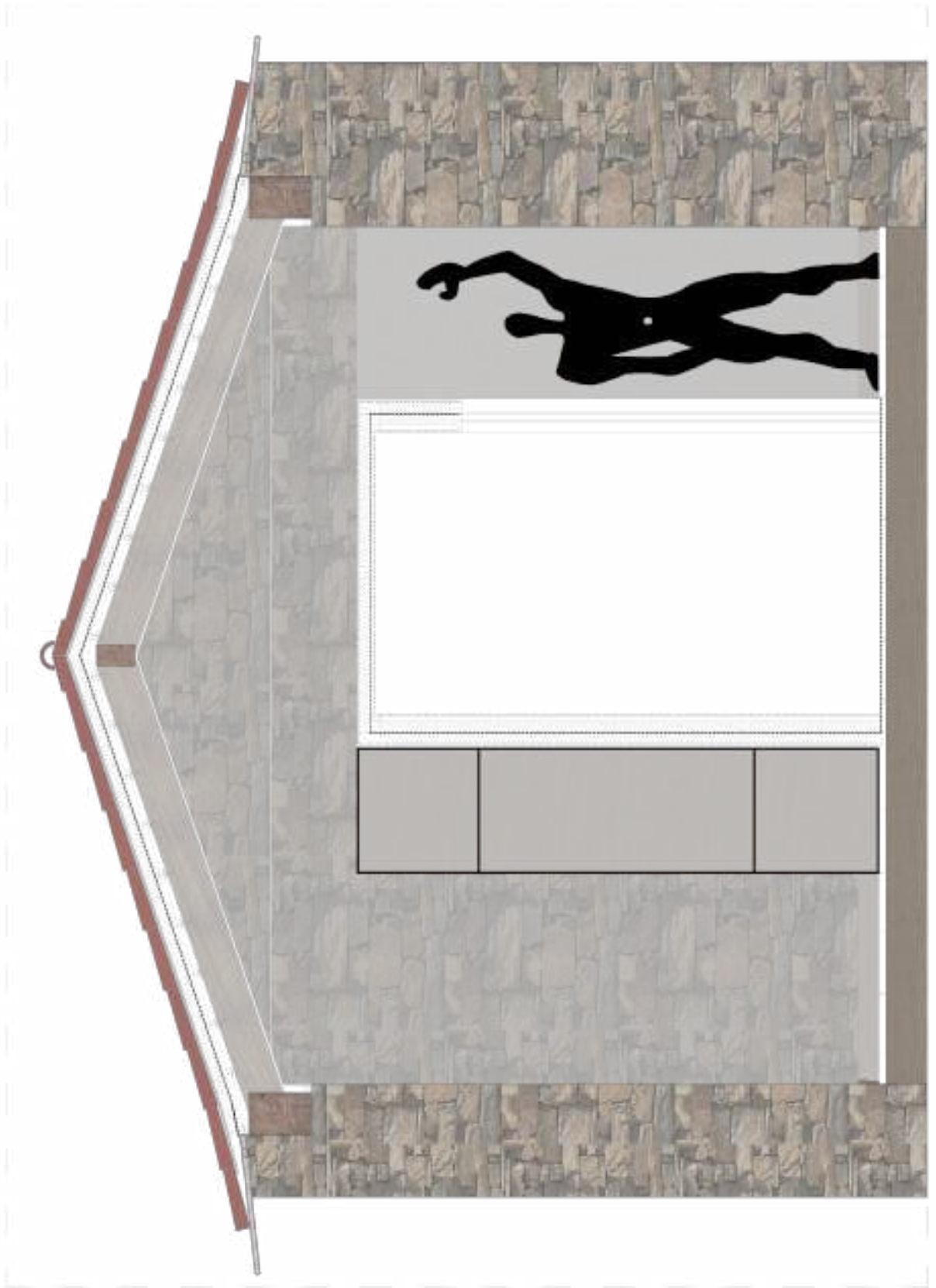
PORMENOR CONSTRUCTIVO
CORTE COZINHA E WC, C-C'
Esc. 1/20

Universidade Lusitana VNI Formado
Faculdade de Arquitectura e Arte
Projecto 8 2015/2020
20/10/2019 - Traça final



**PORMENOR CONSTRUCTIVO
CORTE COZINHA E WC_ D-D'**
Esc. 1/20

Universidade Lusófona do Porto
Faculdade de Arquitectura e Artes
Projeto B 2019/2020
21.706013 - Tema: Habitar



PORMENOR CONSTRUCTIVO -
CORTE COZINHA E WC_ E-E
DEL 1/20

Universidade Lusíada Viseu Faculdade de
Arquitetura e Artes
Projecto 8 2019/2020
31.756013 - Tereza Sobrinho